A VIDA PÓSTUMA DE BILLY FINGERS

ANNIE KAGAN

Tradução: Amadeu António

Annie Kagan, 2013

CONTEÚDO

Prefácio
Agradecimentos

Parte Um: Ainda Billy
Um: A Primeira Coisa Que Acontece
Dois: Ainda Billy
Três: A Natureza Divina de Todas as Coisas
Quatro: Não Lhe Podem Tirar Isso
Cinco: Não Há Sol Sem o Sol
Seis: Holograma
Sete: Missão de Resgate
Oito: Primeiro os Prazeres, Depois a Peste
Nove: Pó de Billy
Dez: Vincent
Onze: Mais Provas

Parte Dois: Até a Alma Muda
Doze: Tornar-se o Universo
Treze: Dois Universos a Cruzarem-se na Luz
Catorze: Não Sei
Quinze: Novo Corpo
Dezasseis: Esfera Azul-Branca
Dezassete: Quântico
Dezoito: Supra Mundo

Dezanove: A Saga da Pérola e da Ostra
Vinte: Livro da Vida
Vinte e Um: Tribos da Alma
Vinte e Dois: Patty Malone
Vinte e Três: Som Cósmico
Vinte e Quatro: A Caixa de Billy
Vinte e Cinco: Tex
Vinte e Seis: A Moeda da Graça
Vinte e Sete: Corrente da Vida
Vinte e Oito: Escritura Sagrada
Vinte e Nove: O Funeral

Parte Três: Da Alma ao Espírito
Trinta: A Morte das Memórias
Trinta e Um: Shvara Lohana
Trinta e Dois: Desfile de Almas
Trinta e Três: O Arco
Trinta e Quatro: Gruta do Lótus Dourado
Trinta e Cinco: Irmãos da Luz Branca

PREFÁCIO

Este livro fascinante poderá, inicialmente, surpreender e desconcertar alguns leitores. Afinal, os acontecimentos que relata podem parecer completamente inacreditáveis e muito para além da realidade. Por isso, estou grato à Dra. Kagan por me ter pedido que escrevesse este prefácio, pois dá-me a oportunidade de falar sobre um dos meus temas favoritos — o incrível mundo dos antigos filósofos gregos.

O americano médio provavelmente achará difícil de acreditar o relato da Dra. Kagan acerca das suas aventuras de outro mundo com um irmão falecido. É pena, contudo, porque os filósofos gregos que fundaram o pensamento ocidental conheciam muito bem o fenómeno notável que ela descreve. Na verdade, os filósofos gregos tinham até um nome para as pessoas que estavam, de algum modo, suspensas entre esta vida e a vida seguinte. Chamavam-lhes "caminhantes entre os mundos".

Os caminhantes entre os mundos desempenhavam importantes funções sociais. Como afirmou o antigo filósofo grego Heraclito, eles "velam pelos vivos e pelos mortos". Por volta de 600 a.C., uma das primeiras destas figuras, Aithalides, dizia-se capaz de passar livremente entre o mundo físico e o mundo da vida após a morte. Na Grécia Antiga, os caminhantes entre os mundos desempenhavam funções que, na sociedade ocidental moderna, são exercidas por indivíduos que têm experiências de quase-morte. Especificamente, eram mediadores, intermediários ou mensageiros entre o reino dos vivos e o reino dos mortos.

O filósofo Menipo foi outro famoso caminhante entre os mundos. Menipo visitou a dimensão da vida após a morte, regressou e escreveu um livro sobre a sua viagem. Foi enviado de volta do além com a incumbência de monitorizar o que estava a acontecer entre os humanos na Terra. Depois, reportava aos seus superiores no mundo do além, mantendo-os informados sobre o progresso da humanidade.

Menipo vestia-se a rigor. Ostentava uma barba grisalha incrivelmente longa e usava uma capa cinzenta comprida, atada à cintura com uma faixa escarlate. Transportava um bastão de madeira talhado a partir de um freixo. Usava um estranho chapéu inscrito com os signos do Zodíaco. Levava a sua missão a sério.

As experiências que a Dra. Kagan relata são completamente consistentes com o tipo de papel que os caminhantes entre os mundos desempenhavam na Antiguidade. E isso não me surpreende. Creio que tais experiências fazem parte da herança psicológica coletiva da humanidade — não são artefactos de uma única cultura.

Suspeito que existam muitas outras pessoas como a Dra. Kagan. No entanto, os ocidentais desenvolveram uma impressão completamente errónea de que experiências como a dela são impossíveis — ou até patológicas. Assim, muitas pessoas a quem estas coisas acontecem simplesmente não as relatam por receio de serem julgadas ou ridicularizadas. Por isso, saúdo a Dra. Kagan pela sua coragem ao escrever este livro.

Em 2006, conduzi um seminário sobre o luto para profissionais e trabalhadores de cuidados paliativos. Uma empresária de meia-idade que trabalhava para a organização perguntou-me sobre algo que lhe aconteceu quando esteve quase a morrer. Ficou gravemente ferida num acidente de viação e deixou o corpo no local. Viu imediatamente um homem idoso de túnica cinzenta de pé à beira da estrada. O homem tinha uma barba grisalha extremamente longa, segurava um bastão e usava um chapéu invulgar. E ela sentiu que ele estava ali para a conduzir para o além. Curiosamente, eu não tinha mencionado Menipo nem outros caminhantes entre os mundos durante a minha apresentação. A mulher relatou espontaneamente a sua experiência, movida pela própria curiosidade. Suspeito que tais encontros nos acompanham há milhares de anos e, sem dúvida, continuam a ocorrer a bastantes pessoas.

O relato instigante da Dra. Kagan é um excelente exemplo.

Dr. Raymond Moody

Esta é uma história verídica. Alguns nomes, locais e outros pormenores identificativos foram alterados para proteger a privacidade das pessoas envolvidas. A cronologia de alguns acontecimentos foi condensada para facilitar a narrativa.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos meus amigos Steve Wander, Caroline Fierro, Brian Keane, Laura Stein, Bobbi Shapiro, Jessica Gormley, Anna Kiersnowska, Eve Eliot, Cathy Gandell, Ruth Washton, Sophie LaPaire e Pamela Millman.

Gratidão aos meus anjos do livro: Dr. Raymond Moody, Mirabai Starr, Elise D'Haene, Katharine Sands, Hal Zina Bennett, Howard Kaplan, Stacey Donovan, Michele D'Ermo, Teresa Kennedy, Ashley Womble, Jillen Lowe e Sallie Randolph.

Obrigada a Deena Feinberg pela minha fotografia de autora, a Justin Smith pela sua magia na fotografia de capa do Billy, e a William Zauscher por me permitir usar a sua magnífica tradução da letra da Oitava Sinfonia de Mahler.

Bênçãos para Barbara, Danielle e Samantha da Poppy Bill, e para o resto da equipa, Mems, Rocco, JimBob, Leslie e Steven.

Um agradecimento especial por se terem juntado a mim nesta odisseia a Michele Tempesta, Ann Patty, Claire Gerus, Jill Mangino, Tex, Stephen Gorad, à minha editora Jan Johnson e à equipa da RWW, e ao Cherry Boy, je t'adore.

Todo o meu amor à minha família: à minha mãe, Florence, cuja beleza sombria e força de deusa passaram a residir como a leoa do meu coração; ao meu pai, Irving, o meu belo e encantador Rhett Butler, que sempre me olhou como se eu fosse o maior milagre da Terra; e a Billy, o meu irmão Buda-rapaz-mau.

Parte Um

Ainda Billy

UM

A Primeira Coisa Que Acontece

A Polícia de Miami-Dade deixou uma mensagem no meu atendedor de chamadas às nove da manhã. "Se conhece William Cohen, por favor contacte o Sargento Diaz através do 305…"

Oh não! O Billy deve ter sido preso. Prisão, não. Não outra vez. Não tão tarde na vida.

Ainda me causava náuseas pensar na vez em que o meu irmão foi preso, quase trinta anos antes; o som seco do martelo do juiz, as palavras "vinte e cinco anos a prisão perpétua", a minha mãe a chorar nos meus braços, a implorar ao juiz que mudasse de decisão. O dia em que vi a polícia algemar o Billy e levá-lo para Sing Sing por vender cocaína foi provavelmente o pior dia da minha vida.

Estava a tremer quando marquei o número da Polícia de Miami.

"Fala a irmã de William Cohen. Ele foi preso?"

"Não", disse o Sargento Diaz, numa voz suave. "Foi atropelado por um carro às duas e meia da manhã. Lamento. O seu irmão está morto."

O meu coração gelou. Morto? A minha cabeça começou a andar à roda. Senti tonturas. Procurei uma cadeira e sentei-me.

"O que aconteceu?"

"O William vinha das urgências do South Miami Hospital. Estava embriagado e correu para a autoestrada", informou o sargento.

"Estava lá?" perguntei.

"Sim, minha senhora. Fui chamado ao local do acidente."

"O Billy ficou ferido?" Ferido? O que estou eu a pensar? Tinha sido atropelado por um carro! "Quer dizer, foi levado para o hospital?"

"Não, minha senhora. O seu irmão nem sequer percebeu o que o atingiu. Morreu instantaneamente. Não sofreu nada."

Morreu instantaneamente? Não sofreu? Como poderia ele saber isso? O sargento estava a tentar suavizar o golpe, mas não estava a resultar.

"O William estava a usar uma pulseira de identificação hospitalar. Obtivemos o seu nome e número de telefone nos registos."

Foi assim que me encontraram! O Billy sempre me indicava como contacto "em caso de emergência".

O Sargento Diaz pigarreou. "Escute, minha senhora, não precisa de identificar o corpo. A pulseira é suficiente. É melhor recordá-lo como ele é agora na sua memória."

Melhor recordá-lo como ele é agora? Meu Deus!

O sargento deve ter percebido que comecei a chorar, porque a seguir disse: "É um pouco contra os regulamentos, mas se me der a sua morada envio-lhe os objetos que o seu irmão tinha consigo."

Como não precisava de ver o corpo do Billy depois do acidente, não havia razão para voar de Nova Iorque para Miami. Quando o meu irmão, de sessenta e dois anos, morreu, era sem-abrigo, por isso tudo o que possuía estava nos bolsos. O meu irmão deixara as coisas organizadas para mim — não como quando estava vivo. Aquilo que eu temera durante anos tinha finalmente acontecido. O Billy estava morto.

Telefonei ao conselheiro de dependência do Billy no South Miami Hospital. A voz do Eddie soava tensa.

"O Billy apareceu ontem à noite nas urgências, drogado e a tossir sangue. Queria ser internado, mas quando a enfermeira lhe disse que teria de ir para a unidade de desintoxicação, ficou agressivo, pegou numa cadeira e ameaçou-a. Ela chamou a polícia, o Billy fugiu e, enfim, sabe o resto. O seu irmão simplesmente não confiava no seu Poder Superior. Estou muito desapontado com ele."

Desapontado? O Billy estava morto. E o Eddie estava desapontado? Desliguei-lhe o telefone na cara e atirei o aparelho para o outro lado da sala, para afastar as suas palavras o mais possível de mim.

Oh Deus, o Billy está morto! O meu corpo doía tanto que parecia ter sido eu a ser atropelada. Meti-me na cama ainda vestida e puxei os cobertores sobre a cabeça. Então lembrei-me da coisa incrivelmente estranha que fizera no dia anterior.

Embora não falássemos há meses, durante a última semana tinha pensado obsessivamente no Billy. Isto era invulgar, porque tentar não pensar no Billy era uma tática de sobrevivência que começara a praticar no quarto ano de escolaridade. Em pequena, eu adorava o meu irmão mais velho, mas tinha sempre medo de que algo terrível lhe acontecesse. O Billy estava constantemente metido em sarilhos. Eu não sabia exatamente o que "sarilhos" significava, mas quando a situação se agravava, ele era enviado para algum lugar misterioso. E quando os problemas eram mesmo graves, os meus pais nem sequer sabiam onde o encontrar.

No quarto ano, os meus pais explicaram-me que os problemas do Billy tinham um nome: "dependência de heroína". Para me distanciar da ansiedade, comecei a praticar a arte da frieza.

Todos estes anos depois, na semana anterior à sua morte, por mais fria que tentasse ser, não conseguia parar de pensar no Billy. Viver sozinha numa pequena casa isolada na costa de Long Island e trabalhar a partir de casa não ajudava. Tentei distrair-me da angústia mantendo a rotina — levantar-me às seis, dar comida aos gatos, meditar, caminhar junto à baía, preparar o almoço, trabalhar no meu estúdio de música a escrever canções.

Sentada ao meu teclado elétrico, tudo em que conseguia pensar era no Billy. Queria telefonar-lhe, ouvir a sua voz, dizer-lhe que o amava, ajudá-lo de alguma forma. Mas não sabia como contactá-lo. Parte de mim tinha medo de o fazer. Tinha a certeza de que ele estava em mau estado.

No dia antes da morte do Billy, numa manhã gelada de Janeiro, vesti duas camisolas, um casaco de penas e dois gorros de lã e aventurei-me no ar cortante. Atravessei as folhas castanhas congeladas, passei pela mata despida de Inverno e desci a escadaria de madeira que conduzia à baía. Nunca peço favores a Deus, mas naquela manhã olhei para o céu prateado, levantei os braços e imaginei que empurrava o Billy para as mãos do grande Divino. "Cuida dele por mim", sussurrei.

Horas depois, o Billy estava morto.

Nos dias seguintes fiquei na cama, incapaz de fazer outra coisa que não fosse beber chá. Diz-se que existem diferentes fases do luto — choque, culpa, raiva, depressão. Mas todos esses sentimentos colidiram e abateram-se sobre mim ao mesmo tempo.

A minha amiga Tex passou por minha casa para ver como eu estava.

"É estranho", disse-lhe. "Não é exatamente tristeza. Sinto-me como uma boneca de vodu com alfinetes espetados por todo o lado."

Tinha dado à Tex a sua alcunha vistosa porque media um metro e oitenta, tinha cabelo escuro, feições angulosas e gostava de botas de cowboy. Apesar do aspecto duro, era bondosa e pensava sempre antes de falar.

"Oh, querida," disse a Tex, pegando-me na mão, "Isso é luto." A Tex saberia. Ela perdeu o irmão mais velho, o Pat, num acidente de avião, quando era apenas adolescente.

Três dias depois da morte do Billy, uma tempestade monstruosa atravessou Long Island. Encostei o pé da cama à janela e fiquei a ver a nevasca a despedaçar o mundo lá fora. O Billy adorava tempo selvagem e turbulento, e, à medida que a tempestade apagava tudo, senti uma espécie de satisfação. A neve estava a "apagar em branco" o meu mundo, tal como a morte tinha "apagado em branco" o do Billy. Sempre acreditei que algo existe para além da morte, mas o que seria esse algo, não fazia ideia. Enquanto o vento uivava pelas janelas, tinha a certeza de que era o espírito do Billy, a fazer o seu barulho habitual, a bater pelo céu, a tentar encontrar o caminho.

A tempestade passou e os ventos acalmaram. Passei os dias quase sempre na cama, a chorar. O resto do tempo engolia Valium até ficar uma zumbi ambulante. O meu cabelo longo, escuro e ondulado estava liso e despenteado, os olhos inchados em fendas, a pele abatida. Já não parecia ter quarenta e tal anos — parecia ter cem — e isso não me importava, porque todas as vezes que me via ao espelho o veredicto era sempre o mesmo: culpada.

Nos últimos anos tinha feito tudo o que podia para ajudar o Billy: hospitais, centros de reabilitação, psiquiatras, clínicas de metadona. Nada resultou. A luta dele tornou-se um buraco negro que me sugava para o caos dele. Apanhava uma doença diferente de quinze em quinze dias e ia de médico em médico. Por fim, supliquei-lhe: "Já não aguento mais! Por favor, para de me ligar!" Mas ele não parou. Não conseguia. Depois, em vez de falar, passávamos a maior parte do tempo a chorar e a gritar um com o outro. Um dia ele parou mesmo de ligar. E agora tinha-se ido embora.

Três semanas de miséria pós-morte e autoacusações depois, foi o meu aniversário. Mesmo antes do nascer do sol, enquanto acordava, ouvi alguém a chamar o meu nome de cima de mim.

Annie! Annie! Sou eu! Sou eu! É o Billy!

Era a voz inconfundível do Billy, grave e suave. Fiquei sobressaltada, mas nem um pouco assustada. Na verdade, senti-me reconfortada.

"Billy?" disse eu, meio a dormir. "Não podes estar aqui. Estás morto. Devo estar a sonhar."

Não estás a sonhar. Sou eu! Levanta-te e vai buscar o caderno vermelho.

De repente, estava completamente acordada. Tinha-me esquecido completamente do caderno de couro vermelho que o Billy me enviara no ano anterior para o meu aniversário. Fiquei tocada por ele ter feito o esforço de me mandar um presente, mesmo estando sobrecarregado pelos vícios.

Saltei da cama e encontrei o caderno vermelho numa prateleira do roupeiro do quarto. As páginas estavam em branco, exceto por uma inscrição na primeira página.

Querida Annie, Toda a gente precisa de um livro dedicado a si. Lê nas entrelinhas. Com amor, Billy

Que coisa estranha para o Billy ter escrito! Ler nas entrelinhas? Passei os dedos pela letra familiar. Depois ouvi-o novamente.

Sou mesmo eu, Annie. E estou bem, está tudo bem porque… Peguei numa caneta e escrevi o que ele dizia no caderno vermelho.

A primeira coisa que acontece é a beatitude; pelo menos foi assim no meu caso. Não sei se é igual para toda a gente que morre. Quando o carro me atropelou, esta energia veio e sugou-me logo para fora do corpo, para um reino superior. Digo "superior" porque senti que subia e, de repente, toda a minha dor desapareceu.

Não me lembro de pairar sobre o meu corpo nem de olhar para baixo ou coisa do género. Acho que estava ansioso por sair dali. Soube logo que estava morto e aceitei-o, mais do que pronto para o que viesse a seguir.

Não senti viajar a nenhuma velocidade em particular. Apenas me senti leve e sem peso enquanto o movimento de sucção me puxava para dentro de uma câmara de luzes azuladas prateadas densas. As pessoas que têm

experiências de quase-morte às vezes dizem que passaram por um túnel. Uso a palavra "câmara" porque um túnel tem lados, mas, olhasse para onde olhasse, só havia luz até onde a vista alcançava. Talvez a diferença seja que eu tinha bilhete só de ida e o delas era de ida e volta.

E mesmo sem ter mais corpo, parecia que tinha e que ele estava a ser curado. As luzes da câmara penetravam-me e faziam-me sentir cada vez melhor à medida que me puxavam para cima. Não eram só as feridas do acidente de carro que estavam a ser curadas. No primeiro nanossegundo em que as luzes me tocaram, apagaram qualquer mal que eu tivesse sofrido na vida: físico, mental, emocional ou outro.

Logo o Pai apareceu mesmo ao meu lado, jovem, sorridente e bonito como sempre. Estava a fazer piadas e a perguntar: "O que é que te demorou tanto?"

Foi fantástico ver o Pai, mas acho que ele estava lá como uma referência familiar num território estranho. Digo isto porque só esteve comigo durante parte da viagem e o Pai definitivamente não era o evento principal.

O evento principal eram as luzes prateadas e a sua atmosfera de festa. Aquelas luzes curativas tinham um sentimento festivo, como se me estivessem a aplaudir, a dizer: "Bem-vindo a casa, filho."

Não sei quanto tempo estive a flutuar pela câmara curativa, porque já não tenho noção do tempo. Mas posso dizer que aquela câmara era uma espécie de canal cósmico de nascimento que me entregou a esta nova vida.

Quero que saibas, querida, que já não há nada duro nem cruel para mim. Deslizei da câmara diretamente para o Universo glorioso. Estou a flutuar sem peso pelo espaço, com estas estrelas, luas e galáxias magníficas a piscar à minha volta. Toda a atmosfera está cheia de um zumbido reconfortante, como se centenas de milhares de vozes estivessem a cantar para mim, mas tão longe que mal as consigo ouvir.

E embora não possa dizer exatamente que alguém estava aqui para me receber, assim que saí da câmara senti uma Presença Divina; uma presença gentil, amorosa, benevolente, e, na verdade, isso bastou.

Além da Presença Divina, também sinto seres à minha volta — Seres Superiores, suponho que lhes chamarias. Não sei explicar por que uso a palavra "seres" no plural e não no singular; só sei que há mais do que um.

Não os vejo nem os ouço, mas sinto-os a mover-se, a passar rapidamente, a fazer coisas que me dizem respeito. E embora não faça ideia do que sejam essas coisas, acho que flutuar aqui no espaço é eufórico em vez de aterrorizante porque estou a ser cuidado por esta equipa celestial.

Estou a olhar para a Terra, e ela está lá em baixo. É como se houvesse um buraco no céu, um buraco entre os nossos dois mundos, através do qual consigo ver-te. Sei o quão triste estás com a minha morte. Triste é palavra pequena. Desolada é mais apropriado. Mas a morte não é tão grave como pensas, querida. Até agora, está a ser muito agradável. Não podia estar melhor, na verdade. Tenta não levar a morte demasiado a sério. Aliás, tenta não levar a vida demasiado a sério. Ias divertir-te muito mais. Esse é um dos segredos da vida. Queres saber outro segredo?

Dizer adeus também não é tão grave como parece, porque nos vamos encontrar outra vez.

Tão subitamente como veio, a voz do Billy dissolveu-se. Estava sentada na cama, o caderno vermelho encostado aos joelhos, as primeiras páginas cheias das palavras do Billy na minha letra. Teria imaginado a voz dele? Talvez. Mas de onde vieram aquelas palavras? Definitivamente não eram minhas.

Dentro da capa da frente do caderno encontrei um cartão que o meu irmão enviara com ele — um desenho animado de um grande gato laranja a abraçar um gatinho roxo delicado. A mensagem do cartão era impressionante: És real ou estou a sonhar contigo?

Estaria eu a ter uma reação estranha de luto, tipo sonho? Como poderia saber? Não podia, e naquele momento não me importava mesmo. Pela primeira vez desde a morte do Billy senti-me feliz… mais do que feliz. O Billy estava bem. E enquanto descrevia flutuar em beatitude pelas estrelas, a atmosfera do mundo dele tinha de alguma forma fluído para o meu. Estava quase eufórica.

E de repente senti fome. Levantei-me da cama, fui à cozinha e fiz um bule de chá. Enquanto me sentava à mesa a devorar bolachas com marmelada, abri uma revista. Olhava para mim um anúncio de papel higiénico White Cloud. Mostrava uma nuvem com um pedaço cortado que a fazia parecer um buraco no céu. Não tinha o Billy acabado de dizer que me via através de um buraco no céu? Fiquei arrepiada. Talvez o anúncio fosse uma espécie de sinal.

"Isso é ridículo", disse para mim mesma. "Estou mesmo a enlouquecer um bocadinho." Mas uma parte de mim perguntava-se se não haveria mesmo uma ligação.

És real ou estou a sonhar contigo?

Tudo era tão estranho, mas encaixava — a aparição do Billy, o caderno vermelho esquecido, a inscrição, a mensagem do cartão, a imagem do buraco no céu. E antes de ouvir o Billy, estava tão deprimida que mal conseguia levantar a cabeça da almofada. Agora sentia-me completamente serena.

Teria o Billy aparecido só desta vez para me dizer que estava bem? Seria o fim? Esperava que não. Se ele voltasse uma segunda vez, estaria preparada. Seria objetiva e alerta para perceber se era real. Decidi atraí-lo de volta mantendo o caderno vermelho e uma caneta sempre comigo.

DOIS Ainda o Billy

Decidi não contar a ninguém sobre o Billy. Há dez anos, quando me ensinaram a meditar na luz interior, o meu professor instruiu-me a guardar as experiências espirituais para mim; caso contrário, poderia perdê-las. Ouvir o Billy do além era uma experiência espiritual, não era? Se isto fosse real, não queria arriscar perdê-lo.

Cinco dias depois do meu aniversário, enquanto o nascer do sol tingia o meu quarto branco de tons de rosa suave, ouvi novamente a voz do Billy. De olhos turvos, estendi a mão debaixo da almofada para o caderno vermelho, levantei a cabeça e comecei a rabiscar.

Olá, Princesa. Bom dia.

Quando o Billy era vivo, chamar-me "Princesa" nunca era um elogio. Desde o início, a minha vida parecia encantada em comparação com a dele, e ele guardava-me rancor por isso. O Billy era uma "criança-problema" — e eu era uma "pequena anjo". Cantava e dançava em peças da escola — ele tentou cantar numa banda, mas não conseguia afinar. O Billy reprovou no secundário — eu era aluna de notas excelentes. Quanto melhor eu me saía, pior ele ficava, e se sentia. Sentindo-me culpada, tentava conquistar o afeto dele, mas era algo em que nunca conseguia ter sucesso.

Estaria o Billy agora a usar o apelido "Princesa" porque ainda guardava rancor? Não parecia. A luz que vinha com a voz dele enchia-me de amor.

Gosto da ideia de tu, ou eu, escrever um livro. Acho que talvez devesse pedir permissão, mas estou a flutuar no espaço e não há ninguém a quem perguntar. Ninguém, isto é, exceto os Seres Superiores invisíveis de que falei antes, e não quero perturbar a benevolência deles pedindo favores tão cedo [risos].

Nunca pedi permissão para nada em vida. Era um acordo diferente. Quem tem poder aqui deve ter poder. Não é como na Terra. Há uma tal falta de bondade no vosso planeta.

É difícil ser-se sempre bondoso onde estás, porque se não endureceres, afundas-te. A natureza da existência aí é dura. Tapa-se um buraco e logo aparece outro. É suposto ser assim, por isso não te preocupes demasiado com isso.

Eu tinha acabado com a minha vida, Annie. Paguei a minha dívida, embora não seja o que normalmente se pensa como pagamento. Não foi um preço pelos meus supostos pecados. Foi mais uma questão de aprendizagem.

Como sei que a minha vida não foi um castigo por transgressões passadas? Bem, porque não existe tal coisa. Não estás na Terra para seres castigada. Não se trata de pecado e castigo. Isso é um conceito humano. Algo que o homem inventou.

Claro, há muita dor na vida, mas não porque tenhas feito algo para a merecer. Aqui vai outro segredo para ti, mana mais nova. A dor é apenas parte da experiência humana, tão natural como respirar, ver ou o sangue a circular nas veias. A dor faz parte do acordo da Terra, por isso não te preocupes demasiado com ela. Embora admita que eu próprio não era exatamente fã de dor.

E como sei tudo isto? Francamente, não sei. De repente sei um monte de coisas que não sabia em vida. Quando nascemos, quando saímos, esse grande "pop" dá-nos uma espécie de amnésia. Uma das principais coisas que fazemos em vida é tentar lembrar o que esquecemos.

Aqui há um tipo diferente de conhecimento. És realmente compreendida, e que alívio isso é. Tantos problemas na vida vêm de não sermos compreendidos ou conhecidos. As pessoas na Terra às vezes vislumbram a alma umas das outras, como quando se apaixonam. A diferença é que aqui eu sou a minha alma. Continuo a ser o Billy, mas sem corpo.

Imagino que possa ser difícil para algumas pessoas não ter corpo. Quando percebes que acabaste de morrer, com toda a confusão que ouviste na Terra sobre o que poderia estar à tua espera, suponho que podes sentir apreensão. Eu não. Mergulhei na morte. Senti-me logo em casa.

Eu sei, minha doce irmã, estás a perguntar-te se tudo isto não será apenas um produto da tua imaginação, algo que a tua mente inventou para te ajudar a sentir-te melhor com a minha recente partida da Terra. Como vais saber se é real? Bem, porque te vou dar evidências — vamos chamar-lhe provas — para saberes com certeza que não é a tua imaginação e que sou mesmo eu, Annie. É o Billy.

E faz uma coisa por mim, Menina Greta Garbo. Dá uma moeda à Tex.

Enquanto o Billy falava, eu compreendia tudo o que ele dizia. Mas, depois de a sua voz se dissipar, não conseguia recordar uma única palavra. Mais uma vez, o Billy tinha-me colocado num estado de euforia. Comunicar com a alma dele fizera com que a minha se abrisse, e o mundo inteiro tinha mudado. Já não me importava ser objetiva. O Billy tinha regressado. Era tudo o que me importava. Deitei-me durante algum tempo para me concentrar na respiração e voltar um pouco a mim. Depois disso, desci as escadas, acendi alguns toros na lareira e tentei reorientar-me. A minha mente lançou uma torrente de perguntas: Estaria isto realmente a acontecer? Porque conseguia eu ouvir o meu irmão morto a falar comigo? Teria acabado de passar por algum tipo de experiência fora do corpo? Não me parecia. Eu não tinha viajado para lado nenhum. O lado nenhum tinha vindo até mim.

Abri o caderno vermelho e reli o que tinha escrito. Soava ao Billy, no seu melhor — sábio e encantador — ao Billy quando estava lúcido e sóbrio.

E ele parecia ser capaz de me ler. Sabia que eu duvidava de que fosse real.

De repente, já não parecia lógico que eu estivesse a ter delírios. Os delírios não reconhecem as nossas dúvidas. Talvez o fenómeno Billy fosse como um membro fantasma, algo que parecia ainda lá estar mesmo quando já não estava. Ou talvez eu estivesse a ouvir a voz dele dentro da minha cabeça, como quando alguém diz: "Consigo ouvir a voz do meu pai na minha cabeça a dizer-me…"

Só que esta voz não estava dentro da minha cabeça — estava fora, e soava como se eu estivesse no fundo de uma longa escadaria e ele no topo. Das duas vezes que o ouvi, ele estava acima de mim e à direita.

Ainda mais estranho era o facto de me ter dito para dar uma moeda à minha amiga Tex. Porquê? Como é que ele sequer sabia o nome dela? Nunca tinha conhecido a Tex. E agora queria que eu lhe falasse dele. Durante toda a minha vida fiz coisas pelo Billy que não queria fazer — mentir aos meus pais, dar-lhe dinheiro, deixá-lo dormir no sofá do meu minúsculo apartamento durante semanas seguidas. Teria eu ainda de fazer o que ele queria agora que estava morto?

A ideia de contar à Tex sobre o Billy fez com que a magia da dimensão dele se desvanecesse. À medida que o meu estado de espírito esmorecia, o mundo mundano parecia ainda mais mundano do que antes. Ainda assim, algo excitante tinha acontecido. Algo muito para além da minha existência rotineira e quotidiana.

Três anos antes, eu tinha sido tomada por um profundo cansaço do mundo. Talvez quase uma década de meditação séria me tivesse tornado demasiado desprendida dos altos e baixos da existência normal. Por fora, a minha vida parecia bastante boa — uma carreira de sucesso como quiroprática em Nova Iorque, um marido que era sócio de um escritório de advogados, e uma colaboração como compositora com um produtor musical talentoso. Mas, em poucos meses, tudo se desmoronou. O meu marido, Steve, passou subitamente a parecer-me um estranho; trabalhar com pacientes dava-me enxaquecas; e não tinha vendido uma única canção.

A única coisa de que tinha a certeza era de que queria solidão. Daí a alcunha que o Billy me dera: Greta Garbo. Assim, sentindo que estava a saltar de um precipício, separei-me do meu marido, vendi o consultório, deixei a cidade e mudei-me para uma casa antiga na ponta de Long Island.

Comprei algum equipamento de som em segunda mão e montei um estúdio de música. Escrevia canções desde a adolescência e estivera perto de vender algumas a grandes artistas de gravação. Parecia improvável, mas se me dedicasse à música talvez conseguisse ganhar a vida como compositora.

Durante seis meses, sozinha junto à Baía de Gardiner com os meus dois gatos, gravei maquetas de canções que ninguém comprava, meditei três ou

quatro horas por dia, fiz longas caminhadas à beira da água e, por vezes, não via ninguém durante dias a não ser o carteiro.

Mas até a solidão acaba por nos afetar. Depois de uma semana sem vestir nada além de pijama e de deixar o cabelo ficar tão sujo que parecia uma salada atirada ao ar, decidi juntar-me a um grupo local de escritores. Talvez tivesse um romance dentro de mim. Não acreditava que fosse de repente tornar-me uma autora de bestsellers, mas pelo menos tirava-me de casa.

Foi assim que conheci a Tex, a líder do meu grupo de escrita. Tinha publicado um livro de memórias e escrito alguns episódios para uma popular série de televisão por cabo. Gostámos uma da outra desde o início.

Mas porque me teria o Billy dito para lhe dar uma moeda?

Retirei o envelope pardo que o Sargento Diaz me enviara após a morte do Billy. Continha os poucos pertences que lhe restavam: uma agenda gasta, um cartão-chave de um Ramada Inn, dois pares de óculos sujos, um porta-cartões de couro rasgado e sete dólares e trocos. Era isto tudo o que restava da vida do meu irmão?

Espalhei as moedas na mesa da cozinha. Que moeda deveria eu dar à Tex? Um quarto de dólar, um nickel, um dime? Nesse instante, ouvi a voz do Billy.

Encontra… o… meu… carro.

Isso abalou-me. Não era como ouvir a voz do Billy ainda na cama, meio adormecida — eu estava na cozinha, a meio do dia. E a voz dele estava mais alta — robótica e imperativa. Fiquei assustada. Já não era algo com que pudesse lidar sozinha. Apesar de estarmos separados, telefonei ao meu marido, Steve.

"Tenho uma coisa muito estranha para te contar." Respirei fundo. "O Billy tem estado a falar comigo."

"Isso é incrível! O que é que ele diz?" Pelo tom dele percebi que me estava a dar o benefício da dúvida.

"Tenho estado a escrever." Houve silêncio do outro lado. "Não achas que estou maluca, pois não?"

"Não." O Steve tranquilizou-me. "As pessoas não enlouquecem de um momento para o outro. Está a passar-se alguma coisa. Envia-me as páginas por fax."

Era típico do Steve. Ir direto ao assunto.

"Há mais", disse eu. "Agora mesmo estava na cozinha e juro que o Billy me disse para encontrar o carro dele. Ele sequer tinha carro?"

O Steve podia responder a isso porque fora o único que permanecera ao lado do Billy até ao dia da sua morte. Fosse o que fosse que o meu irmão precisasse — dinheiro, conselhos, amizade, compaixão — o Steve estava sempre lá.

"O Billy tinha um Mercedes velho onde vivia", informou o Steve. "Mas bateu com ele contra uma árvore uma semana antes de morrer. Deve estar num ferro-velho na Florida."

Então o Billy tinha mesmo um carro! "Ligo-te já", disse eu, desligando.

Apesar de abalada, precisava de saber se o Billy ainda estava por perto e se responderia às minhas perguntas. Olhei para o teto e perguntei em voz alta: "Como posso encontrar o teu carro, Billy?"

O… meu… porta-cartões.

Quase sem respirar, tirei o porta-cartões do envelope pardo e encontrei um cartão de visita de um concessionário Mercedes.

Vai… buscar… as… coisas… do… meu… carro.

"Que coisas?" Nenhuma resposta. "Que coisas, Billy?"

Ele tinha desaparecido.

Tentando soar composta, telefonei ao Hans, o concessionário Mercedes cujo nome estava no cartão que agora tinha na mão. Quase caí quando ele me disse que tinha mesmo o carro destruído do meu irmão! Ou eu me tinha tornado subitamente psíquica ou o Billy estava realmente a comunicar comigo. Quando pedi ao Hans que enviasse as coisas do Billy, ele disse que o faria imediatamente.

Nas manhãs seguintes, ao acordar, sussurrava o nome do Billy, mas não havia sinal dele. De certo modo, fiquei contente por não conseguir evocá-lo à

vontade. Ele estava no comando desta situação. Ele era o responsável… para variar.

TRÊS
A Natureza Divina de Todas as Coisas

Alguns dias depois da visita do Billy à cozinha, vi a Tex no grupo de escrita. Todas as quartas-feiras à noite, das sete às nove, um pequeno grupo de aspirantes a escritores sentava-se à volta da enorme lareira de pedra cinzenta na sala da Tex e lia em voz alta os seus novos capítulos. Como a maioria dos escritores principiantes acredita secretamente que está a escrever o próximo bestseller, éramos muito suaves e sensíveis nas críticas. Mas depois da aula, a Tex e eu ficávamos sozinhas e dissecávamos impiedosamente as leituras da noite. Não era crueldade. Era a forma como ela me ensinava a escrever.

Depois da aula nessa noite, a Tex, como habitual, bebeu copos de uísque. Eu bebi Pellegrino. Quando ela estava a terminar o segundo copo, disse:

"Queres ouvir uma coisa escandalosa? O Billy tem estado a falar comigo."

Ela pestanejou, mas pelo menos não se riu.

"Não estou a brincar. E tenho estado a escrever. Achas que estou maluca?"

"Então é isso", respondeu. "Tens estado miserável desde que o Billy morreu. Mas esta noite estás iluminada. Sim, acredito. Porque não?"

"O Billy disse que quer que eu te dê uma moeda, mas não faço ideia do que está a falar."

A Tex sorriu. "Gosto disso. Gosto que ele queira dar-me alguma coisa."

Tirei uma fotografia do Billy que tinha colocado na mala.

"Moreno e bonito", disse a Tex. "Parece que tem um segredo que mais ninguém conhece. Eu sairia com ele. Quer dizer, teria saído."

Já tinha ouvido isso antes. As mulheres ficavam encantadas com o Billy. Não era que ele se esforçasse; era o seu dom especial.

"De que é que ele fala?", perguntou a Tex.

"Êxtase, luz, Seres Superiores invisíveis."

"Acho que devias ler isso na aula para a semana", disse ela.

"Estás a brincar? Não vou deixar que as pessoas saibam que o meu irmão morto está a falar comigo. Além disso, não devo falar das minhas experiências espirituais."

"Vê as coisas assim: são as experiências do Billy, não as tuas. Devias ler", insistiu a Tex. "Finge que é um novo romance em que estás a trabalhar. O Billy é a personagem principal e está a falar com a irmã a partir do céu."

"Vou pensar nisso."

Talvez fosse um resquício de quando ele estava vivo, mas eu não queria que ninguém julgasse o Billy e a sua nova condição. Apesar de ser muito mais nova do que ele, sempre senti que o Billy era uma criança incompreendida e que eu era a sua protetora.

Talvez desta vez eu fosse a criança e ele o protetor. De qualquer forma, parecia arriscado demais ler as palavras dele ao grupo de escrita. Tinha medo que todos pensassem que eu tinha enlouquecido.

Da próxima vez que o Billy aparecesse, planeava perguntar-lhe se podia ler as suas notas na aula. Dois dias depois, quando me acordou antes do amanhecer, a minha pergunta dissolveu-se na luz da dimensão dele.

Bom dia, mana querida.

Mesmo já não tendo o meu corpo, continuo a sentir-me um indivíduo. Tanto por desaparecer num mar de êxtase. Não me interpretes mal. Estou profundamente imerso na experiência do êxtase, mas definitivamente não desapareci.

O que é o êxtase? O êxtase é como estar apaixonado multiplicado por mil, mas não tem nada a ver com outra pessoa. É completo em si mesmo. Na Terra, normalmente precisas de alguém que te dê uma razão para sentires amor, e esse sentimento costuma ter altos e baixos. Com o êxtase, não há lado negativo — e não precisas de uma razão para o sentir. À medida que a tua alma flutua por esta dimensão, é natural sentir êxtase.

O tipo de êxtase que existe aqui não é compatível com o corpo humano, porque os corpos estão sujeitos a certas leis. Imagino que aqui também haja

leis, mas parecem muito indulgentes, descontraídas, inclinadas a teu favor. Há aqui uma grande liberdade que não tens onde estás. A Terra, as condições aí, aprisionam-te na limitação. Para mim, parece não haver limitação, apenas potencial.

Isso acontece porque Deus, ou Espírito, ou como quiseres chamar-lhe, é inegável onde eu estou. À medida que flutuo pelo espaço, os raios de luz dos corpos celestes que cintilam à minha volta têm, digamos, uma espécie de personalidade — qualidades como sabedoria, bondade, compaixão e inteligência.

Por vezes acredito que os raios de luz são, na verdade, os superpensamentos de um Ser Supremo. Outras vezes penso que são o próprio Ser Supremo. Não posso realmente dizer.

Estar num corpo terreno e olhar através de olhos físicos limita a forma como percebes a luz. Os teus olhos não conseguem ver a luz diretamente, apenas as coisas que ela ilumina, por isso a luz permanece invisível, tal como a alma. Isso causa muito sofrimento aí no teu planeta, porque é difícil acreditar naquilo que não se vê. A luz aqui torna visível aquilo que na Terra é invisível: a natureza divina de todas as coisas.

A melhor cura para o sofrimento? Uma experiência iluminada de tudo isto. O que é que isso significa? Significa encontrar o invisível dentro do visível. Tu não és apenas a pessoa que caminha sobre a Terra. Tens uma alma. E é disso que trata a busca espiritual.

E, Princesa, mesmo que eu te tenha desapontado no passado, não fiques presa a isso. A desilusão faz parte do padrão da Terra. Mas as coisas mudam. Eu sei que já ouviste isto um milhão de vezes, mas é um segredo. As coisas mudam. Quando morres, percebes o quanto mudam e percebes que há coisas imortais, coisas que levas contigo, e essas também mudam.

O conceito oriental de Maya, ou ilusão — o que significa isto? Significa temporário. Significa que as nossas vidas são temporárias.

Na quarta-feira seguinte à noite, noite do grupo de escrita, estava frio e ventoso. Enquanto subia o caminho de pedra desde o carro até à casa da Tex com o caderno vermelho na mala, os holofotes pareciam mais brilhantes, a luz da lua mais prateada, as árvores despidas mais escultóricas.

"O efeito Billy", disse para mim. Foi a primeira vez que usei essa expressão.

Os seis instalámo-nos nos sofás e cadeiras cinzentos e texturados da Tex. Eu fui a primeira a ler nessa noite.

"Comecei um novo romance. É um pouco peculiar." Tirei o caderno vermelho e li as duas primeiras entradas do Billy.

Quando terminei, olhei à minha volta e vi acenos de aprovação. Talvez estivessem apenas a ser gentis; todos sabiam que o meu irmão tinha morrido recentemente.

Só uma pessoa — o J.B. — não olhou para mim. Eu sabia que ele não seria indulgente. O J.B. era frio, distante e pouco emotivo. Além disso, tínhamos uma competição silenciosa sobre quem conseguia encontrar mais falhas no trabalho do outro.

A Tex limitou-se a ficar sentada, a olhar para a chávena de café, à espera.

De repente, senti uma pressão irresistível e não consegui ficar calada. "A verdade é que sei que soa a loucura, mas o Billy tem estado a falar comigo. O que acabei de ler veio mesmo dele."

"Então tens de escrever assim", disse a Tex.

"Escrever um livro com o meu irmão morto? É demasiado estranho." Procurei explicar a minha relutância. "Vocês já me conhecem. Mas as pessoas vão ter muitas opiniões sobre isto. Vão achar que sou uma tontinha aluada, ou pior, uma fraude."

"Desde quando é que te importas com o que as pessoas pensam?", perguntou a Tex.

"Não me importo. Só não quero que estraguem isto para mim."

"Há um autor brasileiro", disse o J.B., "do final do século XIX, Machado de Assis. Escreveu um grande livro chamado Memórias Póstumas de Brás Cubas. A personagem principal está morta e fala a partir do além. Portanto, faz como fizeste connosco. Finge que é um romance. Ninguém tem de saber."

Fui dormir nessa noite na esperança de que o Billy aparecesse de manhã. Mas os dias passaram sem qualquer sinal dele. Talvez tivesse perdido a minha

experiência espiritual por ter falado sobre ela. Porque tinha eu ouvido a Tex em vez do meu professor de meditação?

Desta vez tinha sido eu a desapontar o Billy, e não o contrário.

QUATRO
Não Me Podem Tirar Isso

Duas semanas depois de ter lido as mensagens dele na aula, era o aniversário do Billy. Ainda não tinha voltado a ouvir nada dele e sentia-me em baixo. Quando acordei a meio da noite, todo o meu corpo doía.

O Billy deve estar zangado comigo, deve sentir que o traí, que revelei o nosso segredo. Porque não pedi autorização? Oh Deus, ouçam-me! Tornei-me uma excêntrica etérea que precisa de autorização do irmão morto e toxicodependente. É melhor pôr os pés na terra. O Billy provavelmente nem sequer é real.

Então ouvi o Billy — a cantar.

No, no, they can't take that away from me…

Não te preocupes, Princesa. Mesmo que eu tenha deixado a Terra, não me perdeste, pois não? Agora sou uma espécie de teu guardião. Não te censuro por duvidares de tudo isto. Mas se eu não fosse real, como é que o meu canto te faria sentir tão melhor? Especialmente tendo em conta que continuo a cantar desafinado [risos].

É uma energia que te trago. É amor. Não amor da Terra. Não dependente do que fazes ou de como pareces. Não o tipo de amor em que hoje te odeio e amanhã te amo, embora normalmente seja o contrário. Normalmente é mais como ontem amava-te, mas hoje odeio-te porque já não és quem eras no dia anterior. Eu trago o tipo de amor que existe onde eu estou.

Como é possível? Suponho que seja permitido. Uma troca entre nós, entre dimensões diferentes. Porquê? Talvez porque quero tanto dar-te alguma coisa, e isto é algo que tu és capaz de receber. Precisas de outra dimensão na tua vida, Miss Garbo.

Estás a chamar por mim porque é o meu aniversário, mas estou mergulhado numa aprendizagem profunda e é difícil falar, mesmo que

queiras que eu fale — e lamento isso. Porque não te agasalhas bem e vais caminhar junto à baía? A água azul e salgada cheia de vida, a neve no teu rosto. Volta-te para a natureza para aliviar um pouco da dificuldade que tens de suportar. A natureza tem mais luz do que qualquer outra coisa no teu planeta. Depois, em vez da tua meditação habitual, pensa na câmara de cura por onde passei quando morri. É a parte da vida após a morte que toca o teu corpo no momento da morte, por isso não está longe do teu mundo. Sei que, quando a descrevi, conseguiste senti-la um pouco.

Tenho de ir. Parabéns para mim.

Quando amanheceu, vesti a roupa de Inverno e fui até à baía. Mal cheguei, começou a cair uma neve leve. A água, o céu, o canto das gaivotas e a dança suave dos flocos de neve intensificaram a minha sensação de exaltação.

Então o Billy era agora o meu guardião. O meu irmão mais velho desorganizado estava a indicar o caminho. Ele sabia coisas sobre mim que não sabia quando estava vivo. Sabia que eu meditava. Provavelmente também sabia que tinha deixado de meditar desde a sua morte.

Quando o Billy morreu, eu estava demasiado destroçada para me sentar na minha almofada de seda amarela no canto do quarto. Tentei meditar deitada, mas tudo o que sentia era dor. Dor em vez de luz. Pela primeira vez em dez anos, fechava os olhos e nada acontecia. Não conseguia encontrar a luz dentro de mim.

O vento amargo vindo da baía começou a afetar-me e voltei para casa. Deitei-me na cama, fechei os olhos e tentei imaginar-me dentro da câmara de cura. Em pouco tempo, senti uma luz prateada a envolver-me como um foco. As minhas células começaram a cintilar como pequenas estrelas, enquanto a luz puxava essas estrelas para cima, pelo topo da minha cabeça, para dentro de si.

Quando me levantei, senti-me como se tivesse acabado de tomar um duche numa cascata de energia pura. Em vez de sentir a luz dentro de mim, eu estava agora dentro da luz. Permaneci nesse estado de êxtase durante horas, a beber chá, a comer junto à lareira, a compor ao teclado. Os meus olhos estiveram abertos o tempo todo, olhos abertos.

Depois da experiência da câmara, voltei a conseguir meditar. Sentava-me numa almofada durante horas numa sala escurecida, concentrada na luz

interior. Quando meditas durante horas seguidas, embates em paredes, ficas desconfortável, a tua mente irrita-te e apetece-te parar. Mas permaneces e atravessas.

Agora, com a ajuda do Billy, também estava a atravessar de outra forma. O meu irmão, o meu louco, imprevisível e encantador irmão mais velho, estava a contar-me os segredos do cosmos. Era a coisa mais inesperada que alguma vez me acontecera. Não fazia ideia de quando o Billy voltaria a aparecer. Não havia padrão, exceto que parecia preferir o nascer do sol.

CINCO
Não Há Sol Sem o Sol

Alguns dias depois do aniversário do Billy recebi uma chamada da seguradora do condutor que lhe tirara a vida. O funcionário disse-me que, quando o carro atingiu o meu irmão, a cabeça dele atravessou o para-brisas, do exterior do carro, e que o Billy ficara frente a frente com o condutor. O que quer que ele tenha dito depois disso ficou tudo confuso. Quando desligámos, pousei a cabeça sobre a secretária e chorei. Pouco depois, a voz reconfortante do Billy veio do teto. Agarrei o caderno vermelho.

Então estás a ter uma manhã difícil, e lamento isso. A minha cabeça a atravessar o para-brisas foi um detalhe de que não precisavas de saber, Princesa.

Que anjo aquele condutor foi! Que santo! Passar por tudo isso para me entregar! Eu precisava de ser entregue, querida. Gostava que pudesses encontrar esse homem e dar-lhe um beijo por mim.

E claro que hoje são os Idos de Março; o aniversário do dia em que fui preso por vender droga. Nunca fui um grande traficante. Nem sequer estava nas ligas menores; estava apenas a tentar ganhar dinheiro suficiente para sustentar o meu próprio vício. A vida de um dependente não é fácil. É um caminho muito particular, mas fazia parte do meu caminho.

Cabeça pelo para-brisas. Tráfico de droga. Prisão durante alguns anos. Nada que te interessasse, mas era interessante para mim. Até onde conseguiria ir na beira do precipício antes de cair?

Eu caí, Annie, e não foi assim tão bom. Não realmente. Não quando tinha acabado de fazer sessenta anos e os meus encantos estavam a desaparecer.

Lembras-te de todas as mulheres que foram abençoadas por me amar e cuidar de mim ao longo do caminho? As mulheres gostam muito dessa combinação específica, o santo-rapaz-mau. E era mais ou menos isso que eu era, um espírito de coração puro a arder no fogo da vida, um agente infiltrado da esquadra dos anjos, um mensageiro sombrio da luz.

Tinha esse lado santo-rapaz-mau e, além disso, precisava de ser salvo. As mulheres adoram a ideia de "redimir a tua alma". E pronto, eu era moreno e bonito, com uma voz grave que era a cereja no topo do meu bolo particular. Tinha a voz certa com as palavras certas a passar por ela, porque, acontecesse o que acontecesse, eu era sempre sincero.

Como podia eu ser tão bonito e tão terrível ao mesmo tempo? A verdade é que não sei!

E quando fores à aula de escrita esta noite, Annie, dá uma mensagem ao J.B. "Não há sol sem o sol." Diz isso no momento em que leres como fui atropelado.

"Estás a brincar. Não vou dar essa mensagem ao J.B.", disse em voz alta.

O J.B. era a última pessoa do grupo que iria querer ouvir algo do meu irmão morto. Já corria o risco de parecer louca ao ler as comunicações do Billy na aula; agora ele queria que eu transmitisse uma mensagem pessoal à pessoa mais cética do grupo. Tinha a certeza de que o J.B. sugerira transformar as notas do Billy em ficção porque acreditava que era isso que elas eram — ficção.

"Não há sol sem o sol?" Talvez o Billy estivesse a referir-se à letra "Ain't no sunshine when she's gone", da velha canção do Bill Withers.

Não há sol sem o sol, repetiu o Billy do nada.

"Então consegues ler a minha mente. Grande coisa. Mesmo assim não vou fazê-lo!", respondi.

Nessa noite, para minha surpresa, depois de terminar a leitura sobre o Billy a atravessar o para-brisas, virei-me para o J.B. e disse: "Sei que isto soa estranho, mas o Billy quer que eu te dê uma mensagem: 'Não há sol sem o sol.'"

Ninguém, incluindo o J.B., teve grande reação.

Depois foi a vez do J.B. ler. Estava a escrever um romance autobiográfico baseado no tempo que passara em França. De forma totalmente inesperada, enquanto lia, engasgou-se e começou a chorar ao descrever um acontecimento que nenhum de nós conhecia — o seu filho pequeno tinha sido atropelado e morto.

A sala ficou em silêncio. O J.B. parou por um momento e depois continuou a ler. Como todos os outros, fiquei chocada e triste. Então percebi. Não era S-o-l, era f-i-l-h-o! Não há sol sem o filho!

Quando o J.B. terminou a leitura, ninguém disse nada. Ele era o último leitor da noite e, assim que acabou, juntou rapidamente os papéis e saiu.

Fiquei depois da aula e a Tex trouxe o uísque.

"Isto acabou mesmo de acontecer?", perguntei.

"Oh, sim", disse ela, sorrindo com o seu encantador sorriso torto. "Aconteceu mesmo."

"E o Billy disse-me para dizer isso exatamente no ponto em que ele falava do acidente. Mais alguém percebeu isso? A coincidência do acidente de carro?"

"Não sei, Annie. Não sei quanto aos outros, mas eu estava a pensar que não há maneira de a mensagem do Billy para o J.B. ser um acaso. Era demasiado específica, demasiado dramática. Pergunto-me o que o J.B. estará a pensar."

"Talvez, de uma forma estranha", disse eu, "o Billy estivesse a tentar dizer-lhe que a alma do filho dele ainda existe."

Nessa noite, meti-me na cama a sentir-me excitada e assustada, como uma criança numa montanha-russa. O meu coração batia com força. Algo importante tinha acontecido, e o facto de haver testemunhas desse algo parecia aumentar a parada. Até então, uma parte de mim ainda duvidava que estivesse realmente a falar com o Billy. O cético em mim não tinha a certeza de que o meu subconsciente não estivesse apenas a personificar o meu irmão para me ajudar a lidar com o meu luto. Mas o que aconteceu na aula era demasiado incrível para ser descartado como mera coincidência.

Quando acordei na manhã seguinte com a cara inchada e uma dor de dentes excruciante, a excitação da noite anterior transformou-se em puro medo. Nunca deveria ter transmitido aquela mensagem ao J.B. Estaria eu a transgredir alguma fronteira entre os vivos e os mortos? Talvez o meu castigo fosse uma dor de dentes, um aviso para não ir mais longe.

Porque haveria eu de fazer as coisas que o Billy me mandava fazer? Quando ele era vivo, não tinha sido propriamente uma autoridade no que poderia meter alguém em sarilhos. Seria ele tão perigoso na vida após a morte como fora em vida? Mas eu sabia que o Billy me amava e nunca faria nada para me magoar. Faria?

SEIS

Holograma

Depois da minha dor de dentes, do doloroso tratamento de canal e da horrível infeção que se seguiu, fiquei assustada. Queria respostas. Todas as manhãs esperava que o Billy aparecesse e me desse uma explicação, mas não havia sinal dele. Tinha desaparecido. Não conseguia acreditar que ele tivesse orquestrado aquele evento louco com o J.B. e depois sumisse. Mas era mesmo o Billy. Tal como nos velhos tempos.

A mensagem do Billy ao J.B. convenceu-me de que eu não estava apenas a imaginar as suas comunicações. Mas quem era eu para ser a pessoa a provar que há vida depois da morte? Talvez alguns segredos não devam ser revelados. Talvez eu estivesse a quebrar um tabu sagrado, a mexer numa caixa de Pandora cósmica.

Faltei à aula de escrita seguinte por causa do dente. Fiquei aliviada quando a Tex me disse que ninguém tinha mencionado a mensagem do Billy. Em vez de a guardar comigo, pus o caderno vermelho na gaveta da mesa de cabeceira. Passou quase um mês, no início de abril, até o Billy aparecer de novo.

Bom dia. Não te abandonei, Annie. Detesto dizer-te isto, mas não és a única coisa na minha agenda, Princesa. Então ficaste assustada porque tiveste uma dor de dentes. Não, querida. Isso não aconteceu porque estás a fazer algo errado ao falar comigo. As forças divinas não te estão a castigar por escreveres sobre o que acontece depois da morte. Já te disse, não existe

esse tipo de castigo. Não pares de escrever o nosso livro só porque tiveste uma dor de dentes.

És tão sensível. Essa é uma das razões por que podemos ter estas comunicações. Sempre foste uma criança tão sensível, aquela com todos os medos. Bem, talvez se eu tivesse a mim próprio como irmão mais velho, também tivesse medo [risos].

Depois da nossa última visita, eu estava a flutuar pelo Universo, a apreciar as vistas, quando um vento cósmico começou a girar à minha volta como um tornado lento. Esse vento continha algum tipo de força magnética porque cristais brancos se juntaram nas suas bordas como flocos de neve num para-brisas. Quando o redemoinho parou, os cristais tinham formado um anel à minha volta. Esse anel parecia estar a cerca de trinta jardas de mim. Digo "parecia" porque não há forma de medir a distância real. Podia estar a anos-luz de distância.

Depois foi como se alguém tivesse carregado no botão de início de um projetor cósmico e o anel se transformou num filme circular que ainda está a passar à minha volta.

O que estou a ver é muito diferente de qualquer filme que já vi num cinema. Em primeiro lugar, estou suspenso no meio do Universo e, em segundo, o filme inteiro está a passar tudo ao mesmo tempo e as imagens são holográficas.

Há um número incontável de imagens multidimensionais, fiéis à vida, a circular à minha volta: um bebé a gritar no berço; um miúdo de seis anos de cabelo escuro e encaracolado a saltar de telhado em telhado enquanto a mãe lhe grita do passeio; um adolescente de calças de ganga preta com um cordão enrolado no braço; um tipo de fato a beijar uma loura deslumbrante numa capela de casamentos em Las Vegas. Não demora muito a reconhecer que sou eu a estrela.

Quando estamos vivos, há algo dentro de nós, uma espécie de chip informático cósmico, que regista tudo por que passamos. Neste momento, estou a ver toda a minha vida desde o nascimento até à morte. Olho para aqui, olho para ali, avanço rápido, recuo, faço zoom in e out. Vejo os caminhos que tomei e os que não tomei. Vejo onde esteve o meu génio e onde poderia ter feito melhor. Não sinto nada de moralista ou julgador em relação a nada disso. Tudo parece apenas interessante.

O que é realmente fantástico é que este holograma tem uma funcionalidade muito especial. Sabes como por vezes pensas para ti mesmo: "E se?" Por exemplo, quando eu era vivo, perguntava-me muitas vezes: "E se eu tivesse casado com o meu primeiro amor?" ou "E se eu tivesse sido bom na escola?"

Pois bem, adivinha? O meu holograma é expansível. Posso viver a vida que esses "e se" me teriam trazido. Posso seguir todos os caminhos diferentes que não tomei em vida e ver como teriam corrido. O que é surpreendente, no entanto, é que não parece que um caminho seja mais valioso do que outro. Não tenho preferência. Tudo é fascinante e não tenho arrependimentos.

Sei que deve parecer estranho. Fiz muitas coisas que a maioria das pessoas chamaria erros, grandes erros. Mas a forma como vejo agora é que tive uma vida ótima. Tudo foi ótimo, até as partes difíceis.

Claro que não via a minha vida assim quando estava vivo. O meu novo ponto de vista tira a dificuldade, a sensação de luta, de tudo. Isso acontece porque, embora eu tenha plena consciência de que sou eu ali no ecrã cósmico, estou a ver de longe, por isso todos os altos e baixos, todos os dramas, parecem estar a acontecer a outra pessoa.

É engraçado. Dizem que há um Dia do Juízo Final depois da morte, mas na verdade é o oposto. Há um Dia do Não-Juízo. Ver a minha vida tornou-se surpreendentemente agradável porque tenho uma aceitação absoluta de mim mesmo e de tudo o que fiz. Teria sido bom se eu tivesse conseguido ter esta atitude em vida, mas suponho que não era tão avançado. Teria de ser como o Buda para ser tão avançado.

Tudo parece muito melhor agora do que parecia na altura. É como se estivesse sob o efeito de alguma droga. Não é como nenhuma droga que alguma vez tomei. É muito pura e muito mais maravilhosa e não tem efeitos secundários. Ah, e não é ilegal [risos].

Penso que esta chamada droga é realmente a Presença Divina e os seus parentes imediatos, esses Seres Superiores. Porque digo isto? Porque neste momento não há dúvida na minha mente de que há Seres na atmosfera à minha volta: sábios, bondosos, super-evoluídos, cuja custódia amorosa agora estou. E lembra-te, quando pensas em amor, estás a usar a tua mente humana. Não há comparação com a natureza real, exagerada, deste amor.

Suponho que quando recebes amor verdadeiro, quando alguém te ama incondicionalmente, começas a sentir-te assim em relação a ti mesmo. Incondicional.

Enquanto o Billy falava, fui de novo arrastada para a luz e a energia do seu mundo e esqueci as minhas preocupações. Horas depois, quando os efeitos começaram a passar, lidar com as minudências da vida quotidiana não era fácil. Como um astronauta, estava com dificuldade em readaptar-me à gravidade. Essa atração terrestre estava a pesar-me. Sentia-me como uma alienígena disfuncional, não adequada para viver neste mundo.

Nessa tarde, enquanto estava na cozinha, o Billy sussurrou:

Mostra-me o dinheiro.

A esta altura, ele já tinha percebido que sussurrar tornava menos chocante ouvi-lo em plena luz do dia.

Liga à Tex e diz: "Mostra-me o dinheiro."

Assumi que a frase se referia à moeda ainda não identificada que o meu irmão queria que eu lhe desse.

"Tex", disse eu quando ela atendeu, "o Billy quer que te diga: 'Mostra-me o dinheiro.' Isso significa alguma coisa?"

Ela ficou em silêncio por uns segundos, depois riu-se.

"Levei os cães para o oceano esta manhã. Estava a pensar no Billy."

A Tex fez uma pausa. "Na verdade, estava a falar com ele. Vou guardar para mim o que disse, mas pedi-lhe um sinal. Nem sequer ia contar-te."

Esperei enquanto a Tex dava uma passa num cigarro.

"Cheguei a casa, tomei um duche, depois, ok, isto é estranho…"

"Sim."

"Bem, estava a pensar no meu romance, a dançar à frente do espelho com uma toalha, a dizer vezes sem conta: 'Mostra-me o dinheiro. Mostra-me o dinheiro.'"

Agora fui eu que fiquei em silêncio. A Tex estava a rir, mas eu estava mais confusa do que divertida. Isto não era só sobre eu ouvir a voz do Billy, o que já era suficientemente estranho. As conversas do Billy comigo eram uma

coisa, mas agora o Billy estava a trazer outras pessoas para o seu reino — a Tex, o J.B. e a minha turma de escrita. Porquê?

SETE

Missão de Resgate

Quando o Billy me acordou uns dias depois, falava tão depressa que eu não conseguia acompanhar. "Espera", disse eu em voz alta, pondo o caderno vermelho de lado. "Preciso do meu computador. Não consigo escrever tão depressa."

O meu computador está numa secretária em frente a portas de correr altas de vidro através das quais vejo copas de árvores e muito céu. Agora que estava sentada num local cheio de luz natural, a voz do Billy tinha um ar ainda mais mágico. Podia olhar através dos ramos nus para o céu, que era a direção de onde vinha a sua voz, e ver o efeito Billy tornar o mundo luminoso.

Bom dia, querida. Vamos preencher um pouco da história que nos trouxe aqui a ambos. Tudo o que tenho de fazer é dar zoom nessa parte do meu holograma. Não te preocupes. Sei que a missão de resgate foi um pesadelo, mas vou torná-la divertida.

Bem, primeiro desapareci — o quê, há cerca de cinco anos? Fui para a Ilha de Margarita, essa joia na coroa da Venezuela, para fazer fortuna a gerir uma operação de apostas desportivas. Bill Cohen tornou-se Billy Fingers, um nome que escolhi para comemorar a amputação acidental da ponta de um dos meus dedos enquanto trabalhava numa fábrica de alianças de casamento quando tinha dezasseis anos. Lembras-te — o acidente que me apresentou ao meu primeiro gosto pelo mundo do alívio da dor.

Há cinco anos, Bill Cohen cansou-se de se sentir como um ex-toxicómano condutor de táxi, mascote do séquito de amigos ricos da sua mulher designer. Sem grande planeamento, disse adeus à sua bela mulher e ao seu apartamento de um milhão de dólares no Upper East Side de Manhattan e fugiu para a Venezuela para se tornar Billy Fingers. Fugi de casa, tal como quando era miúdo e fugia da Mamã.

Embora nos meus tempos mais novos a Mamã fosse sempre quem me livrava dos sarilhos, a nossa relação foi difícil desde o dia em que nasci. É isso nos seres humanos. Não são só um lado da moeda.

Na verdade, toda a coisa entre a Mamã e eu começou mesmo antes de eu nascer. Pouco depois de a Mamã engravidar de mim, começou a sangrar. Sangrou tanto que começou a pensar que eu estava a tentar matá-la de dentro do útero. Por isso desenvolveu esta atitude de matar-o-bebé-antes-que-ele-te-mate.

Os médicos prescreveram repouso na cama — repouso absoluto — e injeções para a acalmar. Naqueles tempos, não sabiam que não era boa ideia dar morfina a uma grávida. A morfina pode fazer com que os bebés por nascer desenvolvam um gosto por ela. Por isso pode-se dizer que eu andava pedrado ali no útero.

De qualquer forma, fugi para as praias tropicais de Margarita, com o meu plano de enriquecer depressa. Mas as coisas não correram como planeado.

Agora que estou morto, vejo todo o drama que levou à missão de resgate. Vejo-te na praia perto da tua casa nesse dia de junho, três anos depois de eu ter desaparecido. Estavas sentada numa manta, a olhar para o oceano, a perguntar-te o que teria sido feito de mim. Também pensavas: "Provavelmente é melhor não saber."

Depois fechaste os olhos e tiveste uma espécie de sonho. Sonhaste que eu caminhava ao longo do horizonte, lento e cansado. O meu espírito erguia-se, grande e magnífico, do meu velho corpo esfarrapado. Tinhas um holofote nas mãos e enviaste um feixe através do oceano para me suster. Foi um daqueles sonhos que parecem mesmo reais. Agora que estou morto, consigo ver tudo.

A propósito, depois de morreres, quando vês o teu holograma, consegues ver tudo — quem te amou, quem te odiou, o que fizeram por ti e o que te fizeram pelas costas. Como disse antes, passas muito tempo a ver o que fizeste na Terra, por isso certifica-te de que é interessante.

E aqui vai outro segredo para ti, minha irmã. Não há forma certa de as coisas acabarem. Alguns finais são mais felizes, outros nem por isso, mas não é só a percentagem de felicidade que importa. É a música disso. A maioria das vidas das pessoas não tem música suficiente. Eu tive sorte; a minha vida foi uma ópera rock.

Depois de sonhares que enviaste aquele feixe através da água ao teu irmão doente, velho e pedrado, o que fiz eu? Liguei à Mamã no dia seguinte.

Mesmo tendo estado desaparecido durante anos, a Mamã, no seu estilo inimitável de cuidar, disse-me para nunca mais lhe ligar e desligou. Tinha uma maneira especial comigo, a Mamã. Parecia os bons velhos tempos.

Agora que estou morto, sei que a Mamã te ligou, histérica e cheia de culpa, a confessar como tinha sido miserável comigo ao telefone. Causei muita dor à Mamã durante a vida dela, isso é certo. Desesperado, liguei-lhe de novo uma semana depois e ela deu-me o teu número.

Graças a Deus que a minha irmãzinha ainda falava comigo. Queria, até. Aquela coisa morena esperta e bonita de tutu cor-de-rosa a cantar e a dançar e a tirar sempre A enquanto o irmão, Billy the Kid, incendiava a cantina da escola.

Ficaste tão feliz por ouvir a minha voz ao telefone depois de todos aqueles anos, mesmo estando eu pedrado, a chorar e a coçar-me. Eu já estava no inferno e a próxima paragem seria ainda mais abaixo. Se não saísse da Ilha Margarita em breve, acabaria na prisão ou num manicómio, num lugar de onde nunca sairia.

Enviaste-me dinheiro para um bilhete de avião, mas eu gastei-o noutras coisas.
Eu queria mesmo sair dali, mas não tinha capacidade para agir como uma pessoa normal e apanhar um avião. Toda a gente te dizia que eu estava a satisfazer os meus caprichos, mas tu suspeitavas que se passava algo mais grave.

Não fiquei contente por o Billy ter começado a falar da missão de resgate. Talvez estivesse a focar-se nisso com a sua recém-iluminada perspetiva pós-morte, mas recordá-lo ainda era doloroso para mim.

Enquanto o Billy se estava a desmoronar em Margarita, eu estava deitada na cama num estado de mal-estar induzido por Billy. Tinha dificuldade em concentrar-me em qualquer coisa que não fosse esperar pela próxima chamada dele, que chegava de poucos em poucos dias, por vezes todos os dias. De cada vez, ele estava num estado ainda pior do que da última vez que eu falara com ele.

— Annie. Estou a morrer. Estou a coçar-me até à morte. Estou a ter ataques de ansiedade. Tens de me tirar daqui.

— Como posso, se não me dizes onde estás, Billy?

— Não sei onde estou. Só sei que estou a coçar-me. Não me deixes morrer aqui assim!

Procurei respostas junto de vários conselheiros — um psicoterapeuta, um conselheiro de dependências, pessoas dos Alcoólicos Anónimos. O consenso era que o Billy me estava a manipular para conseguir dinheiro para drogas. Ele podia voltar para casa se quisesse.

Depois sonhei que o meu pai descia do céu e estava a cavar um buraco com a forma de um caixão. Deixou cair a pá no chão, virou-se para mim e abanou a cabeça, como se estivesse perturbado. O seu rosto estava pesaroso e cheio de angústia, a avisar que algo realmente sombrio ia acontecer, algo pior do que a morte. Quando acordei, suada, soube que era a sepultura do Billy que ele estava a cavar e que eu tinha de o tirar de Margarita, depressa.

OITO
Primeiro os Prazeres, Depois a Peste

Pensar na missão de resgate deixava-me ansiosa. Nessa noite acordei repetidamente de sonhos loucos, tal como acontecera quando o Billy estava preso em Margarita.

De manhã fui ao Starbucks beber um duplo expresso. O sol brilhava e o ar trazia um agradável indício de primavera. Ao conduzir para casa, um pedaço de céu pareceu ganhar um tom de azul mais vivo. Então ouvi a voz do Billy a atravessar o meu para-brisas, vinda desse mesmo lugar luminoso.

Liga à Tex e diz-lhe que eu disse para beber chá verde.

Era a primeira vez que o Billy me falava quando eu estava fora de casa. Talvez tivesse ficado assustada se não estivesse um feixe de luz a incidir sobre mim, vindo da mancha luminosa no céu, com um efeito intoxicante familiar.

Liga já à Tex. Bebe chá verde.

Consegui falar com a Tex no telemóvel.

— O Billy acabou de me dar outra mensagem para ti. «Bebe chá verde.»

O suspiro dela foi audível.

— Estou a sair do acupuntor. Ele disse que estou tóxica e que tenho de deixar de beber café. Sabes como eu sou com o meu café. Estava mesmo agora a pensar: «Como é que vou conseguir fazer isso?»

Depois de desligar, caiu-me a ficha. As mensagens enigmáticas do Billy — Ain't no sunshine without the son, Show me the money, e agora Drink green tea — eram a «prova» que ele tinha prometido. Estes acontecimentos inexplicáveis eram a forma dele provar que era real.

Quando cheguei a casa, fui diretamente ao computador e olhei pelas portas de vidro para o céu.

— Está bem, Billy. Eu percebo. És real. Mas consegues dizer-me como foste capaz de fazer estas provas acontecerem?

Como sempre, eu não tinha controlo sobre o que o Billy dizia.

Olá, minha irmã. Para dizer a verdade, se não fosse a comichão, eu nunca te teria telefonado de Margarita. Estava a divertir-me demasiado, pelo menos até certo ponto.

Naquela altura eu estava a ganhar dinheiro, a cobrar dinheiro. Num dos enclaves mais duros da Ilha Margarita, Bill Cohen, um rapaz judeu de Brooklyn, fazia os tipos pagarem as suas dívidas de jogo. Difícil de acreditar, não é?

Estamos destinados a envolver-nos em todo o tipo de coisas na Terra — coisas que não fazem sentido do ponto de vista humano. Por isso, faz uma pausa antes de julgares o teu semelhante com demasiada dureza. Muita gente me julgou, mas eu estava a lidar com circunstâncias que tinha escolhido explorar antes de nascer.

Eu estava a viver com a adorável jovem Elena. A Elena teria talvez vinte anos, e eu tinha — quanto? — quase três vezes a idade dela. A doce Elena acolheu-me sob a sua pequena e suave asa.

Nunca gostei muito de beber, mas naquela altura não tinha dinheiro para drogas. Permiti-me beber tanto quanto queria, deixei o branco dos meus olhos ficar amarelo, deixei os meus dentes apodrecerem. Já não me importava com as convenções, nem com o futuro ou as consequências.

Primeiro vieram os prazeres, depois a peste. Náuseas, ataques de ansiedade, cabelo a cair às mãos-cheias. E depois a melhor de todas — a comichão. Sem que eu soubesse, estes ácaros estavam a escavar sob a minha

pele. Eu estava tão anestesiado por causa de toda a bebida que demorou algum tempo até sentir a comichão, e nessa altura os bichos já tinham penetrado tão fundo que o médico da vila não conseguia identificá-los. Moviam-se de zona em zona, fazendo a sua pequena dança especial.

Em todos os meus anos nunca experimentei nada tão duro como estes bichos. Eram bichos de Deus ou do Diabo? Bons ou maus? Será tudo a mesma coisa? Não sei dizer, mas de certeza que foi a comichão causada por estes bichos que me fez telefonar para casa, e agora sei que, se tivesse ficado em Margarita, o submundo tinha reservadas para mim guloseimas muito especiais, uns bombons personalizados como eu nunca tinha visto. Durante a maior parte da minha vida safava-me. Do ponto de vista dos outros, as coisas nem sempre pareciam correr assim tão bem para mim, mas para mim era uma aventura interessante. Como já disse, eu tinha-me inscrito nela.

Aquilo em que me estava a meter na Venezuela era outra história. A escuridão tinha-me encurralado.

Foi o teu amor e a tua determinação que me arrancaram desse destino. Foste a minha heroína. Muitas pessoas tinham opiniões fortes sobre as tuas tentativas de salvar a minha vida. Tentaram atribuir-te vários papéis pouco lisonjeiros. A vítima lastimável, a codependente — e, o meu favorito pessoal, a tola — por tentares salvar um dependente como eu. Gostava de te ter podido dizer isto na altura, mas digo-to agora. Para mim, foste a graça de Deus, pura e simplesmente.

Aqui vai outro segredo para ti, querida — mais um conselho fraternal diretamente do outro lado. Não te preocupes demasiado com a forma como pareces aos olhos dos outros. As pessoas verão em ti aquilo que quiserem ver. Desempenha o teu papel no drama cósmico, mas nunca te esqueças, querida, de que és tu quem escolhe a forma como te vês a ti própria. Não deixes que os outros façam a distribuição de papéis.

Quando o Billy estava em Margarita, visões de ser raptada e mantida para resgate em território sul-americano de droga tinham tornado fora de questão a minha ida para encontrar o meu irmão. Após dois meses a tentar convencer o Billy a entrar num avião e a sair da Ilha Margarita, e desesperada por me sentir melhor, fui ver a Olga, a manicure colombiana, para pintar as unhas dos pés de vermelho.

— O que é que se passa contigo? — perguntou ela. — Pareces um trapo.

Desabafei a história. A Olga é dura. Pensou durante alguns minutos e disse:
— Conheço um tipo — um tipo mesmo grande. Ele pode ir buscar o teu irmão. Por um preço.

Fiquei a olhar para ela. Uma espécie de rapto. Que fantástico! Porque é que não me tinha lembrado disso?

O colombiano queria dez mil dólares para encontrar o Billy e trazê-lo de volta. Agora que as minhas engrenagens estavam em movimento, deparei-me com uma solução melhor. Podia enviar o meu bom amigo e companheiro de meditação, Guru Guy, o rapaz judeu do Bronx, que era o rei das viagens na América do Sul.

— Vou enviar alguém para te ir buscar, Billy.

— Não! A sério? Não acredito. Meu Deus, despacha-te! Estou a morrer. Não é maneira de morrer. A coçar-me até à morte.

— Diz-me onde estás e ele vai buscar-te.

— Não posso, Annie. Não posso.

— Porque não? Estás a enlouquecer-me. Já não aguento mais isto.

— Não posso voltar para casa, Annie. Estou horrível. O meu cabelo está a cair. Estou todo inchado. A minha carne está flácida, como a do Pai quando estava a morrer de cancro.

Agora percebi. O Billy sempre fora bonito. Ainda era vaidoso.

Por fim, a comichão venceu a vaidade do Billy. O plano era que o Guru Guy voasse para Margarita. O Billy iria de alguma forma chegar ao aeroporto, apanhariam o mesmo avião de regresso a Miami, e eu encontrá-los-ia lá. Se o Billy não aparecesse, o Guru Guy iniciaria a busca.

NOVE
Pó de Billy

Agora que o tempo começara a aquecer, comecei a pensar que devia fazer alguma coisa com os restos mortais do Billy. As suas cinzas estavam numa caixa de pau-rosa junto à minha lareira havia quase três meses.

Quando o Billy estava vivo, dizia sempre que queria ser cremado e espalhado no mar. De repente tive o impulso de levar as suas cinzas até à baía do outro lado da rua da minha casa, para que ficassem por perto.

Vesti roupas brancas, como fazem nos rituais fúnebres orientais. Depois de deitar os restos do Billy da caixa para uma bolsa vermelha de seda bordada, passei os dedos pelas cinzas cinzento-claras e salpicadas. Pó de Billy. Havia pequenos pedaços brancos e duros, provavelmente osso, e um grande pedaço de metal que parecia parte de uma ponte dentária. Vesti um casaco e fui até à baía. O céu estava intensamente azul e sem nuvens, e o vento soprava na direção certa, para o mar alto.

Quando meti a mão nas cinzas, um pedaço de céu ficou mais luminoso e ouvi a voz do Billy.

Está demasiado frio para mim, querida.

— O quê? — perguntei.

Está demasiado frio. A água está demasiado fria.

Fiquei ali parada, sem saber o que fazer.

— Sabes, podias ter-me dito isso antes de eu vir até aqui.

Digo-te uma coisa. Espalha só um bocadinho para sentires que estou aqui.

Quando atirei um punhado das suas cinzas ao mar, o Billy disse:

O mundo é a tua ostra
O mundo é a tua ostra
Tu és a pérola
E a ostra

Não fazia ideia do que aquilo significava, mas fez-me sentir luminosa. Quando regressei a casa, ainda sentia o Billy por perto, por isso sentei-me ao computador.

Obrigado por teres espalhado algumas das minhas cinzas na baía esta manhã. Sinto-me melhor. Sinto mesmo, porque fizeste-o com tanto amor.

Quando eu estava vivo, costumava dizer que a minha vida tinha acabado no dia em que tu nasceste, e agora lamento isso. É que eu era sempre o mau e tu eras a boa. E o Pai amava-te tanto! Uma coisa era a Mãe amar-te mais do que a mim, mas também o Pai? O drama familiar é o primeiro, o principal, e tem muita força. A minha inveja de ti foi um fator importante nesse drama.

Na Terra há muitas questões do tipo quem-é-melhor-do-que-quem, e isso causa muito sofrimento. É um jogo concebido pelas forças de Maya, ou ilusão, para tornar as pessoas infelizes. Esse é um dos propósitos da ilusão: a miséria humana.

Mas, da forma como vejo as coisas deste lado, cada alma é única de maneiras muito belas. Algumas estão simplesmente mais avançadas no caminho do desenvolvimento do que outras, e isso está bem.

Agora que estou morto, sei que não foi nada fácil seres a boa, sempre a limpar a confusão da família — e éramos confusos, isso é certo. E eu era o que recebia toda a atenção, não era? Era sempre tudo sobre mim. Que revelação foi essa!

Mas tu sempre me amaste na mesma, não foi? Deste os teus primeiros passos em minha direção, escreveste pequenas rimas para mim, admiraste-me e cuidaste de mim como se eu fosse o teu James Dean pessoal. E o que fiz eu? Basicamente ignorei-te. Bem, isso acabou agora. Estou a recuperar o tempo perdido.

A bênção que te dei hoje? É mais do que alguma recompensa pelo que fizeste por mim. É uma coisa do espírito. Infundir a tua vida com ela é o resultado deste momento e de tudo o que ele contém.

Consigo ver-te sentada ao teu computador neste preciso momento, a chorar. Estás a chorar por causa da forma como tudo acabou entre nós. Lutei contra a minha dependência durante quase dois anos após a missão de resgate; depois morri. Tu resgataste-me, mas não me conseguiste realmente salvar. Estava escrito. Naqueles últimos meses antes da minha morte, disseste-me para me manter afastado e deixar-te em paz. Eu era um homem a afogar-se, Annie, a levar-te comigo.

Já não me importo muito com memórias, mas quando te vejo sentada aí, a chorar, quero que saibas que há memórias muito maiores do que as discussões que tu e eu tivemos no fim, lá naquele planeta tão temporário. Memórias como entrar naquele avião em Margarita com o meu novo parceiro Guru Guy, cair exausto num quarto de motel em Miami, depois acordar do meu sono intoxicado e ver-te de pé sobre mim como uma Madona. Eu estivera ausente tanto tempo e fiquei tão feliz por ver a minha irmãzinha, a cuidar de mim, a salvar-me, a preparar-me para o hospital, a fazer tudo o que fosse preciso para me impedir de morrer no inferno.

E agora estás a chorar ao teu computador, a perguntar-te se eu te perdoo.
Talvez a verdadeira pergunta que devas fazer a ti própria seja: perdoas-me?

E, na verdade, querida, não há ninguém a perdoar, porque nos inscrevemos para fazer esta dança juntos antes de nascermos. Não estávamos a representar algum tipo de coisa do género fiz-algo-de-errado-contigo-noutra-vida-e-agora-estou-a-pagar-por-isso. Não funciona realmente assim. Esse conceito de olho por olho, dente por dente, de uma compensação cármica para equilibrar as contas, não é a verdadeira realidade, pelo menos não onde eu estou.

É mais uma espécie de experiência escolhida por razões de alma que os humanos têm uma dificuldade quase impossível em compreender. E não compreender é uma parte importante da experiência. Se as pessoas conhecessem os mecanismos da experiência, ela perderia parte do seu impacto, e essa perda de impacto, bem, é um pouco daquilo em que consiste a iluminação.

DEZ
Vincent

Depois da sua bênção da pérola na ostra, quis prestar ao Billy uma homenagem especial. No dia seguinte decidi espalhar os seus restos mortais nas Montanhas Catskill, no norte do Estado de Nova Iorque, um lugar que ele sempre adorou. No ano anterior à sua morte, tinha prometido levar-me lá numa viagem para ver as folhas de outono.

Arrumei a bolsa de seda vermelha com as suas cinzas na mala de fim de semana, conduzi durante cinco horas e fiz o check-in num pequeno hotel-spa onde já tinha ficado antes. Era um sítio simples e alternativo, mas os pinheiros e a floresta eram espetaculares. Almocei, vesti novamente branco, coloquei a bolsa de seda numa mochila e subi uma grande colina a pé.

Quando cheguei ao topo, um grande veado com enormes galhadas estava a olhar fixamente para mim da orla das árvores, como um guardião mitológico da floresta. Um pouco assustada, aproximei-me devagar e parei a cerca de quinze metros.

— Posso espalhar as cinzas do Billy na tua floresta?

Quando ele não me atacou, mas correu para dentro da mata, achei que isso significava que estava tudo bem. No local onde ele estivera parado, abri a bolsa de seda vermelha. Então ouvi:

É demasiado solitário aqui. E agora não está frio, mas no inverno gela.

— Acabei de conduzir meio dia, Billy. Porque não me impediste?

O Billy não respondeu, mas eu conseguia sentir o seu espírito por todo o lado, como uma névoa luminosa a iluminar as colinas. Voltei para o hotel com as cinzas ainda na mochila. Os edifícios desgastados pareciam casas encantadas, e os rostos das pessoas tinham um brilho bonito. Decidi ficar até ao almoço do dia seguinte e marquei uma massagem matinal com alguém chamado Vincent.

Antes de fugir para Margarita, o Billy era massagista, um dos seus melhores trabalhos. Nunca conheci ninguém com mãos tão talentosas como as do Billy. Outra razão pela qual ele gostava do nome Billy Fingers.

Quando acordei ao romper da manhã no meu quarto mal iluminado, o meu irmão estava à minha espera.

Obrigado por me honrares ao trazer as minhas cinzas para estas montanhas sagradas. O milagre da criação está aqui neste lugar, em todo o lado: as árvores, os céus, o sol, a amizade, a bondade, o amor. Talvez hoje eu possa dar-te um pequeno sinal, um pequeno milagre, uma pequena coisa bela que te ligará à fonte de toda a beleza e de todos os milagres.

O Vincent revelou-se um tipo grande, redondo, na casa dos vinte, com cabelo loiro penteado para trás com gel e mãos fenomenais. Não sei se foi por causa da semelhança na sensação do toque deles, mas enquanto o Vincent me massajava as costas com óleo quente, falei-lhe do Billy. Não me importava que o Vincent pensasse que eu era estranha. Nunca mais o veria. Quando a massagem terminou, puxei o lençol à minha volta, sentei-me e vi que o Vincent estava a chorar.

— A minha irmã morreu há uns meses. Ficou doente e morreu, de repente, assim. Nem sequer tinha vinte anos. Muito obrigado por partilhares a tua história sobre o Billy. Acho que tu és… és como uma espécie de sinal dela.

Fiquei atónita. Era a primeira vez que falava do Billy a um completo desconhecido, e ele não achou que eu estivesse louca. Achou que eu era uma mensageira.

— Sim — concordei, lembrando-me da mensagem do Billy naquela manhã. — Deve ser um sinal.

Ao caminhar do spa até ao meu pequeno quarto húmido, a floresta e o céu vibravam com o efeito Billy. O Billy devia ter tido algo a ver com o meu encontro com o Vincent. A irmã do Vincent também teria tido algo a ver com isso?

Enquanto comia uma tigela de sopa de grão no restaurante antes de regressar a casa, o Vincent aproximou-se da minha mesa. Entregou-me um pequeno cesto redondo de palhinha vermelha com três cristais lá dentro. Explicou que o quartzo transparente era para a mente, o quartzo rosa para o coração, e a rara citrino vermelho-escura era para o sangue, como em irmão e irmã.

ONZE
Mais Provas

Depois de regressar da minha viagem aos Catskills, contei ao meu grupo de escrita sobre o Vincent. Quando admiti que partilhar a minha experiência com o Billy com um estranho fora mais uma dádiva do que uma tortura, a Tex lançou-me o seu olhar de eu-bem-te-disse.

Na manhã seguinte estava enevoado. Enquanto os aguaceiros do final de abril tornavam a terra perfumada e verde, o Billy apareceu a soar preguiçoso, as palavras prolongadas suavemente.

Leva… Steve… não… nos… deixes… cair… em… tentação.

Telefonei ao Steve no escritório para transmitir a mensagem.

— O Billy acabou de me dar uma mensagem para ti. «Não nos deixes cair em tentação.» O que significa?

— Não significa nada — respondeu ele. A sua voz era seca. — Olha, tenho uma reunião e estou atrasado. Falamos depois.

Fiquei surpreendida. Era a primeira vez que o meu irmão falhava o alvo.

Algumas horas depois, o Steve voltou a ligar.

— A meio da minha reunião, um dos meus sócios contou uma história, e a piada final era… «Não nos deixes cair em tentação.» Repetiu-a duas vezes. Quase caí da cadeira. Acho que quaisquer dúvidas que eu tivesse sobre o teu irmão desapareceram.

Depois de o Steve desligar, o Billy deu-me outra pista.

Tex… Bach… remédio… floral… clematis.

Os remédios florais de Bach são um tipo de tratamento homeopático para perturbações emocionais. Marquei o número da Tex.

— Já ouviste falar de remédios florais de Bach?

Ela riu-se.

— Já.

— O que é que tem piada? — perguntei.

— Já te digo. Continua.

— Bem, o Billy quer que tomes um chamado clematis.

— Ainda ontem a minha irmã disse que eu devia tomar um remédio floral de Bach. Nunca tinha ouvido falar disso antes. E agora o Billy está a receitar um? Isto é louco.

Fomos pesquisar online a clematis. Era indicada para pessoas que preferem viver num mundo de sonho em vez da realidade. Assentava na Tex como uma luva.

— O Billy quer que eu saiba que está a observar-me — disse a Tex. — E a zelar por mim.

Vinte minutos depois, o Billy deu-me outra prescrição.

Lola… Bach… remédio… vervain.

A Lola era a namorada do Guru Guy. Ambos tinham acompanhado a história do Billy, por isso telefonei imediatamente ao Guru Guy e transmiti a mensagem.

Ele voltou a ligar-me minutos depois.

— Acabei de dar à Lola a mensagem do Billy e adivinha? Ela estava numa loja de produtos naturais a ver os remédios de Bach quando eu liguei. E adivinha mais? Tinha um frasquinho de vervain na mão.

Estas provas, todas no mesmo dia, fizeram-me sentir como se estivesse num país das maravilhas — uma realidade invisível que o Billy estava a tornar real para mim. Vesti um impermeável amarelo e conduzi até uma aldeia piscatória próxima, depois sentei-me num banco de madeira gasto, a olhar para o mar.

Era julho quando tinha visto o Billy pela última vez. Estávamos sentados neste mesmo banco, a beber café e a comer donuts. O Guru Guy resgatara-o da Venezuela no verão anterior e o Billy viera da Florida para me visitar. Quando entrámos numa loja de donuts, ele pediu por mim. Fiquei surpreendida por se lembrar de que eu gostava de cobertura de baunilha, em vez de chocolate. Adorava estar perto do meu irmão mais velho, a ver as ondas a rebentar. Agora, porém, sentada sozinha à chuva, sentia a sua presença à minha volta.

Parte Dois
Até a Alma Muda

DOZE
Tornar-se o Universo

O Billy ficou em silêncio durante algum tempo, embora por vezes eu conseguisse senti-lo por perto enquanto fazia a minha vida. Já era quase junho quando me visitou novamente, mas soava muito diferente. A sua voz era lenta, hipnótica e sonhadora, e parecia vir de muito, muito longe.

Eu sei que a minha voz soa estranha hoje — distante e um pouco intoxicada. Não te assustes, pequenina. Não estou pedrado [ri-se]. Estou apenas mais avançado do que estava antes. Estou sozinho, mas é uma solidão boa, não como a solidão que senti naqueles últimos anos da minha vida.

Depois de morreres, passas muito tempo, tempo a solo, a explorar-te como Universo. Acreditas nisso? Tu és o Universo. Mas a sociedade ensina-te algo diferente. A sociedade ensina limitação. Acredita em mim, Annie, tudo aquilo de que alguma vez precisas já está dentro de ti. E aquilo que realmente és está muito para além da tua compreensão. É por isso que viver comprimido na experiência humana pode ser doloroso por vezes. Foi-o para mim.

Já passaram, quanto, cerca de quatro meses desde que fui atingido pelo serviço de entregas de Deus? Pensei que nunca me cansaria de observar o meu holograma. Mas, ao fim de algum tempo, tornou-se claro que todas as estradas acabavam por conduzir-me ao mesmo lugar — o momento presente, a flutuar aqui no espaço, que é muito mais fascinante do que olhar para trás, para a vida que deixei. O meu holograma devia ter algum mecanismo de autodestruição incorporado, porque à medida que fui perdendo o interesse por ele, as imagens foram desvanecendo até desaparecerem.

Quando a última imagem se evaporou, surgiu do nada um super-radiante raio vertical de luz azul-esbranquiçada. O feixe de luz era cerca de dez vezes maior do que eu (não tenho realmente um tamanho, mas percebes o que quero dizer) e fazia-me lembrar uma figura em forma de pauzinho a ziguezaguear como uma corrente elétrica ondulante. Do seu corpo saíam vários ramos fluorescentes que pareciam braços a estender-se na minha direção. Aquela luz parecia amistosa, contente por me ver. Eu também sentia

simpatia por ela, mas como não fazia ideia de qual era o protocolo adequado, não disse nem fiz nada. Achei que não era eu quem estava no comando.

Provavelmente estás curiosa por saber porque me senti amigável em relação a uma figura gigante com tentáculos de relâmpago, mas a benevolência de quem quer que fosse — ou do que quer que fosse — não deixava espaço para medo. Tenho quase a certeza de que era um daqueles Seres Superiores invisíveis que andavam por perto. Talvez eu só esteja preparado para o encontrar nesta forma. Ou talvez esta seja mesmo a sua forma. Não posso realmente dizer.

O que posso dizer é que os Seres Superiores parecem ser atributos particulares da Presença Divina. Esta Presença — a luz ilimitada que preenche o Universo em toda a parte —, a sua personalidade contém todas as boas qualidades imagináveis. Sabedoria perfeita? Sim. Compaixão terna? Claro. Amor abrangente? Sem dúvida. Quaisquer que sejam as qualidades que cabem sob o título de benevolência, essa virtude está ali mesmo, na luz. Com estes Seres Superiores é diferente. São mais específicos, mais pessoais, como se a Presença Divina fosse focada através de um prisma. E os raios coloridos que atravessam o prisma — esses são os Seres Superiores.

De qualquer modo, à medida que o Ser do tipo relâmpago se aproximava de mim, irradiava uma espécie de energia elétrica através dos seus braços fosforescentes. Comparo-a à eletricidade não porque fosse dolorosa de alguma forma, mas porque me deu um choque. A bondade e a compreensão dos Seres Superiores agora chegam-me a partir de mim próprio. Amo-me como nunca teria conseguido quando cheguei pela primeira vez ao além. Suponho que isso significa que até a alma muda.

Se há uma coisa que vale a pena fazer no teu planeta, é descobrir o amor-próprio. Digo «descobrir» em vez de «aprender» porque aprender implica que se começa do zero; mas a verdade é que tu já te amas. Quando nasces, quando acontece a amnésia, esqueces a tua magnificência e achas que tens de ganhar o direito de ser amado. Como é que se pode ganhar aquilo que já te pertence?

O meu encontro com o Ser de Luz iniciou uma nova fase da minha jornada, a fase em que estou agora: tornar-me o Universo. Aquele choque elétrico fez-me elevar, alargar e expandir pelo cosmos. Tenho estrelas e luas e galáxias dentro de mim e à minha volta. Está a acontecer algum tipo de

processamento, como se houvesse uma enorme máquina de flippers de ondas de luz dentro de mim, e a sensação vai ficando cada vez melhor.

A questão de tornar-me o Universo é — e vou dizer isto, mas as palavras não lhe vão realmente fazer justiça — quanto mais deixo ir o meu chamado eu, melhor me sinto. À medida que me misturo cada vez mais com a energia universal, penso: «É isto, vou perder-me.» Mas sabe tão bem que não me importo, por isso deixo ir e misturo-me. E então, eis que continuo a ser eu, mas numa bem-aventurança maior. É por isso que soou tão sonhador.

Tornar-me o Universo é a forma como compreendo a natureza incompreensível desta alteridade, como me aventuro numa dimensão daquilo a que poderás chamar a Fonte. E posso dizer, de forma muito inadequada, que no centro de tudo há uma energia, um material imaterial que, por falta de palavra melhor, identificarei como amor. Uau, irmãzinha, e como eu amo, e como sabe bem, este amor. Tu não o consegues imaginar. Não consegues mesmo. Não há maneira de o conseguires.

Suponho que, normalmente, alguém a passar por isto não está a falar sobre isso, está apenas a vivê-lo, mas quem sabe? Quem sabe porque é que me consegues ouvir? Depois de eu morrer, eu conseguia ver-te e conseguia ver toda essa dor em ti, e comecei a falar para tentar fazer-te sentir melhor. Foi uma grande surpresa que me conseguisses ouvir. Estou tão surpreendido como tu. E, já agora, falando em surpresas, aí vem uma.

Eu estava a ter dificuldade em ouvir o Billy. Ele soava como alguém a sair lentamente da anestesia ou a acordar de um sono profundo. Embora a sua voz fosse ténue, a sensação eufórica que as suas palavras traziam consigo estava mais forte do que nunca.

Levei um cobertor e algumas almofadas e estendi-os no deque do lado de fora do meu quarto. Era uma manhã com brisa, e a lua ainda estava visível. Poderia o que estava a acontecer ao Billy lá em cima acontecer, de alguma forma, comigo cá em baixo?

Eu queria tornar-me o Universo, como o meu irmão. A olhar fixamente para o vasto céu azul sem nuvens, a minha confusão sobre o que fazer com a minha vida começou a dissolver-se. Talvez eu não tivesse de ser alguém em particular, nem alguma coisa em particular. Talvez eu pudesse largar todas as formas como me defino. Talvez fosse aceitável que as coisas fossem simplesmente como são.

O toque de telefone interrompeu o meu devaneio. Era alguém a pedir autorização para o meu professor de meditação usar duas das minhas canções num programa que seria transmitido para todo o mundo. Há anos eu tinha enviado ao meu professor um CD com as minhas canções, mas nunca esperara que daí viesse alguma coisa. Que surpresa! O Billy tinha razão, outra vez.

Fiquei cheia de perguntas. Como é que o Billy sabe o que vai acontecer? Até quão longe no futuro consegue ver? Consegue ver a minha vida inteira? Consegue influenciar o que vai acontecer? Será o Billy simplesmente alguma parte super-psíquica de mim própria? As perguntas pareciam afrouxar a atração gravitacional da Terra sobre mim. Senti-me como o ar.

TREZE
Dois Universos a Passar na Luz

A minha melancolia regressou na manhã seguinte, mas as oscilações de humor eram um preço que eu agora estava disposta a pagar. Mal podia esperar por voltar a ouvir o Billy.

Passaram dias sem sinal. Teria ele desaparecido? Teria a sua voz ficado tão ténue que eu já não a conseguia ouvir?

Dez dias depois, ao amanhecer, vi uma luz azul, de forma oval, a pairar bem acima da minha cama. Eu sabia que era o Billy. Concentrei-me na luz e, em breve, consegui ouvir a sua voz, que se tornara ainda mais lânguida do que antes.

Consegues ouvir-me? Eu sei que pareço mais longe, mas se te concentrares, ainda vais conseguir ouvir-me. Quanto mais tentares ouvir, mais vais conseguir ouvir.

Sinto-me bastante nostálgico. Às vezes sentes isso depois de morreres, nostalgia. Mas já não há neuralgia, artralgia, fibromialgia. Nenhuma dessas outras «algias» te atormenta aqui em cima no céu. Disse céu? Acho que disse.

Eu estava a flutuar sozinho, a desfrutar de me tornar o Universo, e o que acontece? Aparece a Ingrid, a minha primeira mulher. Não consigo transmitir a alegria — uma palavra demasiado pequena para descrever o que eu senti quando vi a Ingrid, pela primeira vez, em forma de espírito. A última vez que a vi, estávamos ambos na Terra e ela estava sob morfina, a morrer de cancro.

A Ingrid agora também estava a tornar-se o Universo. Os seus sóis e luas e estrelas estavam dispostos numa constelação que lembrava a forma de uma mulher. Ela fazia esta dança muito feminina de amor, a mover as suas maravilhosas ancas estreladas para trás e para a frente enquanto girava em torno do meu Universo com o dela. A Ingrid sempre foi uma grande sedutora. Vê-la assim quase me tentou a voltar para um corpo outra vez. Quase.

Assim que vi este Universo dançante, soube imediatamente que era ela. Acho que cada alma tem as suas qualidades particulares e, quando estiveste realmente próximo de alguém, reconheces a sua alma seja qual for a forma que ela tome.

A alma da Ingrid não era velha nem jovem, apenas aquilo a que se poderia chamar sem idade. À medida que ela se aproximava, eu conseguia ver que as estrelas no seu Universo refletiam diferentes fases da Ingrid e da sua história. Todas as idades e etapas da sua vida estavam ali.

Numa estrela vi um bebé loiro inocente a escavar areia numa praia. Noutra, uma Ingrid adolescente, com pouca roupa, a dançar em palco em Las Vegas. Meu Deus, ela era lindíssima. Havia uma estrela que a mostrava completamente arrasada com cocaína, e outra dela a cumprir pena na prisão. Percebo que foi daí que lhe veio a sua veia cruel. Depois, havia a minha Ingrid preferida, a minha noiva sueca voluptuosa, a olhar para mim com aqueles grandes olhos verdes como se eu fosse o mundo inteiro. A Ingrid, a tigresa louca com temperamento explosivo, também estava ali nas estrelas, mas estava misturada, por isso não parecia assim tão má [ri-se].

A brilhar através de todos estes diferentes aspetos da Ingrid estava a sua alma. E a sua alma era, sem dúvida, a coisa mais bela que alguma vez vi. Eu nem sequer tinha uma vaga ideia da sua magnificência divina quando estávamos vivos.

Se eu tivesse podido ver a beleza deslumbrante da alma da Ingrid enquanto estava vivo, teria ficado tão esmagado que não creio que conseguisse funcionar. Mas aqui, estou apenas a derivar no espaço, a flutuar, a tornar-me o Universo. Não há nada que eu realmente tenha de fazer.

Se tens coisas que tens de fazer, ver as almas das pessoas poderia ser um grande impedimento. Se as pessoas conseguissem ver as almas umas das outras, o mundo inteiro poderia parar. Pensa nisso. Entrarias numa loja para comprar alguma coisa e ficarias preso durante horas a maravilhar-te com a

alma da pessoa da caixa. Se visses a alma do teu suposto inimigo, provavelmente apaixonar-te-ias por ele, e depois? E se contemplasses a alma de alguém que já amas verdadeiramente, como eu amei a da Ingrid, a intensidade dessa experiência poderia incapacitar-te para o resto da vida. Percebes porque é que ver almas poderia ser um problema na Terra. Tornar-se-ia um enorme encontro de amor.

Suponho que, como a Ingrid e eu agora somos ambos Universos, estamos prontos para contemplar as almas um do outro. Não há nada que queiramos ou de que precisemos um do outro, exceto flutuar e desfrutar da luz. Só isso. Sem palavras, sem apegos, sem exigências, apenas dois Universos a passar na luz.

Somos o Universo? Pesquisa no Google.

O Billy falava ainda mais devagar do que da última vez, e a fala estava arrastada. Senti que estava a tornar-se mais difícil para ele comunicar comigo.

Quando pesquisei «Somos o universo», apareceu um vídeo no YouTube do falecido astrónomo Carl Sagan. Nele, ele descreve como somos todos feitos de «matéria estelar»; como, há milhares de milhões de anos, os elementos dos nossos corpos foram formados a partir de estrelas, e como o nosso desejo de explorar o cosmos é, na verdade, um anseio de regressar às nossas origens celestes. Uau! É exatamente do que o Billy estava a falar. E não é só o Billy que é feito do cosmos. Todos nós somos literalmente feitos de estrelas. Tornar-se o Universo não é apenas uma imagem poética. Está enraizado em factos científicos.

CATORZE
Não Sei

Nas manhãs seguintes, eu vi a luz azul do Billy quando acordava, mas ela desaparecia depressa. Por fim, a luz permaneceu, e quando me concentrei nela, consegui ouvir a voz do Billy. Era quase inaudível e ainda mais distorcida do que antes, mas, com intensa concentração, consegui perceber as suas palavras.

Não falámos há algum tempo — ou falámos? Não é fácil falar no meu novo estado. Os meus pensamentos têm tanto espaço entre eles que é um esforço encadeá-los, mas estou a fazê-lo por ti. O que é um presente sem um pouco de esforço?

Não tenhas medo, querida, por causa da diferença na minha voz. Ainda sou eu, acho. Estou a rir-me; consegues ouvir?

Com todo este espaço entre os meus pensamentos, o passado tornou-se pouco importante para mim. Se o passado fosse diferente, importaria? Eu estaria na mesma onde estou agora, a falar contigo e a ter a maior experiência da minha vida — quero dizer, a morte? Não sei.

O que importa agora é que fui entregue a esta bem-aventurança que está para além do prazer, para além da alegria, para além de qualquer coisa que possa ser imaginada. O meu fator atual de bem-aventurança é quatrocentos milhões de vezes mais potente do que a câmara de cura onde estive logo a seguir a morrer.

Tenho de me habituar a falar contigo a partir desta nova estratosfera. Vou tentar sintonizar o meu estado anterior de consciência. Uau! A partir desta dimensão, as memórias são psicadélicas, estereofónico-sinfónicas — qual é a palavra que estou a procurar, aquela que tem a ver com computadores? — virtuais, virtualmente aprimoradas. Mas não consigo agarrar-me às memórias. Vêm e vão, e não há aterragem nem impacto. A morte é mesmo incrível.

Estou sozinho, mas sou tudo. É difícil explicar as coisas quando não há pensamento. Não há nada que eu, por assim dizer, queira ou de que precise. «Satisfeito» é uma palavra demasiado pequena porque implica o preenchimento de alguma falta, e a falta é uma coisa da Terra. Eu sei que, neste momento, tu consegues sentir uma fração de uma fração da minha bem-aventurança, alguma coisa dentro de ti que é luminosa e curativa.

Lembra-te disto, minha querida — lembra-te disto. Aquilo que alcanças na Terra é apenas uma pequena parte do acordo. Se houvesse um segredo que eu pudesse sussurrar, e que tu pudesses guardar, seria este: já está tudo dentro de ti. Cada coisa de que precisas. A Terra é apenas uma escala. Um tipo de jogo. Faz dele um jogo estelar. Se eu te pudesse dar um presente, seria ensinar-te a manteres-te livre dentro desse jogo, a encontrares a glória dentro de ti, para lá dos papéis e do drama, para que possas dançar a dança do jogo da vida com um pouco mais de ritmo, um pouco mais de abandono, um pouco mais de rebolar essas ancas.

O Billy ditava tão devagar que me levou quase uma hora a transcrever as suas palavras. Mas não me incomodou. Nada me incomodava. Eu estava pronta para fazer da minha vida um jogo estelar, fosse isso o que fosse.

Nessa noite, por volta das sete, o Billy interrompeu o meu jantar com um convite invulgar.

Encontra-te… comigo… no… oceano.

Pus a comida no frigorífico, vesti uma camisola grossa, atirei um cobertor para o carro e fui até ao oceano. O ar estava suave, as estrelas brilhantes, uma lua crescente amarela pendia no céu.

— Como é que faço da minha vida um jogo estelar?

Torna-te… o… Universo.

Afastei a minha manta e deitei-me na areia. Na extensão infinita do céu acima de mim, as estrelas brilhavam como diamantes. Em breve, a presença do Billy puxou-me para cima, para cima e para cima, e fez-me girar, como se eu estivesse a cair para cima num buraco, em vez de cair para baixo. Caí para cima em direção à luz das estrelas, cada vez mais depressa, tornando-me cada vez mais leve, dissolvendo-me no espaço. Depois, o meu medo entrou em ação e aterrou-me de volta no meu corpo, deitado na areia. Todas as coisas que costumo levar tão a sério pareceram subitamente insignificantes — partículas contra a vastidão do Universo. O Billy estava a ensinar-me um jogo das estrelas.

QUINZE

Novo Corpo

Eu queria aprender mais sobre o jogo das estrelas, mas o Billy desapareceu. Desta vez, não conseguia senti-lo por perto de todo e o desânimo foi maior do que o habitual.

Era o início de Julho. O Tex conseguiu um contrato para um livro e não tinha tempo para o grupo de escrita, por isso este dissolveu-se. As pessoas divertiam-se no oceano, desfrutavam de jantares com amigos, iam a festas. Eu dava longos passeios na praia ao romper do dia, compunha música espacial no meu sintetizador e via programas sobre o cosmos na televisão por cabo. Sentia-me deslocada, fora das coisas. Não estava bem enraizada no meu próprio mundo e não tinha acesso ao do Billy.

Ter-se-ia o Billy dissolvido completamente no Universo? É isso que acontece finalmente depois de morrermos? Estava triste, mas não era o mesmo tipo de tristeza de quando soube da morte do Billy pela primeira vez. Amava-o ainda mais agora do que quando ele estava vivo. E sabia com certeza que ele me amava de volta. Teria o nosso tempo juntos acabado?

Um mês depois daquela noite no oceano, vi a luz azul por cima da minha cama. Enquanto olhava para ela, entusiasmada, ouvi a voz do Billy, e desta vez era cristalina.

Barnabus, Barnabus, olá do Barnabus.

Olá, Princesa. Isto vai surpreender-te. Não estamos apenas autorizados a escrever este livro — é suposto escrevê-lo.

Eu andava a flutuar por aí, tornando-me o Universo, quando de repente fui sugado de volta para um corpo, um corpo feito de luz. Quando eu era o Universo, quando eu era as estrelas e luas e galáxias, não estava a pensar no facto de não ter um corpo. Parece que nunca estou a fazer aquela coisa que as pessoas fazem, de pensar no que não tenho. Isso é porque estou tão focado no que é. Eu sou o que é!

Em vez de carne, o meu novo corpo é feito de luz concentrada. Continuo a ser eu, mas estou muito diferente. Tornar-me o Universo mudou-me definitivamente, preparou-me para este evento. Continuo em êxtase, mas a minha consciência está mais clara e focada do que antes.

Então, estou a usar vestes sagradas e tenho a cabeça cheia de cabelos pretos encaracolados, como quando era jovem. Também tenho bigode. Não há espelho. Eu simplesmente sei qual é a minha aparência. Continuo a ser o Billy, mas sinto-me ainda mais eu próprio do que quando estava vivo. As minhas tendências de "mau rapaz" parecem ter-se transformado em algo diferente. Quando estava vivo, o meu suposto "mau comportamento" era na verdade a minha forma de procurar a minha própria verdade aí em baixo, nesse planeta tão cheio de ilusões. A minha rebeldia serviu-me bem agora que estou aqui. Agora, em vez de ser um engraçadinho, sou um homem sábio.

A sabedoria vem de dentro de mim e brilha em todas as direções enquanto a bem-aventurança jorra do meu coração. Não tenho um coração real, mas vem dessa área. Estou a irradiar amor; estou simplesmente a pulsar com ele. Há tanto ódio na Terra, até em nome de Deus. Que conceito! Ódio em nome de Deus. É por isso que Cristo disse que é o protetor dos mansos. Eles não são tão grandes adversários odiosos.

Estou num céu que é muito, muito azul. Este azul é a minha primeira experiência de cor concentrada deste lado, e está muito além da imaginação humana. Na Terra, os teus sentidos estão separados uns dos outros, mas este azul eu consigo ouvir e cheirar e provar e tocar. Antes, quando eu era o Universo, estava num céu noturno, e as minhas memórias eram transparentes, como aguarelas. Não estava a pensar nisso até agora, que esta nova coisa da cor está a acontecer. Lá vem aquela coisa do "agora" outra vez, por isso há definitivamente algum tipo de tempo a decorrer aqui. Tipo, eu não tinha corpo e agora tenho um. O tempo aqui não tem nada a ver com relógios ou com a rotação da Terra. Aqui, o tempo tem a ver com algo estar de uma certa maneira, e depois haver uma mudança. Os momentos são oceanos a vazar e a encher e a levar-te com eles. Não estás à espera do próximo. Estás apenas na viagem.

Os meus novos olhos estão a olhar para algo indescritivelmente brilhante, mas definitivamente não é o Sol. O Sol é insignificante comparado com esta esfera gigante de luz azul-branca sobre a minha cabeça. Vou tentar descrevê-la com precisão. É uma esfera gigante — tão grande que não consigo ver onde começa ou termina — com raios a disparar dela, e os raios são tão brilhantes como a esfera. É a melhor coisa que já vi, vivo ou morto. Dá-me este sentimento, não, esta experiência — aqui é mais como se tivesses

experiências, não sentimentos — de que tudo o que eu sempre esperei que fosse verdade, é verdade, e é ainda melhor do que eu poderia ter imaginado.

Então estou debaixo desta esfera azul-branca e surge um homem radiante e sorridente. Uso a palavra "homem" para te dar a entender que ele não é de outra espécie ou algo do género. Se é homem ou mulher não parece importar-me muito. Ele também está a usar uma túnica. Fico surpreendida pela túnica porque é castanha e parece ser de serapilheira. É a coisa mais parecida com a Terra que vi até agora, por isso suponho que ele tenha algo a ver com o que se passa aí em baixo onde tu estás. Não podia importar-me menos com a túnica dele, na verdade, porque a radiância do seu rosto é tão espetacular.

Não o conheço, mas parece-me familiar. E embora não me lembre de alguma vez o ter encontrado antes, sei que o seu nome é Joseph. O seu cabelo é prateado, e acho que ele é um ancião, mas não é velho. As suas mãos estendem-se para mim enquanto olha para mim com os olhos mais azuis que já vi. Sei que soa foleiro e artificial, mas não é. É brilhante e estranhamente familiar, como se estivesse a ser acolhido em casa após uma longa viagem, só que a terra para a qual regressei, bem, eu tinha esquecido quão brilhante é. Tudo está a ondular com energia. Essa é uma boa maneira de descrever. É tudo energia em vez de matéria.

O Joseph coloca um livro nas minhas mãos. Não é propriamente um livro, mas chamemos-lhe livro por agora. Ele simplesmente coloca-o nas minhas mãos e eu consigo sentir tudo o que está nele. É um privilégio tal, um presente tal. Presente é uma palavra demasiado pequena.

Nunca me considerei inteligente, Annie. Na verdade, alguns dos brilhantes professores que tive tentaram convencer-me de que eu era estúpido. Nunca fui estúpido. Apenas não seguia a linha oficial. Eles tentavam dar-me à colher a interpretação deles sobre a vida, em vez de me deixarem viver e descobrir as coisas por mim próprio.

O Joseph olha para baixo através de um buraco numa camada espessa de nuvens, que agora noto abaixo de nós, e lá estás tu sentada ao teu computador. E sei com certeza que tu e eu somos supostos fazer isto.

Eu compreendo. Esta jornada em que estamos juntos pode tornar-se assustadora para ti às vezes. Ter o teu irmão recém-falecido a aparecer, a falar contigo, a mostrar-te o mundo dele e a organizar sincronicidades sob a

forma de pequenas pistas para te provar que ele é real — bem, é desorientador.

Porque é que isto está a acontecer? Porque pode. Sabias que o Harry Houdini passou anos a tentar contactar outras dimensões, à procura de evidências de uma vida após a morte? E embora fosse o maior mágico de sempre, as suas tentativas de comunicar com os mortos ou contactar os vivos depois de morrer nunca tiveram sucesso. Faltavam-lhe os ingredientes essenciais — o emissor certo, o recetor certo e permissão daqueles que estão deste lado das coisas.

Sei que não queres que as pessoas pensem que és excêntrica. Já te disse antes; não te preocupes com o que os outros possam pensar. Esse é outro segredo importante da vida. Não vivas de acordo com o que "achas" que os outros acham. Pensaste que talvez contornasses o problema transformando o livro num romance, mas estou a dizer-te, Annie, isto é melhor porque é real.

Estar de pé no firmamento azul-safira com este livro nas minhas mãos é uma grande honra. Sempre quis escrever um livro. Não sabias disso, pois não? Queria partilhar alguma da sabedoria que ganhei durante as minhas viagens, ajudar outros a ligarem-se ao lado espiritual da vida. Mas nas minhas fantasias mais selvagens, nunca imaginei que me tornaria um autor postumamente [risos].

E não te esqueças de pesquisar no Google "Barnabus", o nome que eu disse quando acordaste esta manhã.

Fiquei atónita. Pela primeira vez, conseguia ver clarões do mundo do Billy, a sua túnica cintilante, um vislumbre dos olhos azuis de Joseph. E por um milissegundo vi a esfera azul-branca, que me deu uma sensação passageira de que nada poderia correr mal outra vez. Melhor de tudo, vi o rosto radiante do Billy, com um saber de santo-mau-rapaz que já viu tudo e fez tudo nos seus olhos, olhando para a esfera como se estivesse à espera que ela aparecesse desde sempre.

Pesquisei no Google "Barnabus". O primeiro resultado dizia:

São Barnabé (século I), nascido Joseph

Joseph! Não consegui ler nem mais uma palavra. Ser-me dito que tínhamos permissão para escrever o livro, ver realmente o Billy pela primeira

vez e esta prova sobre São Barnabé se chamar Joseph — tudo isto enviou o meu cérebro para uma sobrecarga.

Ter permissão significava que eu estava agora obrigada a contar ao mundo inteiro sobre o Billy? Estaria o Billy a tentar persuadir-me fazendo-me sentir especial, dizendo que nem o Houdini conseguira fazer o que estávamos a fazer? Ter conversas com uma pessoa morta não era algo em que eu quisesse ser especial.

O meu irmão não era o único que podia ser rebelde.

DEZASSEIS

Esfera Azul-Branca

Eu sabia que o Billy já não podia falar comigo diretamente. Desde que ele começou a tornar-se o Universo, eu tinha de me focar na luz azul que aparecia por cima da minha cama de manhã, ou não conseguia ouvi-lo. Era como um rádio cósmico — para ouvir a transmissão tinha de sintonizar. Decidi ignorar a luz, pelo menos até decidir o que fazer a seguir.

Durante dias fingi não ver a luz por cima da minha cama. Depois, numa tarde, saí pela porta da frente e fiquei chocada ao ver o Billy acima de mim, uma figura pálida e transparente, a flutuar como uma nuvem cúmulos no céu. Vestia uma túnica branca e estava a ler um livro grande que segurava aberto nas mãos, um livro com uma capa de couro vermelho exatamente como o caderno vermelho que ele me tinha dado. Estaria a minha imaginação a criar desenhos animados, ou estaria o Billy a usar o seu novo corpo para chamar a minha atenção? E quem lhe estava a dar permissão para fazer aquilo? Fosse o que fosse, ignorar o Billy já não era uma opção. Na manhã seguinte, quando vi a luz azul, sintonizei.

Obrigado por me honrares ao sentares-te finalmente ao teu computador para escrever as minhas palavras. Ficaste surpreendida por me veres no céu ontem, com o caderno vermelho nas mãos? Ter o meu novo corpo dá-me certas vantagens [risos].

Como posso descrever a esfera azul-branca? Imagina o teu próprio sol a brilhar a cerca de seis metros acima da tua cabeça, tão grande que cobre o céu inteiro. Esta esfera é feita de luz, não de fogo, e em vez de ser amarela, o seu núcleo branco torna-se safira à medida que irradia para fora. É tão

poderosa que, se estivesses em qualquer lugar nas suas proximidades, a tua carne evaporaria num nanossegundo. Como o meu novo corpo é feito da sua luz, isso não é um problema para mim.

Todos os seres na Terra carregam a luz desta esfera dentro de si. É por isso que as filosofias espirituais dizem que somos um. Onde eu estou, isto não é apenas uma teoria. Vejo a luz azul-branca em todo o lado, em tudo — em mim, bem como em ti.

A luz da esfera impele a tua alma para dentro do teu corpo quando estás no útero. Torna-se então a força invisível que te dá vida. E quando chega o momento certo, esta mesma luz lança a tua alma diretamente para a câmara de cura no momento da tua suposta morte.

E, tal como eu, um dia terás um corpo novo magnífico feito da luz da esfera azul-branca. Então, em vez de carregares a luz dentro de ti, a luz carregar-te-á a ti dentro dela. Isso acontecerá quando estiveres a viver onde eu estou agora, num reino que não tem sombras.

No teu mundo, à medida que a Terra se move em redor do Sol, não há nada senão sombra durante uma boa parte do tempo. O mistério da vida na Terra não pode existir sem o elemento da sombra. Não podes ter o mar sem tempestades, a terra sem terramotos, o vento sem tornados. Na Terra, quando a luz nasce, a escuridão vem com ela. Onde há luz, há sombra... a menos que seja meio-dia. Mas nem sempre pode ser meio-dia, Princesa. E às vezes — às vezes a escuridão também está bem. Não ignores as riquezas contidas na escuridão. A vida é muito temporária, por isso não deixes apenas o tempo passar. Deixa que os momentos te preencham — tanto os que julgas serem bons como os maus.

Lembra-te, a luz azul-branca está sempre dentro de ti. E todos os dias, ao lembrares-te dela, alimenta-la, e ela crescerá. Quando a vida for alegre, a luz estará lá. Quando houver dificuldades, a luz também estará lá.

Sei que tens medo que as coisas corram mal. Vão correr. É assim na Terra. É-nos permitido a todos a nossa dor, mas a dor é um estado transitório. A minha transição foi para a morte, para este conforto e amor que agora recebo em cada molécula do meu ser. Sabe que a sombra é ilusória e temporária. A bem-aventurança, em última análise a bem-aventurança e a luz, são a realidade mais verdadeira e forte.

A quem mais senão a ti poderia eu contar estes segredos, minha querida? Quem mais senão tu poderia partilhar a minha jornada através dos mundos além? E quem mais senão tu poderia ajudar-me a escrever este livro?

Após transcrever o que precede, estava quase a tremer. Desta vez, em vez de me deixar eufórica, a energia intensificou o meu conflito interno. O Billy, o Joseph e quem quer que fosse na dimensão deles que desse permissão para este tipo de coisa queriam que eu fizesse algo para o qual eu não estava pronta. Mas se eu dissesse não ao livro, estaria a negar os desejos de um reino superior? Haveria consequências?

Fui lá fora, esperando ver o meu irmão no céu outra vez, mas ele não estava lá. Esta foi uma das poucas vezes em que falaria com o Billy em voz alta.

"Desculpa, Billy," disse eu, "mas não consigo fazer isto. Não quero escrever este livro contigo. Assusta-me. Não sei porquê, mas sempre que penso no teu livro ser publicado sinto-me aterrorizada. Se fosse suposto as pessoas saberem o que acontece depois da morte, não continuaria a ser um mistério tão grande, pois não?" Estava perto das lágrimas. "Desculpa desapontar-te, adoro ouvir-te, adoro escutar-te, mas não consigo escrever este livro. Por favor, não pares de me visitar."

DEZASSETE

Quantum

Quando acordei na manhã seguinte, estudei o teto à procura de sequer um sinal de luz azul, mas não havia nada. Nem nessa manhã, nem na seguinte, nem na outra depois dessa. Num esforço para persuadir uma visita do Billy, comecei a sentar-me ao meu computador logo após o amanhecer, olhando pelas minhas portas de vidro para o céu.

Pouco mais de uma semana depois, o Billy apareceu no céu novamente, desta vez fazendo uma imitação de um anjo-mau-rapaz. Uma auréola de brincar cintilante, como as que se compram numa loja de festas, estava torta na sua cabeça; tinha uma expressão exageradamente santa no rosto. De vez em quando olhava para o caderno vermelho nas suas mãos e fazia caretas como se estivesse a ler as palavras mais interessantes e surpreendentes alguma vez escritas. Era exatamente assim que o Billy brincava quando

estava vivo. Embora o que eu estivesse a ver me fizesse questionar a minha sanidade, estava contente por ele estar lá.

Nos dias seguintes, quando eu estava cá fora, o Billy, o anjo-mau-rapaz, aparecia frequentemente. Eu podia estar a caminhar na cidade, a falar com um conhecido, a meter gasolina no carro — e lá estava ele, a dar espetáculo no céu. Aparecia quando outras pessoas estavam por perto, mas eu era a única que conseguia vê-lo. Era o nosso segredo.

Após três ou quatro dias disto, quando acordei e vi a luz do Billy por cima da minha cama, fui direta ao meu computador e sintonizei.

Sei que uma das razões pelas quais hesitas em partilhar estes escritos é porque queres proteger a nossa relação do ridículo, e agradeço-te por isso. Mas querida, não há nada a proteger realmente, pois não? Tudo o que estamos a fazer é contar a história. Que caiba a cada indivíduo aceitá-la ou deixá-la. Algumas pessoas acreditarão que é verdade. Outras dirão "talvez", mas "talvez" é uma grande melhoria em relação a "de maneira nenhuma".

Toda a gente na Terra é eterna, mas não o sabe. Podem até acreditar nisso, de certa forma, mas não o sabem. Isso é porque é saber demais. A eternidade não é um conceito que a mente consiga agarrar. Podes tentar imaginá-la, mas depois, não sendo capaz de a experienciar, a tua mente diz: "Sim, acho que é uma história fantástica, talvez verdadeira", mas, em última análise, rejeita o que não consegue compreender. Isso é porque não é a tua mente que pode agarrar tudo isto. É algo muito maior e mais real do que a tua mente.

Vejamos o teu caso, por exemplo. Embora sejas tu a ter estas experiências, ainda não aceitas isto tudo completamente, pois não? Porquê? Porque a tua costela terrestre ergue-se contra a realidade de eu estar a falar contigo de uma esfera diferente. Querida, isto é mais do que um livro. Quero ajudar-te a ti e aos outros a expandir a vossa consciência. Dar um salto quântico.

O que quero dizer com isso? Bem, deixa-me dar-te a versão do Billy sobre o quântico — o quântico em alguns passos fáceis. Qual é a distância mais curta entre dois pontos, a forma mais rápida de ir daqui para ali? Será uma linha reta? Não propriamente, porque já estás em ambos os lugares. As pessoas dizem que não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas estão enganadas. Onde quer que queiras ir, já lá estás. E onde quer que não

queiras ir [risos], já lá estás também. O quântico exige que mantenhas o teu foco onde queres ir.

O que é um salto quântico? Significa que uma mudança de perspetiva é algo poderoso. Significa que a forma como vês algo pode, na verdade, mudar esse algo. A experiência de que tanto gostas, o gato de Schrödinger, é sobre o quântico. Basicamente, postula (gostas dessa palavra?) que a forma como observas algo muda esse algo.

O Gato de Schrödinger — Versão do Billy

O Papá não ligava a gatos, não queria nada com eles. Quando o Papá olhava para um gato, via uma criatura má com garras longas e afiadas. Tu olhas para um gato e vês o céu. Achas que isso poderá afetar o gato?

O quântico aplica-se geralmente a partículas subatómicas, não a pessoas. Mas as pessoas são, na verdade, vastos universos de partículas subatómicas e, por vezes, uma mudança de perspetiva faz as partículas dançarem de forma diferente, saltarem para uma nova realidade. É por isso que digo que o ponto de vista é tudo. Bem, não tudo, mas muito.

Ando há dias parado no céu, a fazer-me passar por um anjo para que te leves um pouco menos a sério, te sentes ao computador outra vez e escrevas. Para mim, dias são uma eternidade. Uau — eternidade, Annie, pensa nisso. Não te preocupes, Greta Garbo. Não estou a falar de uma vida eterna na Terra [risos]. Isto é diferente.

Se queres dar um salto quântico, constrói uma ponte comigo entre o teu mundo e o meu. Arrisca. Muda o teu ponto de vista sobre escrever este livro e vem nesta jornada comigo. Porque se pudesses escapar da pequenez da tua mente e viver na dimensão das minhas bênçãos, se pudesses dançar esta dança comigo, experienciarias algo que mal imaginaste, algo em que mergulhaste o dedo do pé de vez em quando. Em vez de um dedo, vamos tentar que entres até aos tornozelos, depois aos joelhos, depois às coxas, depois à cintura. Pouco a pouco, vamos fazer com que entres no oceano da tua Essência Divina.

O Billy estava a fazer o mesmo que fazia quando era vivo: usar o seu humor e charme para conseguir o que queria. A sua imitação tonta de anjo fez-me pensar que talvez escrever este livro não fosse tão sério como eu estava a fazer parecer. Flutuar pelo céu como um anjo-mau-rapaz era a forma

de o Billy dizer: “E então! Não é nada de especial! Não te preocupes com isso. Vem lá fora brincar.”

Desde a morte do Billy, eu tinha-me tornado cada vez mais isolada. Mantinha o meu atendedor de chamadas ligado o tempo todo e só atendia chamadas de amigos que sabiam sobre o Billy. Quanto a todos os outros, como poderia agir normalmente quando não me sentia normal? Encontrava desculpas para não ver as pessoas. Talvez o meu Universo se tivesse expandido, mas o meu mundo físico tinha definitivamente encolhido. Eu estava a mudar de pele por dentro do segredo do Billy.

Depois de o Billy ditar as suas notas, convidou-me a ir à baía. Agora que conseguia ver o Billy tão bem como o ouvia, era quase como se ele fosse um amigo que vivia no fundo da rua.

O dia estava quente, com uma brisa selvagem. Vesti um fato de banho vermelho que não usava há anos e desci calmamente os degraus até à água. Assim que cheguei à margem, lá estava o Billy, inconfundível, no céu. Estava em modo anjo outra vez, luminoso e de vestes brancas, tão transparente que era quase invisível, erguendo as mãos sobre mim, derramando bênçãos. Ele continuava a repetir:

O mundo é a tua ostra O mundo é a tua ostra Tu és a pérola E a ostra

Vi faíscas prateadas por todo o lado. Embora estivesse a usar óculos de sol, a luz era tão brilhante que tive medo de que, quando a bênção acabasse, descobrisse que tinha ficado cega. De olhos meio cerrados, avancei hesitantemente pelo fundo pedregoso para a água calma e morna da baía. Enquanto flutuava de costas, de olhos bem fechados, sussurrei o meu novo mantra: “Eu sou a pérola e a ostra.”

Quando cheguei a casa, tirei uma revista da caixa do correio e abri-a. Na primeira página estava um anúncio que mostrava uma loira num vestido dourado prostrada no chão de um bar de ostras. O bar e o chão estavam cobertos por enormes pilhas de conchas de ostras descartadas. A mulher exausta olhava fixamente para um objeto que segurava entre os dedos. Quando olhei mais de perto, vi que era uma pérola cintilante de tamanho gigante.

DEZOITO

Mundo Supra

No dia seguinte a ter recebido a bênção da pérola na ostra do Billy, acordei a sentir-me como se tivesse uma ressaca terrível. Quando a energia do mundo do Billy se tornava intensa, assustava-me. Não tinha medo da energia, propriamente. Tinha medo da queda que se seguia depois de ter viajado entre o mundo dele e o meu.

Pessoas que tiveram experiências de quase-morte dizem frequentemente que não queriam regressar a este mundo porque o de além parecia muito melhor. Quando o Billy visita, sou envolvida por uma atmosfera superior. Mas, ao contrário do meu irmão, quando ele acaba de falar, eu tenho de voltar à Terra, e não é fácil.

O Billy irradia bem-aventurança. Eu tenho uma constipação. Ele usa vestes sagradas. Eu estou a lavar a roupa. Ele flutua por aí tornando-se o Universo. Eu estou presa no trânsito. Estou inquieta. O tempo passa e eu ainda não sei o que estou a fazer com a minha vida. O Billy vive além do tempo, onde os momentos fluem uns para os outros e ele nunca tem de pensar no que fazer a seguir.

O Billy fez-me saber que compreendia pelo que eu estava a passar.

Sempre que a presença do meu mundo se torna realmente forte, ficas com medo que algo de mau te aconteça. Não te preocupes. A luz do meu mundo não te fará mal, Princesa.

Existem muitos mundos, e a vida após a morte tem muitas formas. Para onde vais, quem encontras e onde os encontras é diferente para pessoas diferentes. Quando o Papá morreu, depois de ter passado pela câmara de cura, não se viu a flutuar pelo Universo como eu. Ele fez uma paragem extra na sua viagem no elevador cósmico. Aterrou num lugar que se assemelha mais às ideias das pessoas sobre o céu. Chamemos-lhe Mundo Supra.

O Mundo Supra é um lugar muito acomodativo. As coisas ali são concebidas para o conforto da alma recém-falecida. Uma das coisas que as pessoas fazem nesse mundo é aprender a libertarem-se de certos medos — medo da morte, medo de não ter um corpo, medo do castigo. E, na maioria dos casos, os recém-falecidos têm um forte desejo de se reunirem com as pessoas que amaram na Terra. O Mundo Supra é onde isso acontece.

O Papá não tinha medo da morte, mas estava realmente ansioso por ver os seus pais e os seus três irmãos, que tinham morrido todos antes dele. Durante os últimos meses da vida do Papá, quando o cancro o estava a levar, ele disse-te que a mãe e o pai dele estavam por perto, tornando a sua partida doce, embora ele estivesse com muitas dores. Eles eram tão reais para ele como eu sou para ti agora.

Depois de morrer, o Papá reuniu-se com os pais e os irmãos de uma forma que tinha imaginado muitas vezes. Quando encontras a tua esposa ou marido ou família ou amigos, ou até os teus animais de estimação (sim, podes encontrar todos os teus gatos), é mais amoroso do que era na Terra. Sei que isto soa idealizado, e é idealizado. Isso é porque o Mundo Supra é construído sobre o mundo das ideias humanas.

As pessoas têm de esperar no Mundo Supra até que todos os que as querem ver tenham morrido antes de poderem seguir em frente? Não. Não acontece assim. Sabes, depois de estares morto, és capaz de estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo.

Então, por exemplo, embora eu nunca tenha sequer lá estado, quando a Mamã morrer eu vou encontrá-la no Mundo Supra e dar-lhe todo o amor que ela sempre quis de mim. Do meu reino superior, posso visitar todos os níveis abaixo, por isso o Billy adequado para o Mundo Supra encontrará a Mamã lá. Este fenómeno de visita não deve ser muito difícil de imaginares. Estou centenas de anos-luz além de onde tu estás, mas ainda posso visitar-te — certo?

Além das reuniões, o Mundo Supra é também o lugar onde os recém-falecidos vivem crenças fortes que tinham sobre a morte enquanto estavam vivos. É como um carretel de fita a desenrolar-se. O carretel fica mais fino à medida que as crenças são vividas. No início, o drama da morte no Mundo Supra — com os seus anjos, portões de pérola, harpas e afins — é muito gratificante. À medida que a pessoa se familiariza mais com a nova atmosfera, estas ideias perdem o seu domínio. As crenças são um pouco como brinquedos. À medida que cresces, perdes o fascínio por eles e eles são descartados.

As crenças são importantes na Terra. As pessoas colecionam-nas. Algumas destas crenças são úteis, mas outras apenas te mantêm a correr de um lado para o outro a tentar seguir regras que outros estabeleceram. Não

têm muito significado pessoal. É uma boa ideia analisar as tuas crenças de vez em quando e deitar fora as que não te servem.

Todos os que morrem acabam por deixar o Mundo Supra e partem para ver o seu holograma projetado no ecrã virtualmente melhorado do Universo. Mas não o verão através de olhos humanos, através da lente do bom e do mau, como o viam na Terra. Quando estás pronto para ver a tua vida, já deixaste para trás muitos conceitos humanos e estás a olhar através de óculos de cor divina. Os humanos não costumam experienciar a magnificência total das suas vidas enquanto as estão a viver. Ficam presos em muitas ideias e perdem de vista o milagre que é a sua vida.

Eu não tinha propriamente medo da morte e, quando morri, não havia ninguém em particular que quisesse encontrar. Também não me restavam muitas crenças, espirituais ou outras. Tudo se tinha perdido durante os meus últimos anos na Terra, exceto o meu anseio por Deus e a sensação de que havia algo grande à minha espera quando a minha vida terminasse. Eu saltei o Mundo Supra completamente. É muito agradável lá, na verdade, mas nada tão feliz como o lugar para onde fui. As pessoas geralmente precisam de ser preparadas para esse tipo de felicidade. Ninguém teve de me preparar. Eu estava pronto para o êxtase.

O porquê de eu ter escolhido percorrer o meu caminho particular na Terra está além da compreensão humana. Porque iria alguém por essa estrada? Bem, para mim, o drama da minha dependência de drogas foi uma das partes mais interessantes da minha vida. Foi uma luta muito importante. E no meu caso, perder preparou-me para uma grande vitória. Não podia sabê-lo na altura, mas o meu calvário na Terra estava a preparar-me para o que estava para vir.

Sabes, após a revisão do holograma, a maioria das pessoas não parte para se tornar o Universo. Mas não te preocupes, isso para elas está bem. É diferente aqui do que é na Terra. Ninguém quer ir para outro lugar que não seja aquele para onde vai. Algumas almas voltam ao teu planeta para reencarnar e outras vão para lugares nos mundos de além para se desenvolverem mais e prepararem para a experiência de se tornarem o Universo. Não serias capaz de tolerar esse evento se não estivesses pronto para ele.

Eu era um toxicodependente incurável que nem sequer era capaz de ganhar a vida. Quem diria que eu estaria pronto para me tornar o Universo?

Bem, isso apenas mostra que nunca se pode julgar a vida de ninguém, a tua incluída. Às vezes, na adversidade, és forçado a manter-te sozinho, e manter-te sozinho prepara-te para te tornares o Universo. Não estou certamente a sugerir que alguém siga o meu caminho. Definitivamente não. Mas recomendo que vejas através dos teus próprios olhos, não através da lente dos outros. Torna a tua vida tão interessante quanto possas. Arrisca. Vai atrás dos teus sonhos.

Talvez estas páginas te deem uma antevisão dos muitos mundos e possibilidades infinitas que jazem diante de ti. Talvez comeces a brincar com a ideia de que és eterno, de que vais continuar. Podes não continuar da forma que imaginas, mas pode ser algo maior e mais magnífico do que alguma vez poderias conceber.

Após o ditado da manhã, conduzi até ao oceano. Que bela manhã de pleno verão estava — um céu azul límpido, apenas algumas nuvens fofas. Enquanto caminhava junto à água, uma brisa suave girou sobre mim e eu desafiei o Billy pela primeira vez.

"Dá-me algum tipo de sinal, agora mesmo."

Nesse preciso momento, a Mitzi, a minha cadela da infância, o meu presente favorito do meu pai, veio a correr pela praia em minha direção, abanando o rabo excitadamente como uma velha amiga. Bem, não era propriamente a Mitzi, apenas o seu sósia exato; o mesmo tamanho, a mesma mistura loura-mel de fox terrier e beagle, os mesmos olhos profundos com pestanas brancas espessas. Quando me baixei para lhe dar festas, ela lambeu-me a cara. Se o dono dela não tivesse aparecido, tê-la-ia levado para casa comigo.

Tinha o meu sinal.

Quando cheguei a casa, liguei para o stand da Mercedes pela quarta vez. Ele jurou que enviaria as coisas do carro desfeito do Billy imediatamente. Não fiquei à espera.

DEZANOVE

A Saga da Pérola e da Ostra

Uma trovoada de verão acordou-me a meio da noite. O vento fustigava as árvores, da mesma forma que fizera durante dias após o meu irmão morrer. Incapaz de voltar a adormecer, refletia sobre o quanto eu tinha mudado desde então. Agora que acreditava que outras dimensões existiam, nunca mais seria capaz de pensar na vida ou na morte, em mim mesma, no cosmos, ou em quase tudo o resto da forma que costumava fazer.

Em breve, a voz do Billy veio através do vento.

Olá, e amo-te.
O mundo é a tua ostra
O mundo é a tua ostra
E na concha da ostra encontrarás
Muitas pérolas
Pérolas de sabedoria que lançarás
Diante de todas as criaturas
Colocarei à frente da tua carruagem
Dezassete cavalos brancos
Cavalos belos
Com vestes douradas

Quando eu disse pela primeira vez, "o mundo é a tua ostra", soou muito bem, certo? Como se todas estas pérolas magníficas viessem simplesmente na tua direção e tu estivesses a viver na chamada vida fácil. Mas a saga da ostra e da pérola é mais complicada do que parece à primeira vista. A pérola só acontece quando a areia entra dentro de uma ostra e a irrita.

O mundo é a minha ostra? Cheio de irritação? Que tipo de bênção é essa?

Não é culpa minha, Princesa. Eu sei. Tu gostarias de simplesmente andar pela vida sem preocupações, nas calmas, em vez de estares presa com uma ostra cheia de areia [risos]. Se eu te der a receita do Billy para fazer pérolas, gostarias?

Sim, eu sei, a irritação não sabe bem, mas sem ela não haveria pérola. Não te foques demasiado na irritação. Tenta relaxar em relação à areia. Se lidares com a areia de forma criativa, terás um tesouro magnífico.

Para ser um fazedor de pérolas, a tua ostra precisa de uma concha boa e forte para te proteger de cem milhões de irritantes no teu ambiente. A tua concha ajuda-te a distinguir um grão de areia do outro. Tu sabes qual deles se pode tornar uma pérola e qual não vale a irritação.

Se te tornares uma ostra realmente esperta, com uma concha boa, podes viver a vida com mais abandono porque não tens de te preocupar tanto com a areia. "Oh, lá está aquela areia outra vez. Isto acontece sempre que dou uma grande dentada no oceano. Vou cuspir a maior parte e não ficarei muito preocupada com o resto."

E porque é que não tens de ficar muito preocupada? Olhaste para dentro de uma ostra ultimamente? É macio, fértil e informe. O interior da tua ostra é a tua centelha criativa, o teu laboratório de fazer pérolas. As pessoas espertas trabalham em laboratórios, certo? Bem, uma vez que tu és o Universo, o teu laboratório é gerido por nada menos que a Inteligência Universal.

A mesma Inteligência que faz crescer árvores a partir de sementes, que deixa os pássaros voar, que agita o oceano e dá à luz novas estrelas — essa mesma Inteligência também respira o teu fôlego, bate o teu coração e cura as tuas feridas.

Como posso eu dizer que tu és o Universo? Porque eu tornei-me tão pequeno como a menor partícula quântica, e tão grande como a multidão de galáxias que existem no espaço. Eu sempre fui assim, na verdade. Apenas não o sabia. E todos os outros também o são.

Olha para fotografias do Universo. Depois fecha os olhos e imagina essas estrelas, nuvens, cometas e galáxias dentro e ao redor de ti. Quando voltas a tua atenção para o ilimitado, a irritação parece pequena comparada com o sol, a lua e as estrelas. Quando imaginas o infinito, és tocada pelo teu eu infinito.

Quando abri o meu e-mail naquela manhã, tinha uma mensagem do "Guru Guy" com um link para fotos do telescópio Hubble. Lá estava o deslumbrante Universo mesmo no meu ecrã; nebulosas olho de gato, galáxias de anéis de luz, estrelas a nascer. O link apareceu no momento exato, sem qualquer esforço da minha parte.

Cedo, na manhã seguinte, fiz a viagem de três horas até ao apartamento da minha mãe em Brooklyn, uma viagem que fazia todas as semanas desde a

morte do meu irmão. Pelo caminho, o Billy disse-me que algo de bom iria acontecer. Fiquei feliz por ouvir isso, porque era de partir o coração ver a minha mãe, de oitenta anos e sempre tão resoluta, a aguentar-se por um fio.

No primeiro mês após a morte do Billy, a minha mãe chorou quase todos os segundos de todos os dias. Depois, os médicos começaram a enfiar-lhe todo o tipo de antidepressivos pela garganta abaixo até ela ficar praticamente catatónica. Ela andava amuada pelo apartamento de roupão, e deixou de arranjar o cabelo, de se maquilhar ou de fazer as unhas. Agia como uma velhinha, algo que nunca tinha feito antes.

Em pouco tempo, a minha mãe estava a ler inúmeros livros sobre a morte. Aquele em que estava absorvida quando cheguei nesse dia falava sobre pessoas que perdiam as suas almas como castigo por serem "más".

"Onde é que ele está?", gritou ela nos meus braços. "Onde está o meu menino? Ele perdeu a alma?"

"Não, Mãe, a alma do Billy está bem. Quem me dera encontrar uma forma de te ajudar a acreditar nisso."

"Nunca me apercebi do quanto o amava", disse ela. "Sempre pensei que te amava mais a ti, mas não é verdade. Amava-o exatamente da mesma maneira. Agora ele nunca saberá."

"Não te preocupes. Vais vê-lo em breve. Então poderás dizer-lhe o que quiseres."

Isso fê-la sorrir.

Escovei o seu cabelo branco, pus-lhe creme e batom no rosto e ajudei-a a vestir-se. "Está um belo dia de verão", disse eu. "Vamos caminhar junto ao rio." O sol brilhava, refletindo-se no Hudson, enquanto passeávamos de braço dado pelo paredão.

"Preciso de alguma sabedoria, Mãe. A minha vida continua a ser um mistério para mim. Tu viveste muito tempo e aprendeste muito. Que coisa sábia me podes dizer?" Pedir-lhe conselhos era a minha forma de a ajudar a lembrar-se de quão inteligente ela era.

"É engraçado, eu sabia que me ias fazer essa pergunta e sabia como iria responder. Acabei de ler um livro sobre uma mãe e uma filha chinesas. Acho que se chama Pérolas Espalhadas. Quando a filha estava prestes a partir para a América, a mãe disse-lhe que, quaisquer que fossem os problemas que a

vida lhe trouxesse, ela deveria pensar neles como areia numa ostra e transformá-los em belas pérolas. E é isso que eu quero para ti, minha querida filha. Pega nas coisas difíceis e transforma-as em pérolas."

Ri-me e disse: "Não vais acreditar nisto. Deixei uma coisa lá no apartamento para te mostrar."

Muitas vezes eu tinha falado à minha mãe sobre as visitas do Billy, mas ela não queria ler nada do que ele dizia. Tenho a certeza de que ela pensava que eu estava a viver num tipo de "terra da fantasia do Billy" que tornava a verdade fria e dura da sua morte ainda mais dolorosa. Eu compreendia, mas agora senti que ela estaria recetiva.

Quando voltámos ao apartamento, li-lhe as notas do Billy sobre a pérola e a ostra. A minha mãe franziu a testa e ficou em silêncio por um minuto. Depois, soltou uma gargalhada.

"Todo este tempo eu estava apenas a dar-te corda quando dizia que acreditava que o Billy falava contigo. Mas agora, oh meu Deus, tenho de acreditar!"

A minha mãe abriu a sua caixa de joias turquesa e entregou-me um fio de pequenas pérolas rosadas. "Para quê esperar até eu já cá não estar? Assim nunca te verei a usá-las."

Após a nossa visita, a melancolia da minha mãe começou a dissipar-se. Ela confessou que, às vezes, quando acordava, achava que sentia o espírito do Billy por perto, a curá-la e a ajudá-la a recuperar.

"Embora a dor de perder o Bill tenha sido como nenhuma outra que senti na vida", disse a minha mãe, "Deus quis que eu o conhecesse e o amasse, disso tenho a certeza."

VINTE

O Livro da Vida

Numa manhã sonhadora de meados de Agosto, antes do amanhecer...

Está um belo dia. Porque não trazes o caderno vermelho e te juntas a mim na praia?

Quando lá cheguei, as estrias cor-de-rosa e laranja do céu deram lugar à glória etérea do Billy em vestes brancas.

É um bom dia onde tu estás, minha irmã. Aqui todos os dias são bons dias, embora na verdade não existam dias e noites. Mas não sinto falta deles. Não sinto falta de nada.

Uma das coisas de que certamente não sinto falta é de estar preocupado com a minha aparência. Aqui, apenas pareço eu próprio e isso é ótimo. Não há pretensões ou esforços para parecer desta ou daquela maneira. Eu apenas irradio, o que é natural. Como sou feito de luz, não tenho órgãos nem sangue nem nada disso. Sem problemas nos joelhos, sem problemas no fígado, sem problemas de drogas, sem problemas de peso. Também não tenho uma casa, exceto o meu corpo de luz.

Às vezes deixo o meu corpo de luz e volto a tornar-me o Universo; deixo-me ir e faço mais uma fusão com o campo de energia cósmica. Suponho que possas dizer que é um pouco como o sono humano, porque ambos se tratam de desapegar. Mas, na verdade, não há comparação, porque tornar-se o Universo é puro êxtase e dormir é uma sorte.

Na Terra, precisas do dia e da noite, do sono e da vigília, do nascimento e da morte. Precisas de saber que o dia de hoje pode ter sido difícil, mas o de amanhã poderá ser melhor. Podes ter estragado o dia, ou o dia pode ter-te estragado a ti, mas podes ir dormir e acordar, e talvez sentir que tens um novo começo.

A morte dá-te um novo começo, tal como o sono. Normalmente não pensamos na morte como um começo, mas é o que ela é. Quaisquer que tenham sido os teus chamados erros, não importa agora, porque há sempre outra oportunidade, outra vida até, para tentar algo diferente. E não te preocupes. Os chamados erros estão bem. Fazem apenas parte do negócio.

Depois de estares morto, tudo está, na verdade, mais vivo. Vejamos, por exemplo, o meu Livro da Vida, dado por Joseph, aquele homem

deslumbrante de cabelos prateados que conheci debaixo da esfera azul-branca. Embora eu lhe chame livro, não tem páginas nem palavras. É mais como um arco-íris oscilante. Chamo-lhe livro porque isso implica uma reunião de informação. Além disso, "Livro da Vida" soa bem.

Antes de cada alma vir à Terra, a sua edição pessoal do Livro da Vida é escrita. A vida no teu planeta é sobre dramas que te mudam. Não é engraçado que a maioria das pessoas tenha medo da mudança, quando mudar é a cobertura de chocolate extra por cima do bolo da vida?

E embora muito da tua vida esteja planeado, há muita liberdade dentro desse plano. As circunstâncias são como as linhas de um livro de colorir de uma criança, mas em vez de tinta as linhas são a lápis; são apagáveis. À medida que vais colorindo os espaços, influencias as linhas.

Ler o meu Livro da Vida é diferente de ver o meu holograma. Nessa altura não havia análise. Agora, o Joseph e eu estamos a olhar para a forma como as cores específicas que escolhi moldaram a minha vida.

O Joseph parece um ser humano, mas é feito de luz, como eu. Não creio que seja uma encarnação de um dos Seres Superiores de que falei antes. O meu sentido é que ele trabalha sob a égide da benevolência deles. O Joseph é mais bonito do que o ator mais bonito que alguma vez viste. O seu rosto tem a experiência e a bondade gravadas nele. A sua atitude perante tudo não é de todo séria; é alegre e sábia. Não sei se toda a gente aqui vê as coisas como o Joseph as vê, porque não encontrei outros habitantes locais até agora. Mas posso dizer-te que a perspetiva do Joseph é perfeita para mim.

Embora o Joseph saiba muito mais do que eu, não impõe regras nem me dá opiniões a menos que eu peça. Ele não me domina de forma alguma, e isso é algo belo. Há tanta influência dos outros quando estás na Terra que, de certa forma, não chegas a viver a tua própria vida. Chegas a viver a tua própria vida depois de estares morto.

O que é que o Joseph faz exatamente? A melhor coisa que ele faz é amar-me incondicionalmente. Na Terra as pessoas falam de amor incondicional, mas até seres realmente amado dessa forma é impossível compreender o poder que isso tem. Vai muito além da aceitação, porque aceitação implica que gostas de algumas partes de mim e de outras não, mas aceitas tudo. Para o Joseph, tudo em mim é extraordinário. Que experiência!

Eu não fiz realmente um mau trabalho na Terra com as circunstâncias que escolhi. Não foram circunstâncias fáceis. Muito da minha vida foi preparar-me para o meu novo trabalho — escrever este livro contigo. É difícil ajudar os outros se não compreenderes as suas frustrações, as suas desilusões, os seus medos, os seus desejos e a sua grandeza. Não podes realmente colocar-te no lugar de outra pessoa a menos que tenhas estado onde ela está.

Eu estive em imensos lugares, desempenhei muitos papéis diferentes no meu tempo: o viciado, o filósofo, o curador, o patife, o benfeitor, o malfeitor, e o meu favorito pessoal, o santo-mau-rapaz. Não pretendo insinuar de forma alguma que fui um santo, apenas que, embora tenha feito a minha parte de coisas não convencionais, coisas que eram até contra a lei, o meu coração e alma estavam sempre a tentar alcançar algo maravilhoso.

Ajudar os outros foi sempre a minha coisa favorita. Embora nunca tenha terminado o liceu, sempre fui bom a falar e sempre fui sincero. Usei esses dons nos meus melhores momentos. Lembras-te quando dirigi um centro de drogas para jovens adolescentes? Eu amava aqueles miúdos e eles sabiam-no.

Depois disso, cheguei a viver as minhas ambições de advogado no meu trabalho favorito de sempre, trabalhando como mediador nos tribunais da cidade de Nova Iorque ajudando pessoas que eram presas por crimes de droga. Eu defendia os seus casos e tentava persuadir os juízes a sentenciá-los a centros de reabilitação em vez da prisão. Claro que isso foi antes de eu próprio ir para a cadeia [risos].

Sinto-me honrado por a minha edição do Livro da Vida conter estes escritos que estou a colocar ao teu cuidado. Como já deves ter percebido, tornei-me numa espécie de alma auxiliadora outra vez. Espero que através destas páginas as pessoas percebam que não estão sozinhas. Espero que sintam a sua imortalidade, mesmo que apenas por uma fração de segundo, para que possam perder algum do seu medo de morrer. Então, não só terão uma morte mais fantástica, como terão também uma vida melhor.

E já mencionei que dentro destas páginas existe luz? Ah, e vou enviar-te uma estrela hoje.

A radiância do Billy fez-me sentir tão em paz que me demorei na praia sem uma única preocupação na cabeça, fitando o céu, procurando a estrela

que o Billy prometera. O mar, a areia e as gaivotas cintilavam com a luz subtil do Divino.

Naquela tarde, enquanto conduzia para a cidade de Nova Iorque para pintar o cabelo, pensava que de todos os papéis do meu irmão, "Billy Fingers" era o que eu menos gostava. Odiava esse nome. Assustava-me. Sugeria negócios que correram mal, cadeia, armas e aparecer morto num beco.

"O que és tu, Bill?", perguntava eu. "Um gangster? Um carteirista? Um apostador?"

Muitas vezes desejei que o meu irmão fosse outra coisa — um professor, um autor, um empresário — em vez de alguém cujo maior prazer era drogar-se. Às vezes tinha até vergonha dele. Como no liceu, quando o irmão da minha melhor amiga não queria que ela fosse amiga da irmã do viciado da cidade. Não importava que eu fosse uma aluna de mérito a ajudá-la a perceber quão brilhante ela era.

Ao estacionar o carro, pensava que, embora a vida do meu irmão fosse diferente da que eu teria desejado para ele, nunca quis um irmão diferente, um que não fosse o Billy. Pensava também que talvez devesse pôr o cabelo mais ensolarado para os dias solarengos de verão — pôr uns reflexos.

Foi então que a voz do Billy atravessou o meu para-brisas.

Porque não pintas o cabelo da cor da Lena Olin, a atriz?

Ri-me enquanto caminhava para o salão. "O que é que tu sabes sobre cor de cabelo, Billy?"

Enquanto esperava na cadeira do colorista, uma mulher sentou-se ao meu lado. Senti uma atração magnética estranha na direção dela, por isso virei a cabeça para olhar. Ali estava sentada a bela Lena Olin.

O Billy tinha-me enviado literalmente uma estrela.

VINTE E UM

Tribos de Almas

A conversa do Billy sobre os seus muitos papéis fez-me questionar os meus. Seria eu uma detetive cósmica a explorar o mistério supremo — o que acontece depois de morrermos? O Billy não me estava apenas a dar informação, estava a dar-me provas. E o enredo tinha sido montado perfeitamente. Eu tinha deixado a minha vida na cidade de Nova Iorque em busca de uma nova numa casa junto à baía. Sem o saber, tinha preparado o palco para a entrada do Billy. Este não era apenas o Livro da Vida do Billy, era o meu também.

À medida que os dias abafados de Agosto chegavam ao fim, o Billy deu-me mais alguns segredos.

Embora todos os seres venham da mesma Fonte, dentro de cada flor individual, dentro das nossas diferenças, jaz o prazer da criação. Na sua multiplicidade de alegria gloriosa, o Infinito cria diversidade, por isso existem muitas tribos de almas. Cada tribo tem as suas explorações especiais para realizar na Terra.

A tua tribo de almas não tem a ver com país ou raça, religião ou família. Quando encontras alguém da tua tribo, sentes que de alguma forma já conheces essa pessoa. Outras tribos são desconhecidas, mas trazem presentes de novo conhecimento e sabedoria. As diferentes tribos fornecem todas as personagens necessárias para o grande drama cósmico.

Muitos símbolos elaborados aparecem ao longo do meu Livro da Vida. Estão escritos numa linguagem que nunca aprendi, mas que pareço conhecer intimamente. O meu amado Joseph e eu somos da tribo Lohana, e estes símbolos são as fórmulas de sabedoria da nossa tribo.

Cada ser humano realiza experiências Divinas nas condições que a Terra tem para oferecer. O santo graal da jornada mitológica da encarnação humana são as fórmulas de sabedoria.

Não só compreendo o significado das fórmulas da minha tribo, como também através delas sinto a essência das almas que as criaram. O que é surpreendente é quão pouco convencionais estas fórmulas Lohana são. Não contêm uma ideia fixa do que é virtuoso. Estas equações vão muito além dos

rótulos humanos de "bom" e "mau" e focam-se, em vez disso, na qualidade da luz de cada um.

Elas também remetem para um grande mistério. Porque haveria uma alma de esquecer as suas origens elevadas, revestir-se de um corpo e deixar os Mundos Superiores pela Terra, que é muito mais difícil?

Bem, minha querida, porque a alma ama a experiência e não teme o sofrimento. A alma sabe que nunca pode ser ferida. Isto não significa que não seja natural que as pessoas prefiram o prazer à dor. Isso faz parte do plano. E até deixares o teu mundo, nunca compreenderás totalmente todos os porquês.

Eu nunca fui fã de dor e sofrimento, mas o meu cenário de fim de vida na Terra estava cheio disso. Poderias pensar que, por ter sofrido tanto, eu falhei, mas isso não seria verdade. Embora a minha vida tenha terminado como uma ópera trágica, isso foi aceitável, querida.

Eu sei, Princesa. Estás a desejar que eu pudesse partilhar as fórmulas Lohana contigo, mas não tenho permissão para o fazer. Não te preocupes, Annie. Muita da sabedoria delas já está neste livro. Além disso, tu tens as tuas próprias equações que estão a ser escritas enquanto vives. E não te preocupes com elas, também. Não precisas de as decifrar. Segue apenas a tua quimera, o teu fogo eterno, e as fórmulas surgirão por si mesmas.

Assim que consegui sentir a terra debaixo dos meus pés novamente, pesquisei no Google "Lohana". Fiquei sobressaltada ao descobrir que Lohana era o nome de uma antiga tribo originária da Índia. Segundo a legenda, estes nobres guerreiros eram descendentes do Senhor Rama, um rei que viveu há mais de cinco mil anos e que ainda é adorado pelos hindus como uma das muitas encarnações de Deus. Seria o Billy um descendente de Rama?

Reli as notas do Billy, procurando uma resposta. Não estava lá, mas algo que o Billy disse captou a minha atenção.

Segue apenas a tua quimera, o teu fogo eterno, e as fórmulas surgirão por si mesmas.

O que era uma quimera?

O primeiro resultado da pesquisa que apareceu foi um monstro fêmea da mitologia grega, com três cabeças e que soprava fogo. Continuei a procurar.

Em breve, surgiu um artigo chamado *Aos Pés do Fogo Eterno*. Era sobre os fogos conhecidos como a Quimera, que ardem no Monte Olimpo, na Turquia. Estas chamas misteriosas vêm do interior da montanha e elevam-se em direção ao céu através de buracos na rocha. As Quimeras são consideradas eternas — quando se tenta extingui-las, elas voltam a acender-se.

Qual era a minha quimera? Para onde tinha ido o meu fogo? Escrever música tinha sido sempre a minha paixão, mas isso não estava a chegar a lado nenhum. Tinha de admitir ao meu "eu Greta Garbo" que a experiência com o Billy tinha acendido uma centelha dentro de mim. Talvez ser uma detetive cósmica a explorar o mundo de além fosse a minha nova quimera.

VINTE E DOIS

Patty Malone

Numa noite idílica de Setembro, enquanto tomava banho, o Billy disse numa voz maldosamente assustadora: "O Steve vai ficar muito doente." Depois, riu-se como o Vincent Price num filme de terror.

Fiquei confusa e perturbada. O Billy nunca tinha feito este tipo de previsão antes, e porque é que estava a usar aquela voz fantasmagórica? Talvez não fosse realmente o Billy. Não parecia ele. Talvez fosse algum tipo de impostor a tentar assustar-me. Mas porquê?

Era verdade que o Steve não se tinha sentido bem ultimamente, mas um especialista tinha-lhe assegurado que era apenas algum tipo de virose. E se o médico estivesse errado? Se o Steve soubesse o que o Billy tinha dito, passar-te-ia da cabeça. Sem lhe dizer porquê, liguei-lhe e convenci-o gentilmente a ver outro médico.

Alguns dias depois, o Steve telefonou. "O médico disse que tenho apenas uma infeção que está a persistir. Nada com que me preocupar. Receitou-me mais alguns antibióticos."

Novamente, vindo de longe, ouvi o riso sinistro do Billy. Desta vez foi mais alto e pareceu verdadeiramente maléfico enquanto ecoava pelo meu teto.

Tentando manter a calma, disse ao Steve: "Quero que vejas outra pessoa." "Porquê?" "Não sei. Vai ver a Florence. Tenho a certeza de que ela te arranja um buraquinho esta tarde."

A Florence era a médica de família do Steve. Talvez os especialistas estivessem a ser demasiado especializados. O Steve ligou-me do consultório dela.

"O meu eletrocardiograma parece suspeito. A Florence vai mandar-me a um cardiologista." Mais tarde nesse dia, o Steve estava no hospital a fazer um angiograma.

Eu sabia que um angiograma levava muitas vezes a outras coisas. Atirei algumas roupas para uma mala e dirigi-me para a cidade. Na manhã seguinte, quando os médicos vieram ao quarto do hospital e nos disseram que ele precisava de uma cirurgia de *bypass*, a minha cabeça começou a andar à roda. Além de estar preocupada com o Steve, os hospitais deixam-me instável. Quando eu tinha quinze anos, tive uma apendicectomia de emergência a que quase não sobrevivi, um pesadelo do início ao fim.

Mesmo quando estava prestes a perder o controlo, a presença suavizante do Billy surgiu do nada e tirou-me do pânico. Fiquei muito calma e focada. Olhando em redor do hospital, não gostei do que vi. Sujo. Desorganizado. Quando o cirurgião passou para dizer que iria operar o Steve no dia seguinte, ignorei-o friamente. Depois fiz algumas chamadas e localizei o melhor cirurgião cardíaco da cidade de Nova Iorque. Enquanto o Steve era colocado numa ambulância cardíaca especial à meia-noite para uma transferência, olhei para o céu escuro como tinta e disse: "Obrigada, Billy."

No segundo hospital descobriram que um medicamento que o Steve estava a tomar no primeiro hospital poderia tê-lo feito sangrar até à morte na mesa de operações. A cirurgia foi adiada até o medicamento sair do seu sistema.

A cirurgia de coração aberto correu bem, muito mais depressa do que o esperado. Porque detetámos o problema médico a tempo, não houve danos no coração do Steve. O Billy tinha-me assustado para garantir que eu seria persistente. Isto não era chá verde. Isto era vida ou morte.

O Billy parou de falar comigo por uns tempos. Ele sabia que eu precisava de tempo. Este último incidente abalou-me. Estava mais do que grata, mas tinha muitas perguntas.

Antes de nascerem, teria o Steve concordado em ser o protetor do Billy durante os seus últimos anos na Terra? Teria o Billy concordado em retribuir o favor depois de morto? Precisaria o Billy de permissão para me dizer que o Steve estava em apuros? Se não fosse pela intervenção do Billy, teria o Steve tido um ataque cardíaco? Poderia o Steve ter morrido? Teria o Billy mudado o destino do Steve?

Como detetive cósmica, estava determinada a encontrar respostas. Mas como? Cada dia, à medida que o outono avançava, o Billy pairava pacificamente, invisivelmente, silenciosamente, a uma distância respeitosa.

Esperando por inspiração, aguardei pela lua cheia. Sentada na minha almofada de meditação à meia-noite, com o aroma de velas de jasmim a pairar em meu redor, escrevi as minhas perguntas num bloco de notas. Foi um alívio tirá-las da cabeça e passá-las para o papel. Fechei os olhos e fui para onde não havia pensamento, nem espaço, nem tempo.

Quando abri os olhos uma hora depois, em vez de respostas, rabisquei o cerne da minha investigação: *Pode o outro lado intervir nas nossas vidas?*

Na noite seguinte, uma noite de Outubro azul-índigo, a luz do Billy elevou-se bem acima de mim como um anjo.

Annie, Annie, acorda. Não te provei, minha irmã, que sou real? E muito mais importante do que o facto de eu ser real é que existem outros lugares — lugares além da Terra — que são reais, cheios de luz e amor e bem-aventurança. E talvez, apenas talvez, alguma luz possa vir desses lugares para tornar a vida no teu planeta um pouco melhor, um pouco mais gentil, um pouco mais musical.

Tenho um visitante comigo esta noite. Consegues ver a aura de luz azul-dourada no canto do quarto? Ele é o Pat, um espírito muito forte e nobre. Ele faz-te lembrar a Tex? Devia, porque é o irmão mais velho dela. Como sabes, o Pat morreu quando a Tex era apenas uma adolescente, morreu no que chamarias de forma trágica, num acidente de avião, a caminho de casa para uma visita de Ação de Graças.

Bem, o Pat é uma espécie de guardião da Tex agora. A mãe da Tex e o Patty Malone e todos aqueles deste lado que amam a Tex gostariam que eu lhe enviasse uma carta, por isso, por favor, escreve isto.

Querida Tex, Só porque estás exausta pela doença da tua mãe e pela morte dela, não tens de te destruir. Destruir-te com álcool não é a melhor forma de lidar com tempos difíceis. Sei que gostas da ideia de destino. Bem, talvez o teu destino seja tornares-te maior do que as tuas dependências. Talvez este seja o momento definidor do teu espírito. Talvez queiras ficar por cá uns tempos sem o teu corpo a chatear-te dizendo: "Estou num caos."

Foi muito divertido para mim! Sem dentes, inchado, o cabelo a cair, os joelhos a matarem-me, a tossir sangue. Oh, podes safar-te durante algum tempo, mas depois há que pagar a conta. Estás a dar a ti própria o tratamento do silêncio, tal como queres dar a todos o tratamento do silêncio quando se trata deste assunto muito sensível. Por isso, vou dar-te o tratamento com sensibilidade. Vais ter de parar com isto antes que o teu corpo comece a gritar contigo por atenção. Vamos começar apenas com um pequeno passo de bebé. Começa a desenvolver uma consciência do que estás a fazer. Sem julgamentos. Sem falsos compromissos. Começa apenas a deixar que o que estás a fazer entre na tua consciência.

Billy

Consegui ver a bola de luz azul que o Billy identificou como sendo o irmão da Tex flutuando no canto do meu quarto. No entanto, não compreendi porque é que o Billy lhe chamou Patty Malone. O irmão falecido da Tex chamava-se Pat, mas o nome de família deles não é Malone.

Mais tarde nessa manhã, liguei à Tex. "O Billy veio ter comigo a meio da noite e trouxe o teu irmão Pat com ele." "A sério?" "E o Billy deu-me uma carta para ti. É do Billy e do Pat e de todas as pessoas do outro lado que te amam." "Oh meu Deus." "Por alguma razão o Billy mencionou o nome Patty Malone. Mas esse é um nome irlandês e a tua família é francesa, certo?" "Cá estamos nós outra vez", a Tex riu-se. "O Billy está a fazê-lo de novo. Malone não é o meu nome, mas a minha mãe era irlandesa — ela era uma Malone. E o pai dela, que era, claro, o meu avô, chamava-se Patty Malone. Portanto, a carta deve ser do meu irmão Pat e também do meu avô. Isto é incrível! Envia-me a carta por e-mail agora mesmo."

Eu estava hesitante. A Tex tinha quase sempre uma bebida numa mão e um cigarro na outra, mas eu nunca a tinha visto bêbeda. Tinha a certeza de que o assunto da bebida dela era proibido, mas segui em frente. "Ouve, Tex. Tenho de te dizer, a carta é sobre a tua bebida." A Tex ficou em silêncio.

Consegui sentir o gelo do outro lado do telefone. Estava definitivamente na hora de desligar; no entanto, enviei-lhe a carta do Billy por e-mail.

Esperei que isso não terminasse a nossa amizade.

VINTE E TRÊS

Som Cósmico

Finalmente, mesmo antes do Dia de Ação de Graças, o homem da UPS trouxe-me a caixa de cartão amolgada que continha os pertences do Billy. Estivera parada no stand da Mercedes desde a morte do Billy há dez meses. O Billy tinha estado a viver no seu velho Mercedes até o destruir na semana antes da sua morte. Tudo o que ele tinha naquele carro estava agora dentro da caixa de cartão de 25 por 48 por 33 centímetros, com as palavras "Não tocar" rabiscadas a marcador preto.

Coloquei a caixa ao lado da lareira, logo abaixo das cinzas do Billy. Não estava pronta para a abrir. Lembrava-me o velho Billy, aquele que se drogava, que tinha de viver no carro, que o espetou contra uma árvore, que poderia ter matado alguém. Ainda assim, estava curiosa. O que estaria na caixa que o novo Billy queria que eu tivesse?

Na manhã de Ação de Graças...

Porque não abrir a caixa no Natal? Falta apenas um mês. Acordarás com uma neve magnífica e será o meu presente.

Quando falo contigo, ouves a mesma voz a falar na mesma língua que sempre ouviste. Uso a minha voz de Billy para teu benefício, Princesa. Nós não usamos palavras onde eu estou. O Joseph e eu usamos telepatia para ouvir os pensamentos um do outro. Não são pensamentos, na verdade. São muito mais maravilhosos do que pensamentos. Estes "melhores-que-pensamentos" são como sinfonias tão magníficas que nem as consegues imaginar.

Na Terra, as pessoas dizem coisas por muitas razões. Às vezes querem dizer o que dizem, outras vezes não. Não há fingimento ou falsidade aqui. Não há competitividade ou ressentimento. Aqui, as nossas comunicações telepáticas preenchem-nos uns aos outros com beleza.

Falando de telepatia, sei que às vezes te perguntaste se existe música aqui. Há tantos clichés sobre anjos a cantar e harpas a tocar, e tens curiosidade em saber se alguma destas ideias é verdadeira. Bem, mais uma vez, só posso falar por mim. Não existem exatamente essas coisas onde eu estou. Aqui a atmosfera é preenchida por um som suave, ambiente. Não tenho andado a analisar, apenas a desfrutar, mas vou analisar um pouco para ti.

Há um nevoeiro constante de fundo que me lembra os sons naturais da Terra, como o vento ou a chuva ou as ondas do mar. É mais musical do que isso, no entanto, por isso tenho a certeza de que é criado por instrumentos de algum tipo. Os sons assemelham-se a violinos e violoncelos suaves e sonhadores, flautas e trompas e harpas. Também há ritmo aqui, mas não é constante. É uma pulsação que está constantemente a mudar.

Recentemente, comecei a notar que às vezes este nevoeiro irrompe numa pequena melodia e depois essa melodia desaparece rapidamente. Este fenómeno de melodia está a acontecer cada vez mais, e não consigo dizer se foi o som que mudou, ou a minha capacidade de o ouvir.

Já agora, se pudesses sintonizar, ouvirias estes sons cósmicos exatamente onde estás agora, porque eles existem em todo o lado. Não os consegues ouvir com os teus ouvidos normais, contudo — apenas com os teus ouvidos espirituais. Mesmo que os teus ouvidos normais pudessem ouvir a música, estão demasiado ocupados a ouvir cem milhões de outras coisas para ouvirem estes sons. Os teus ouvidos espirituais internos poderiam ouvi-los, mas também estão preocupados a ouvir cem milhões de pensamentos diferentes.

Dizem que uma imagem vale mais que mil palavras, mas neste caso, em vez de uma imagem, ofereço-te um ficheiro do iTunes. Certa música escrita pelo compositor Sibelius dá-te uma ideia de como é o som cósmico. O Sibelius estava definitivamente sintonizado com uma dimensão superior. Não estou a falar das suas peças mais sombrias, mas descarrega a música do cisne dele e repara em como as ondas de som irrompem em melodias. Isto dar-te-á uma pista do que eu oiço, exceto que o que eu oiço é infinitamente mais leve e sublime.

E às vezes, irmãzinha, de vez em quando, oiço uma voz, uma voz feminina distante a cantar nalguma língua que nunca ouvi e não compreendo. Esta voz tem o fascínio do que imagino ser o canto de uma sereia, mas a voz

não poderia pertencer a uma suposta sereia porque elas atraem os homens para a morte e, como sabes, eu morri há algum tempo [risos]. Este canto é tão inebriante que quando o oiço quero mais. Não estou habituado a querer nada, mas prometo-te que ninguém conseguiria resistir ao anseio por esta voz.

Música do cisne? Sibelius? Eu já tinha ouvido falar do compositor, mas não sabia nada sobre a música dele.

Fui ao iTunes, escrevi "Sibelius", encontrei uma peça chamada *The Swan of Tuonela* e descarreguei o ficheiro. As melodias fluíam para dentro e para fora de um nevoeiro sonoro ambiente e suave, tal como a música celestial que o Billy tinha descrito.

Afinal, *The Swan of Tuonela* é uma lenda finlandesa. O cisne branco sagrado nada no escuro e místico rio Tuonela, que separa este mundo do próximo. Era o mesmo papel que o Billy me tinha atribuído: navegar nas águas entre dimensões.

Enviei a música por e-mail ao Guru Guy juntamente com as notas do Billy. Ele enviou-me de volta um artigo sobre Sibelius que tinha aparecido na revista *New Yorker*, honrando o quinquagésimo aniversário da morte do compositor. O artigo dizia que Sibelius acreditava que parte da sua música vinha de uma fonte Divina. Também revelava que Sibelius tinha sido alcoólico.

Talvez a dependência de Sibelius tivesse sido uma parte essencial de quem ele era, tal como o Billy. Teria ele sido o mesmo génio sem isso? Quem pode dizer que deveria ter sido de outra forma — para qualquer um deles?

VINTE E QUATRO

A Caixa do Billy

Tal como o Billy tinha prometido, nevou no Natal. Acendi a lareira e, com ela, o efeito Billy iluminou a sala.

Feliz Natal, Annie. A chave que vais encontrar na caixa é um símbolo das chaves da vida que te ajudo a descobrir. Alguma vez te disse que casa adorável tens? Eu não tinha uma casa no fim. A casa, como dizem, é onde está o coração.

A primeira coisa que tirei da caixa foi uma lata azul amolgada e vazia com a palavra "Home" e um cisne pintado nela. O Cisne de Tuonela de Sibelius?

A seguir veio um monóculo.

Em honra do teu papel como o Sherlock Holmes do mundo de além, brincou o Billy.

A caixa continha fotografias emolduradas e álbuns de fotos da vida do Billy, antes da Venezuela. Havia também vários envelopes cheios de fotografias dele em Margarita; Billy com diferentes mulheres, Billy na água, Billy na praia, a sorrir e a divertir-se.

As coisas não parecem ter sido assim tão más para mim, pois não? Às vezes divertia-me bastante lá em Margarita. Nada de tão sério, certo?

Estávamos a rever as coisas juntos, a discuti-las. Embora o Billy estivesse algures do outro lado do Universo, ele também estava na sala comigo.

Havia CDs e alguns livros: *Sabbath's Theater* de Philip Roth, *The Language of the Heart* de Bill W. (o fundador dos Alcoólicos Anónimos) e *Living Each Day* do Rabino Twerski. Debaixo dos livros estavam quatro cadernos de espiral velhos e gastos. Eram os diários do Billy.

"Tu tinhas um diário? Posso lê-los?"

Eu dei-tos, não dei?

No fundo da Caixa do Billy, escondidos num canto, estavam um coração de quartzo rosa, uma caixa de comprimidos de madrepérola, a chave que o Billy disse que estaria lá e duas moedas dos Alcoólicos Anónimos.

A moeda de ouro era de White Deer Run. A minha melhor experiência de reabilitação. Mantive-me limpo durante oito anos depois disso.

A outra moeda era de prata. Tinha uma cruz e nela lia-se: "But for the grace of God" (Não fosse pela graça de Deus).

O meu mantra quando era vivo.

Enquanto eu examinava as coisas do Billy, a Tex ligou.

"Annie. Acho que vou para o Arizona durante um mês. Algures em Janeiro."

"São umas belas e longas férias."

"Na verdade, não são férias. Estou a ponderar a ideia de ir para a reabilitação."

Fiquei surpreendida; a Tex nunca me tinha sequer dado a entender que achava que tinha um problema. Meses antes, quando lhe tinha contado do que falava a carta do Billy, ela tinha-se transformado num cubo de gelo. Eu não lhe tinha dito nem mais uma palavra sobre o assunto.

"O que achas, Annie? É boa ideia?"

"Uma ideia fantástica."

Coloquei a chave, o coração, a caixa de comprimidos e as duas moedas dos AA na gaveta da minha mesa de cabeceira. Guardei os diários num cesto junto ao sofá da sala. Tal como a caixa em que vieram, eles lembravam-me o velho Billy e eu tinha medo de os ler. Passado uma semana, escolhi um diário com uma capa roxa e abri-o ao acaso. Dizia:

"À medida que o jardim cresce dentro de ti, rega as flores e não te esqueças que a areia do trabalho espiritual é apenas a areia na ostra que faz uma pérola. É o irritante que faz a pérola."

Não pode ser! Como era isto possível? Continuei a ler.

"Agradeço-te por esta vida bela que me deste com todas as lombas, com toda a areia. Estou a preparar-me para escrever o meu livro em breve."

Areia? Irritante? Pérola? Livro? Isto não é possível.

Lentamente, ao longo do mês seguinte, decifrei a caligrafia quase ilegível do Billy. Li sobre as suas lutas, os seus momentos mais sombrios, as suas aspirações e a sua intimidade com Deus:

"Quero desesperadamente melhorar, mas isso é na verdade secundário para mim. Deus está em primeiro lugar porque nenhum humano sozinho poderia ter-me tirado da Venezuela e ajudado a ficar bem de novo. Todo o bem, tudo isto, foi obra de Deus. Amo-te, Deus. Continua aí, por favor."

"Gostaria de ser um guia e ajudar os outros a polir o seu espelho para refletirem melhor as suas vidas. Usar algumas palavras belas que possam ecoar nas suas vidas, mantê-los no amor de Deus e ajudá-los a sentirem-se melhor na dificuldade. Posso ser um viciado, mas também sou sensível, carinhoso, intuitivo, inteligente e sábio. Mostra-me como levar estas ideias para o mundo."

"É assim que vou ajudar. Vou ser um autor e escrever um livro. O livro não será de natureza intelectual porque a vida e a sua plenitude são espirituais. Além disso, quero trazer o riso ao mundo. No meu livro direi apenas coisas para ajudar, não para vender às pessoas algo que pode ou não ser verdade. O meu livro será feito. Eu fá-lo-ei. Está nas Tuas mãos, Deus. Com amor, Billy."

"Querido Deus. À medida que o tempo se aproxima, sei que é realmente curto. Estou no ponto de viragem e a única coisa que resta é render-me à Tua grande sabedoria e força. Sou demasiado velho para ouvir quem quer que seja — oh sim — eu poderia ouvi-los, mas não o farei porque sei que os sonhos e vitórias pelos quais trabalhei na minha vida são para o bem, não para o mal. O único que chega a saber destas coisas és Tu, Deus. E acho que isso deve ser tudo o que importa. Com amor, Billy Fingers."

Passar pelos diários do Billy pôs-me numa montanha-russa emocional. Para me animar, o Billy jogava um jogo de esconde-esconde cósmico. Ele contactava-me telepaticamente, sem palavras. Quando o que me rodeava se tornava luminoso e mais vivo, eu sabia que ele estava perto. Também comecei a chamá-lo silenciosamente para ver se ele respondia. Nem sempre respondia, mas isso fazia parte do jogo: aprender a reconhecer quando ele estava lá e quando não estava.

VINTE E CINCO

Tex

Numa tarde ventosa de meados de Janeiro, quase um ano após a morte do Billy, enquanto eu me vestia, o Billy visitou-me.

A Tex vai para a reabilitação daqui a uns dias, e sei que tens estado a pensar que, quando te despedires dela hoje, vais querer dar-lhe algo significativo.

A verdade é que eu estive de olho na Tex desde o início. Ela é uma das tuas pessoas favoritas, e eu compreendo isso. A Tex é uma joia rara, com um coração mágico. Quando a conheceste, ela estava a cuidar da mãe doente. Esse episódio prolongou-se por anos. A Tex sempre gostou de whisky, mas na altura em que a mãe morreu ela estava a beber muito mais do que alguém percebia, inclusive ela própria. Depois começou a tomar alguns comprimidos juntamente com o whisky antes de ir para a cama. Uma manhã — uma manhã que felizmente nunca chegou — a Tex poderia não ter acordado.

Não é por acaso que a Tex é testemunha da criação deste livro e que muitas das provas a envolvem diretamente. Eu queria a confiança dela. Sabes, a Tex começou a falar comigo logo depois de tu lhe teres falado pela primeira vez das minhas visitas. Ela nunca imaginou na altura o que a esperava. Nunca soube do presente especial que lhe estava destinado.

A carta que enviei à Tex — bem, ela leu essa carta embora nunca te tenha dito nada sobre isso. Poderias dizer que o irmão dela, Pat, e eu fizemos uma intervenção do mundo de além. Continuámos a sussurrar ao seu ouvido, empurrando-a para a sua força, empurrando-a para tirar o algodão dos ouvidos e as palas dos olhos. A Tex é realmente ótima a salvar os outros, mas não tão boa a salvar-se a si própria.

Acho que está na hora de dar à Tex a moeda que lhe prometi, não achas? Seria a moeda dos AA de White Deer Run que chegou na Caixa do Billy. Está agora sentada na tua gaveta. Também podes dar-lhe uma das fotografias minhas que veio com ela.

Há quase um ano, antes da chegada dessa moeda na Caixa do Billy, antes de a Tex admitir que tinha um problema, lá atrás, eu disse-te que queria dar uma moeda à Tex e, vejam só, a moeda certa apareceu no momento exato.

Irá a influência do além e a moeda mudar a vida dela? Só a Tex pode responder a essa pergunta.

A Tex e eu encontrámo-nos no Starbucks para um café de despedida.

"O Billy disse-me finalmente que moeda te devia dar", disse eu. Coloquei a moeda de White Deer Run à frente dela na mesa.

A Tex pegou nela e examinou-a.

"É uma moeda de doze passos dos AA", disse eu. "Encontrei-a quando abri a Caixa do Billy. Ele não me disse que era para ti até há uma hora."

A Tex parecia chocada. Foi difícil para ela falar. A moeda fez com que a ida da Tex para a reabilitação parecesse destinada, e o Billy fazia parte desse destino. Quando lhe dei a fotografia do Billy, ela disse: "Acho que vou precisar dele."

Hoje em dia, a Tex ainda fuma, ainda bebe café preto, mas nunca tem uma bebida alcoólica na mão.

VINTE SEIS

A Moeda da Graça

Depois de dar a moeda à Tex, acordei a pensar nas palavras da segunda moeda que encontrei na Caixa do Billy: "There but for the grace of God... go I" (Não fosse pela graça de Deus... lá iria eu). Se a moeda da Tex era importante, calculei que a outra também devesse ser.

Eu sabia que aquela frase deveria expressar compaixão. Mas não implicava também "Céus, lamento que isso te esteja a acontecer, mas ainda bem que não me está a acontecer a mim?" Como é que a pessoa de quem estou a dizer isso se deve sentir? Significa que Deus me ama mais? Que tipo de mensagem era essa para o Billy me deixar?

Enquanto eu estava na cama a filosofar sobre o significado da frase, o Billy disse-me para olhar para a moeda real. Eu não a tinha tirado da gaveta desde que a pus lá pela primeira vez. As palavras escritas na moeda não eram as que eu tinha recordado. O que estava escrito era simplesmente: *But for the Grace of God*.

As palavras são palavras, e a sabedoria está além das palavras, mas as pessoas precisam de palavras para as suas mentes se agarrarem e apontarem o caminho além das palavras.

Vejam só, o que está realmente escrito na moeda? Simplesmente: "But for the grace of God". É só isso, tudo. Omitir três pequenas palavras dá um significado completamente diferente. O ditado que tu pensavas que te lembravas de ver, com as palavras extra adicionadas, é uma mensagem convincente, mas ligeiramente perturbadora.

A mensagem na moeda que te deixei, a que chamarei a moeda da graça, é algo completamente diferente. O fator graça em si, a situação de quão mais difícil a vida poderia ser, não fosse pela graça, é uma questão totalmente distinta. A moeda é para te dar consciência do fator graça.

Não fosse pela Graça de Deus... o que teria eu, ou sentiria, ou faria, ou seria?

Não fosse pela graça de Deus... quanto nos poderia acontecer em cada momento das nossas vidas?

Não fosse pela graça de Deus... eu nunca estaria a falar contigo agora mesmo, Annie. Nunca seria capaz de dizer obrigado — obrigado por me amares tanto.

E porque é que algumas pessoas parecem ter mais graça do que outras? Opa, pensaste que poderíamos simplesmente saltar essa pergunta tão difícil.

Aqui tens outro segredo para ti, minha irmã. Nunca podes medir o estado de graça de outra pessoa. Podes tentar colocar-te no lugar dela, mas nunca será a coisa real, a coisa verdadeira, a coisa da alma. A única vida que podes experienciar intimamente é a tua própria. Tudo o resto é apenas boato. Nunca presumas que alguém é afortunado ou desafortunado por causa da forma como as coisas parecem ser.

A fortuna ou o azar são apenas uma forma humana de medir. Eu posso atestá-lo. As pessoas normalmente não experienciam a graça a menos que ela lhes bata na cabeça com algum grande milagre. Elas não estão sintonizadas com os constantes pequenos milagres que se tecem dentro e fora das suas vidas todos os dias; milagres como respirar e ver e ouvir e andar e falar e pensar e ser capaz de sentir. É por isso que tantos caminhos

espirituais promovem o conceito de gratidão. Ajuda-te a notar a graça na tua vida.

Eu sempre achei o ato de dizer "obrigado" mais útil do que tentar ser grato. É muito mais fácil dizer um par de palavras do que tentar forçar-te a sentir algo que podes não estar a sentir.

"Obrigado" é uma mensagem elevada, possivelmente a mensagem mais curativa de todas. "Obrigado" alinha-te com a graça que vem do Universo da alma.

Nessa noite, ia encontrar-me com o meu amigo e produtor musical para jantar na cidade. Enquanto eu estava no táxi, o Billy disse-me para esperar alguma prova durante a refeição. Durante o prato principal, o Billy sussurrou-me ao ouvido: *Aqui vem ela*. O meu amigo mencionou então que, a caminho do restaurante, deu dinheiro a um sem-abrigo sentado no passeio. E acrescentou: "Não fosse pela graça de Deus."

VINTE E SETE

O Fluxo da Vida

A moeda de prata da graça estava suja e gasta. Enquanto a lavava e polia, lembrei-me de como, quando eu tinha seis anos, o meu pai me dava um dólar de prata todas as sextas-feiras à noite. Eu guardava estes tesouros numa caixa de sapatos prateada e brilhante com uma ranhura que o meu pai cortou no topo. Estava a poupar para uma viagem a Paris. Quando cheguei ao meu centésimo vigésimo nono dólar de prata, eles desapareceram todos, juntamente com o Billy. Chorei nos braços do meu pai pelas moedas perdidas, pela Paris perdida, pelo irmão perdido. A moeda da graça fez-me sentir como se o Billy estivesse a devolver-me os meus dólares de prata sob a forma de bênçãos.

Ainda assim, quando chegou o primeiro aniversário da morte do Billy, fiquei surpreendida com a tristeza que senti. O Billy, no entanto, estava a fazer uma festa.

Acabei de rever o meu Livro da Vida e passei para uma nova fase. Estou a usar a palavra "acabei" por tua causa. Na verdade, não é assim aqui. Aqui, cada momento flui para o seguinte, por isso acabas com aquele sentimento de "eternidade".

Como habitualmente, acordei do passatempo agradável de me tornar o Universo para me encontrar de novo no meu corpo de luz mais uma vez. Já agora, eu nunca confundo o meu corpo com o meu "eu", da forma que as pessoas na Terra fazem. Suponho que isto tenha algo a ver com a facilidade com que entro e saio dele.

De qualquer modo, quando acordei, estava sentado de pernas cruzadas junto a um riacho mágico. Este riacho é tão longo que parece continuar para sempre. Mas como não é muito largo, talvez com uns metros de largura, foi fácil ver o meu querido Joseph sentado do outro lado.

Isto não é um riacho no sentido habitual da palavra. Não tem nada que ver com água. É ao fluxo que me refiro aqui. Este riacho é feito de ondas ondulantes de luzes brilhantes: violeta, vermelho, amarelo, laranja, verde e azul. Estas cores sobressaem realmente porque este riacho é a única coisa neste local, e em redor toda a atmosfera é negra como breu.

A questão sobre este riacho é que ele se move com um fluxo de som encantado. Se tivesse de fazer uma comparação, diria que soa como carrilhões elétricos misturados com o eco final de um gongo de tom grave. Esta descrição, no entanto, deixa de fora a parte mais crítica, a característica mais importante deste riacho: o seu efeito místico. Se pudesses ouvir o riacho, minha querida irmã, mesmo por um segundo, provavelmente nunca mais sentirias medo ou raiva, nem voltarias a ficar perturbada. Talvez seja por isso que não o podes ouvir. A experiência na Terra destina-se a apresentar todos os tipos de emoções, e não faz mal. É como deve ser.

Enquanto me sentava perto do riacho, não fazia ideia do que ia acontecer ou do que era suposto fazer. Mais uma vez, o Joseph não me dirigiu, e isso é ótimo! Nunca gostei que as pessoas me dissessem o que fazer, especialmente porque muitas vezes me diziam que o que eu estava a fazer era errado. Já agora, não podes fazer nada errado aqui. Tal coisa não existe. O Joseph é o meu guia, não o meu juiz.

Ao início, fiquei ali sentado a ver as cores vibrantes a ondular para cima e para baixo. Mas não tardou muito até ter de fechar os olhos, sendo dominado pelo som sobrenatural do riacho. Ele puxou-me para mais fundo até nada existir exceto aquele som. Depois, aconteceu algo que tentarei humildemente transmitir.

À medida que o som do riacho se intensificava, eu ficava cada vez mais inebriado. Compreende, nesta dimensão, o meu sentimento momento-a-momento já é melhor do que qualquer coisa que possas imaginar. O Fluxo da Vida estava a aumentar o meu fator natural de êxtase.

Em breve, a minha "eu-icidade" começou a dissolver-se. Tal como o riacho, eu próprio me tornei ondulações de cores de arco-íris a tilintar, fluindo para a eternidade. Para usar uma expressão do meu tempo, foi muito psicadélico. Depois, vindo de alguma vizinhança ainda desconhecida dentro de mim, comecei a ouvir esta música inacreditavelmente deslumbrante. Ao início, ouvi apenas algumas notas de cada vez. Não eram notas comuns, porém. Tinham a doçura do que imaginarias serem vozes de anjos, mas não eram vozes. Os tons eram longos e lentos e fundiam-se uns nos outros. Depois, as notas começaram a encadear-se nestas melodias, melodias sagradas que sempre tinham estado lá, um segredo que a minha alma manteve escondido de mim até esse momento.

Depois, completamente sem aviso, a experiência tornou-se sensual. Senti-me físico de uma forma que não sentia desde a minha vida na Terra. Desfrutei novamente daquela espécie especial de prazer, a intimidade, o calor de ter um corpo, o corpo que era meu quando vivia na Terra. Mas se eu pegasse no melhor sentimento absoluto de estar vivo e o multiplicasse pelo infinito, enquanto estava sentado junto ao Fluxo da Vida senti-me ainda melhor.

Esta sensualidade não me fez sentir falta de estar vivo, contudo. De maneira nenhuma. O mistério da vida na carne, a satisfação particular que a alma desfruta quando está encarnada, estava a ser revelado. É apenas pelo deleite, o deleite das diferenças, os diferentes tipos de prazeres e até a dor.

O que é este Fluxo? Não tenho a certeza. Talvez seja o sopro da Fonte Suprema. Não posso dizer realmente. Mas o que direi, pequena querida, é que em algum momento no grande oceano do ser, a tua própria alma sentar-se-á na presença do Fluxo da Vida e tornar-se-á uma com ele. E ao ouvires as tuas próprias melodias, o mistério extático que é a vida também te será revelado.

Embora não tenha ouvido nenhumas melodias enquanto o Billy falava sobre o Fluxo da Vida, o meu hálito tornou-se doce como madressilva e ondas de prazer moveram-se pela minha coluna. Saboreando estas sensações, mas

consciente de que não durariam, perguntei ao Billy qual o segredo para a felicidade.

Tal como o Fluxo da Vida aumentou a minha inebriação, o prazer pode aumentar a tua alegria. As pessoas passam muito tempo em coisas que as tornam infelizes — foco a mais na areia da ostra. Para cultivar a alegria, presta atenção ao que gostas.

VINTE E OITO

Escritura Sagrada I

Comecei a testar a receita de felicidade do Billy. As coisas de que eu gostava não eram necessariamente coisas grandes. Demorava-me sobre a minha chávena de chá oolong matinal, desfrutando do seu calor na minha mão. Comprava um bouquet de jarros quando passava por uma florista, ouvia John Coltrane enquanto fazia o almoço, cantava para mim própria enquanto estava na fila de uma loja, focava-me no que mais gostava nos rostos das pessoas.

Prestar atenção ao que eu gostava tornou-se uma prática espiritual. O vento salgado contra a minha pele. As vozes das gaivotas. O sabor do chocolate, perfume francês, anémonas escarlates, o ronronar dos meus gatos. Tornei-me mais feliz muito rapidamente. O meu mundo estava cheio de coisas que me davam prazer; eu apenas não tinha estado a prestar atenção.

Em breve, o Billy tinha mais a dizer sobre o prazer.

Estou agora a receber o maior presente da minha jornada até agora. Estou a receber a minha Escritura Sagrada. Esta escritura não tem nada que ver com o tipo de lições que as pessoas na Terra pensam que estão a aprender. Não é sobre quem fez o quê a quem, ou se foste "mau" ou "bom". Na verdade, não tem nada que ver com as tuas ações de todo.

Esta escritura permite-me colher as recompensas da minha vida. Todos recebemos recompensas da vida que vivemos. Não importa como pareça à superfície, cada vida individual é valiosa de formas que não consegues imaginar ou decifrar enquanto estás vivo. Cada vida é um presente. Repara que não digo "oportunidade", porque isso significa que podes falhar ou ter sucesso. Além do conceito de fracasso ou sucesso, existe a vibração. A

vibração não pode ser contada em palavras. É a linguagem da música. Os cientistas que exploram a teoria das cordas estão no caminho certo. A Escritura Sagrada da vida de cada um é um fluxo sinfónico vindo da luz invisível da Fonte paradisíaca, se percebes o que quero dizer [risos].

Cada pessoa é um instrumento do Divino, compondo sinfonias cósmicas enquanto está na Terra. Alguma da música é melódica, alguma discordante, alguma brilhante e alegre, alguma lenta e melancólica. Não importa. Cada peça fará parte da tua própria serenata no pós-vida. Todos os teus esforços, os teus altos e baixos, serão uma melodia mística que não te apercebeste que estavas a trautear. Talvez, partilhar o que me acontece aqui neste mundo te ajude a sentir a tua música.

Encontro o Joseph dentro de uma nuvem de poeira multicolorida onde as estrelas nascem. Os astrónomos que estudam os céus nunca adinhariam que estão a olhar para lugares que habitarão um dia. Não vão precisar de telescópios ou naves espaciais ou instrumentos, no entanto. Simplesmente acontecerá naturalmente.

O Joseph e eu flutuamos lado a lado através da poeira estelar, enquanto ondas de luzes coloridas descem do alto. E, Annie, não há forma de expressar com precisão o que acontece a seguir, mas vou tentar.

À medida que as luzes me tocam, transformam-se em melodias. Estas melodias são evocativas; trazem algo de muito fundo dentro de mim. Trazem memórias. Não memórias do tipo terrestre. A música desperta um novo tipo de memória. O ruído e a estática do mundo desapareceram, e eu lembro-me apenas da alma do que aconteceu enquanto estava vivo. Eu vivo dentro da inocência e do deslumbramento no coração da própria vida.

O quotidiano tornou-se o miraculoso; o comum, extraordinário. Por exemplo, acordar. Experiencio todas as mudanças que ocorrem em mim à medida que mudo do mundo dos sonhos para a vida desperta. Acho que nunca senti realmente a grandeza de acordar ou adormecer, ou de respirar ou rir, chorar, cantar, dançar ou fazer amor. Estas memórias carregam a glória fugaz, o doce néctar que é agora o presente do Divino para a minha alma. Elas explodem em mim com o propósito sem propósito da criação, o anseio do invisível por se tornar o fruto e o néctar. Dentro desta música, torno-me a essência no coração da bem-aventurança.

No meu próprio estado de bem-aventurança terrestre, quase consegui chegar à caixa do correio. Lá dentro estava um envelope pelo qual eu esperava. Após mais de um ano, a companhia de seguros do condutor que atropelou o Billy enviou-me dez mil dólares pelo acidente que terminou com a vida do meu irmão. Depois de liquidar as dívidas dele, restariam alguns milhares de dólares. Pensei em comprar um anel para me lembrar do Billy. O Billy, no entanto, tinha outros planos. Quando tirei o cheque do envelope, ele sussurrou: *Vai à Jamaica*.

O Billy viveu uma vez na Jamaica e adorou estar lá. Enquanto contemplava sentir o sol e banhar-me na água azul e morna, ocorreu-me uma ideia. Podia levar as cinzas do Billy para a Jamaica e espalhá-las no seu lugar favorito no mundo, Dunn's River Falls. Espalhar os seus restos mortais nas águas mornas das cataratas, onde as pessoas se divertem todos os dias, parecia perfeito, exceto por um detalhe.

Há quinze anos, a única vez que visitei a Jamaica, tinha ido a Dunn's River. Foi uma viagem horrível. Após um passeio de barco angustiante que incluiu um motor avariado e medo de me perder no mar, cheguei às cataratas perturbada e exausta, tão instável que mal conseguia manter-me de pé.

Tinha esperado uma cascata suave caindo numa piscina límpida, rodeada por flores brilhantes da selva. Em vez disso, encontrei-me na base de uma catarata monstro de cento e oitenta metros que se esmagava sobre rochas íngremes, irregulares e escorregadias. Não sou particularmente atlética, e subir aquelas rochas escarpadas enquanto a água jorrava sobre elas parecia loucura. Subi a longa escadaria de madeira e terra que corria ao lado da catarata e, assim que cheguei ao topo, apanhei um táxi de volta para o hotel.

A perspetiva de subir a catarata para dar ao Billy um funeral digno era outra questão completamente diferente. Nenhum obstáculo era demasiado grande para superar. Eu subiria a catarata em honra dele e espalharia as suas cinzas pelo caminho.

VINTE E NOVE

O Funeral

Em Março, deixei o mundo cinzento e gélido do leste de Long Island e voei para a Jamaica. Assim que cheguei ao aeroporto de Montego Bay, o efeito Billy entrou em ação. O Billy e eu éramos diferentes no que tocava a viajar. Ele era extrovertido e caloroso; eu mantinha-me reservada. Mas esta viagem foi diferente; assim que o meu pé tocou o solo jamaicano, todos pareciam amar-me e o sentimento era mútuo.

Desempacotei e coloquei a bolsa de seda vermelha que ainda continha as cinzas do Billy numa bandeja em cima da cómoda do hotel. Na quarta manhã da minha viagem, o Billy acordou-me.

Hoje é um bom dia para um funeral. Eu abençoo-te enquanto tu me abençoas a mim. O teu ato de espalhar os meus restos mortais em Dunn's River Falls trazer-me-á o teu amor, especialmente porque a tua última visita lá não correu lá muito bem [risos].

E embora saibas quão difícil será, talvez até impossível, estás determinada a colocar as minhas cinzas nessas águas. Quero que saibas que, quando colocares os meus restos mortais na catarata, eu vou senti-lo, Annie. Vou sentir o amor por trás do gesto.

Sei o quanto queres fazer isto, mas quero que saibas que não faz mal se não subires as quedas de água. Repito. Subir as quedas não é necessário. Sem pressão. Está bem?

Hoje, durante o meu funeral, haverá um sinal. E depois do funeral, receberás uma bênção. Está dito.

O Billy tinha-me deixado num estado de espírito brincalhão. Pela primeira vez na vida, pedi-lhe algo específico. Estava a planear contratar um guia privado para me levar catarata acima.

"Podes fazer algo especial com o meu guia? Talvez o nome dele pudesse ser William em tua honra."

O Billy não disse nada. Depois perguntei-lhe se devia deixar a minha pulseira de contas de prata no hotel para não a perder. Eu adorava aquela pulseira; tinha pertencido ao meu professor de meditação. Nunca tirava aquela pulseira do pulso.

Se a catarata levar a tua pulseira, será algo bom, foi tudo o que o Billy disse.

Coloquei a bolsa de seda vermelha numa mochila pequena e apanhei um táxi para Dunn's River. A primeira coisa que vi quando cheguei foi uma figueira-banyana com cerca de seis andares de altura. A Tex tinha escrito uma história sobre uma banyana, e eu queria muito ver uma um dia. "Este deve ser o sinal de que o Billy falava", pensei.

Aluguei sapatos de borracha especiais para escalada, depois segui as setas até à cabana onde os guias privados ficavam. Cerca de uma dúzia de homens em t-shirts vermelhas estavam sentados, a comer, a fumar, a jogar cartas, à espera de trabalho. Um guia estava sentado sozinho a um canto, a olhar para longe, com um ar desanimado. A mulher encarregada virou-se para ele e disse algo que não consegui ouvir. O guia olhou para ela, abanou a cabeça e desviou o olhar. No breve vislumbre que tive do seu rosto, algo nele lembrou-me o Billy.

“Desculpe. Poderia vir aqui, por favor?”

O homem aproximou-se, contrariado. O nome dele estava impresso a letras pretas na frente da t-shirt. O nome Willie era muito próximo de "William". E embora fosse óbvio que o guia queria estar sozinho, eu disse: “Willie, você é a pessoa certa. Eu sei disso.”

Levei-o para um lado. “O meu irmão morreu há cerca de um ano e vou fazer-lhe um funeral hoje. Ele adorava a Jamaica e adorava esta catarata. Quero colocar as cinzas dele na água e depois subir a catarata para o honrar.”

Isso captou a atenção dele.

“Sou terrível nestas coisas, provavelmente a pior alpinista que alguma vez teve. Tenho medo de escorregar e de me matar. Preciso de alguém especial para me ajudar.”

Uma mudança ocorreu no Willie. “Não se preocupe, querida. Eu ajudo-a”, disse ele.

A subida é sempre feita da base da catarata até ao topo, por isso descemos as escadas até à praia onde a gigantesca queda de água mergulha no Caribe. Olhei para cima, para a água a ribombar sobre as rochas íngremes e disse ao Willie: “Não há maneira de eu conseguir fazer isto.”

O Willie pegou na minha mão e começou a puxar-me para dentro da água estrondosa. Ele estava a ir depressa demais. Ele lembrou-me o Billy, sem dúvida — o Billy e as suas formas imprudentes. Soltei-me do aperto do Willie e, enquanto ele começava a subir a catarata, caminhei pelos degraus ao lado dela, observando.

Quando o Willie chegou ao local onde as quedas formavam a primeira piscina, parou e avançou pela água em minha direção. "Venha, querida. Venha. Vamos pôr as cinzas aqui."

Estava aterrorizada, mas peguei na mão do Willie, recorri a todo o meu amor pelo Billy e entrei na piscina. Tirei as cinzas da mochila e espalhei-as na água que o meu irmão tanto amava. Senti o Billy nos raios de sol que brilhavam sobre nós. Chorei... e sorri... e chorei mais um pouco. O Willie também derramou uma lágrima ou duas.

Depois o Willie carregou-me para uma rocha onde nos sentámos os dois e deixámos a água correr sobre nós. Senti-me purificada. Tinha finalmente dado ao Billy o funeral que ele queria.

O Willie pegou na minha mão, mas desta vez não era a mão do Billy selvagem e descuidado; era a mão do Billy "filho da natureza", que tinha o passo firme e seguro, que conseguia saltar de rocha em rocha com facilidade e ajudar-te a fazer a subida.

"Se eu subir, vou escorregar, Willie", disse eu. "Vou partir uma perna, ou pior. Vou rachar a cabeça."

O Willie disse: "Eu não a deixo cair, querida. Prometo." "Não consigo. Simplesmente não consigo fazer isto." "Consegue", continuava ele a dizer. "Consegue."

Comecei a subir. Estava morrendo de medo. Mas pouco a pouco, com a ajuda do Willie, ganhei confiança. Onde as rochas eram especialmente escorregadias e íngremes, agarrava-me ao Willie com tanta força que ele quase não se conseguia mexer. Estava a chorar e a agradecer-lhe durante todo o caminho.

Após mais de uma hora, chegámos à última piscina no topo e encostámo-nos às rochas.

"Esta é uma catarata muito espiritual", disse eu ao Willie. "E esta foi uma subida muito espiritual." "Sim, querida, muito espiritual."

Quando a nossa aventura terminou, o rosto triste do Willie estava agora a sorrir. Abraçámo-nos como velhos amigos e eu fui recuperar os meus sapatos.

Estava a ficar tarde e apenas as duas mulheres que trabalhavam na loja de aluguer de sapatos ainda lá estavam. Eu não conseguia conter o meu entusiasmo. Falei-lhes do Billy, de quanto ele amava a Jamaica, de como tinha vivido lá outrora e de como Dunn's River Falls era o seu lugar favorito na Terra. Disse-lhes que ele tinha morrido num acidente há pouco mais de um ano e que hoje eu tinha colocado as suas cinzas nas cataratas. Disse-lhes que o Willie era o melhor guia do mundo. Eu não teria conseguido fazer a subida sem ele.

Elas ficaram em silêncio. Depois, uma das mulheres disse: "O Willie tinha um irmão. Ele morreu mais ou menos na mesma altura que o teu."

"Como?", perguntei eu.

Ela hesitou. "Ele morreu na catarata."

Mudei de sapatos e corri a procurar o Willie.

"Oh meu Deus, Willie. Acabei de saber do teu irmão! Porque não me disseste? O que aconteceu?"

"Não queria estragar o momento para si, querida. Era o meu dia de folga e a minha família estava a fazer um piquenique aqui. O meu irmão mais novo tinha estado a beber demais. Eu estava a falar com a minha mulher e, de repente, ela fica com um ar perturbado. Voltei-me e vi o meu irmão lá fora nas rochas, a dançar e a palhaçar, a agir como um louco. Ele não tinha nada que ir para as quedas de água bêbedo daquela maneira! A coisa seguinte que soube foi que ele escorregou e bateu com a cabeça. Aconteceu perto da piscina de baixo, onde pusemos as cinzas."

Portanto, este dia tinha sido uma espécie de funeral duplo. Quão intenso deve ter sido para o Willie ouvir-me implorar-lhe para não me deixar escorregar.

"Eu vi tudo. Vi-o morrer. Ainda dói tanto", disse o Willie.

Tirei a pulseira de prata do meu pulso e coloquei-a no do Willie. Depois levei-o até à figueira-banyana. Sentámo-nos debaixo dela, enquanto eu segurava a mão dele e lhe contava a minha história sobre o Billy e sobre como ele falava comigo desde que tinha morrido.

“Obrigado, querida. Muito obrigado”, disse o Willie. “Nos últimos dois anos sinto que a morte tem andado a perseguir-me. A minha irmã morreu pouco antes do meu irmão, e o meu pai morreu na semana passada. Mas hoje foi uma espécie de milagre. Obrigada e agradeça ao seu irmão por mim.”

O Willie e eu demos as mãos enquanto caminhávamos por entre as árvores e flores. Ele parecia uns dez anos mais novo do que quando nos conhecemos. Um flautista e um guitarrista apareceram do nada e seguiram atrás de nós. Íamos quase a dançar pelo caminho, como crianças.

“Adeus, querida”, disse ele. “Nunca me esquecerei de si, nem do Billy.”

Olhei uma última vez para o Willie, memorizando o seu rosto, pus um maço de dinheiro na mão dele e entrei num táxi.

Quando regressei ao meu hotel, caminhei até à praia. O mar estava polvilhado de pequenas flores roxas e brancas até onde a vista alcançava. Não havia flores na areia, apenas na água. Não havia explicação razoável para este fenómeno. Enquanto eu nadava por entre as pétalas, senti que estava a flutuar através de bênçãos de outro reino. Continuava a ver o rosto feliz do Willie e soube com certeza que as minhas experiências com o Billy se destinavam a ser partilhadas.

Parte Três

Da Alma ao Espírito

TRINTA

A Morte das Memórias

Depois de regressar a Nova Iorque, o Billy disse-me para telefonar à sua ex-mulher e contar-lhe sobre a minha viagem à Jamaica. Eu estava hesitante, mas o Billy insistiu. Disse que ela tinha algo para mim.

Fiz a chamada. A conversa foi agradável. Alguns dias depois, chegou uma foto pelo correio. Era do Billy, a sorrir, de pé nas águas impetuosas de Dunn's River Falls. Emoldurei a foto e coloquei-a ao lado do meu computador para não me esquecer do que tinha acontecido na catarata. A transformação do Willie foi demasiado perfeita, demasiado inspiradora para ser acaso. Os eventos em Dunn's River mudaram o meu desejo de manter a experiência com o Billy em segredo.

O Billy esteve ausente durante bastante tempo. Por esta altura, eu já estava habituada às suas vindas e idas e aguardava com expectativa o que quer que fosse o próximo passo na sua agenda. Numa manhã de Maio cinzenta, juntamente com o tamborilar da chuva...

Ainda aqui estou, ainda a falar contigo de uma distância desconhecida e indizível. Ainda aqui estou, embora logo após o meu funeral na Jamaica, tenha tido outro tipo de funeral. Passei pela morte das minhas memórias.

Na Terra, nós estimamos as nossas memórias, e não faz mal. É como deve ser. Mas tens de compreender, onde eu estou não há desejo de nos agarrarmos a nada, de nos prendermos ao passado. Estranho como o Joseph e eu revimos a vida que vivi com tanta devoção, simplesmente para nos libertarmos dela no fim. Suponho que eu estava a soltar as minhas memórias. Agora, continuo a ser eu, menos a minha experiência. E posso dizer com alguma autoridade que é deliciosamente libertador.

Quando digo que as minhas memórias desapareceram, não quero dizer que não me lembre de coisas sobre a Terra; lembro-me. Mas o que me aconteceu lá, os meus laços com aquela vida em particular, foram agora desatados — exceto, ou seja, por ti, minha irmã. E esse é um "exceto" muito grande e invulgar — como se estivesse a ser feita uma exceção por causa do livro.

Como morreram as minhas memórias? Eu andava a flutuar na poeira estelar à espera que a minha Escritura Sagrada me levasse para a minha próxima memória quando uma luz branca pura desceu sobre mim. Geralmente, a luz era multicolorida. Além disso, o Joseph não apareceu para o espetáculo de luz como costumava fazer. Estes eram indícios de que algo diferente estava a caminho.

Quando a luz branca me tocou, tornou-se numa memória muito específica: a memória de milhares de pequenas luzes brancas a entrarem e saírem do meu corpo gasto de sessenta e dois anos, soltando a minha alma do meu eu físico. Eu já tinha visto estas luzes antes. Na minha memória de nascimento, este mesmo tipo de luzes vinculou a minha alma ao meu corpo de bebé. Acho que a minha morte foi muito mais fácil para elas [risos].

No coração da minha memória de morte, vi-me a correr com os braços esticados para cima, os meus olhos voltados para o céu noturno, dizendo uma oração enquanto corria em direção ao carro em alta velocidade. Quando o carro bateu, senti uma libertação enorme enquanto passava por outro tipo de morte. A minha Escritura Sagrada tinha-se cumprido e todas as minhas memórias explodiram como uma supernova.

A explosão das minhas memórias projetou-me pelo espaço. Movi-me através de um céu sem estrelas, passando por formas enormes que pareciam Seres de algum tipo. Passei por eles tão depressa que não posso dizer com certeza o que eram. E aquela voz feminina magnífica de que te falei guiou-me como um radar através da escuridão, puxando-me para longe do meu passado.

Deixar para trás as memórias é percorrer uma grande distância. A perda da experiência, dos lugares, das pessoas — é isto que tememos na morte. Mas não te preocupes. Estás mais do que pronta para isso quando chegar. Se estivesses num jardim perfumado, cheio de todo o tipo de flores e plantas deliciosas, e na tua mão tivesses uma foto amarrotada a preto e branco de algum lugar de que te lembras vagamente, incomodar-te-ia se perdesses essa foto? Quaisquer memórias que eu tivesse, mesmo as melhores, não se podem comparar com o aproximar-me da Fonte. E é isso que está a acontecer. A minha jornada está a levar-me para mais perto da Presença Divina.

Lá longe, ao longe, vejo um disco radiante de luz. Esta é uma luz que nunca tinha visto antes. A Presença Divina parece ter-se reunido numa luz branca pura e concentrada. À medida que me movo em direção a esta luz, ela

chama-me — não o "eu" que fui na Terra. Chama-me pelo meu nome de alma, a alma que eu era antes de deixar os Mundos Superiores para ir para a Terra.

Pela primeira vez, a voz do Billy não veio da direita. Veio diretamente de cima de mim e entrou pelo topo da minha cabeça através do que parecia um funil. Uma luz violeta brilhou através deste funil e iluminou uma pequena área dentro do meu cérebro, fazendo-me sentir hiper-alerta.

Eu tinha conhecimento do antigo sistema indiano de chakras, ou centros de energia no corpo, mas nunca tinha pesquisado muito sobre eles. Agora, fui à Internet e pesquisei "chakra da coroa". Aconteceu que um dos homólogos físicos deste chakra é a pituitária, a milagrosa glândula mestra no cérebro que regula muitas outras glândulas no corpo. Talvez o "ajuste" na minha pituitária fosse a razão de me sentir tão revigorada.

"Chakra da coroa" também trouxe estes resultados: luz violeta, comunicação com a alma, inspiração Divina, portal para as mais elevadas influências espirituais. Talvez, à medida que o Billy se afastava mais, ele comunicasse comigo através deste chakra.

Comecei a questionar-me, contudo. À medida que ele deixava as suas memórias mais para trás, ainda se lembraria de mim?

TRINTA E UM

Shvara Lohana

À medida que o meu chakra da coroa começava a florescer, senti-me a mover juntamente com o Billy em direção à luz. Comecei a apaixonar-me por tudo — e o sol, o céu, o mar, as árvores, as flores, os pássaros, as borboletas e o chão debaixo dos meus pés, todos pareciam amar-me de volta. Quando ia à cidade, pessoas que eram estranhas pareciam amigos. Mesmo que não fossem capazes de ver a luz, eu sabia que ainda se estavam a mover em direção a ela. A pura alegria da Presença Divina era o destino delas.

Enquanto o sol de meados de Maio nascia como um topázio no céu...

Bom dia, minha irmã. Aqui estou eu de novo, o teu repórter no local, vindo até ti de uma nova dimensão.

Pela primeira vez desde que morri, estou pisar solo firme, mas o chão aqui é como nada que alguma vez tenha visto. É luminoso e um pouco rugoso, como diamantes em bruto. Pensa em imagens da superfície da lua. Onde eu estou, a paisagem também é nua e rochosa, com crateras e colinas, mas em vez de empoeirada, é cintilante e translúcida. Tudo neste mundo joalheiro parece feito de luz cristalizada, até o céu cor-de-rosa.

Agora, neste preciso momento, enquanto falo contigo, aquela voz assombrosa está a tornar-se cada vez mais alta e uma névoa cor-de-rosa está a entrar. A névoa é tão perfumada que, se eu fosse capaz de desmaiar, seria o que estaria a fazer.

Subitamente, de uma só vez, estou à frente da mulher mais bonita que alguma vez vi. Bonita é tão inadequado. Ela deve ser de uma espécie diferente ou um Ser Superior. Tem o dobro da minha altura e é muito esguia. O rosto dela é deslumbrante! É como uma pérola dourada com traços exóticos. Faz-me lembrar as deusas que adoram na Índia.

Os seus pés estão adornados com anéis e braceletes, e não tocam no chão. O seu vestido de safiras azuis brilhantes debruado com rubis ondula atrás dela. Tem um cabelo preto espesso até à cintura, e uma luz dourada circunda a sua cabeça como uma tiara. Já viste a lua quando está dourada? Essa é a única coisa na Terra que descreve vagamente a sua luminescência. Enquanto ela flutua no ar, as suas mãos movem-se numa espécie de dança mística.

Oh, Annie. Nunca estive apaixonado assim!

E sinto-me muito humilde. Eu estava um bocado convencido por estar morto, mas se isto tivesse acontecido logo de imediato... bem, eu não estava pronto para isso. Tive de ser preparado para este tipo de majestade.

Enquanto estou diante da minha Deusa, a minha aparência está a mudar. Estou a ficar mais alto e mais magro e, no geral, estou a ficar mais parecido com ela. Chamo-lhe a minha Deusa porque, de alguma forma, ela é minha.

Pela primeira vez, a minha Deusa move os seus lábios perfeitos de rubi. A dela é a voz inebriante, semelhante a uma flauta, que tenho ouvido este tempo todo. Ela canta-me o seu nome: Shvara. Preenche-me como um perfume misterioso que tenho procurado para sempre.

Shvara sorri um sorriso tão deslumbrante e poderoso que, se pudesse haver um sorriso assim na Terra, todas as guerras acabariam e todos parariam o que estão a fazer para ir alimentar as crianças famintas. É assim tão poderosamente bom. Não tenho a certeza de que pudesse ter suportado o poder desse sorriso antes deste momento.

Depois, a minha Deusa canta-me o seu nome completo: Shvara Lohana.

Pertenço eu realmente à mesma tribo que esta Deusa magnífica? Tento controlar-me mas tenho de perguntar: "Isso significa que estarei contigo para sempre?"

O sorriso dela deslumbra-me. "Nesta dimensão, o para sempre é mais longo do que podes imaginar."

Admito que isso soou dececionante, mas ela não disse exatamente que não, certo?

Desta vez, ouvir o Billy através do meu chakra da coroa abriu as suas pétalas numa flor luxuriante. À medida que a beleza de Shvara entrava na minha alma, o meu coração bateu tão depressa que pensei que pudesse rebentar. Em vez disso, derreteu-se como uma vela acesa, enchendo-me de uma graça fundida.

Pesquisei na Internet para ver se o nome Shvara tinha algum significado. Fiquei fascinada ao saber que Shvara é a forma curta de Ishvara, uma palavra em sânscrito, sendo o sânscrito a língua sagrada da antiga Índia. Portanto, a descrição que o Billy fez de Shvara como uma deusa indiana não foi

coincidência. O que mais me encantou, porém, foi descobrir que na tradição hindu Shvara significa Senhor Supremo. E quando Shvara assume uma forma feminina, ela é nada menos do que a Deusa Suprema, a única Deusa acima de todas as outras.

Estas fórmulas não dizem respeito a regras morais; elas mostram como a tua energia se move através do Universo. A tribo Lohana foca-se na liberdade e na descoberta da verdade através da experiência pessoal, em vez de seguir o que os outros dizem ser o caminho certo.

As fórmulas também remetem para um grande mistério. Porque haveria uma alma de esquecer as suas origens elevadas, revestir-se de um corpo e deixar os Mundos Superiores pela Terra, que é muito mais difícil?

Bem, minha querida, porque a alma ama a experiência e não teme o sofrimento. A alma sabe que nunca pode ser ferida. Isto não significa que não seja natural que as pessoas prefiram o prazer à dor. Isso faz parte do plano. E até deixares o teu mundo, nunca compreenderás totalmente todos os porquês.

Eu nunca fui fã de dor e sofrimento, mas o meu cenário de fim de vida na Terra estava cheio disso. Poderias pensar que, por ter sofrido tanto, eu falhei, mas isso não seria verdade. Embora a minha vida tenha terminado como uma ópera trágica, isso foi aceitável, querida.

Eu sei, Princesa. Estás a desejar que eu pudesse partilhar as fórmulas Lohana contigo, mas não tenho permissão para o fazer. Não te preocupes, Annie. Muita da sabedoria delas já está neste livro. Além disso, tu tens as tuas próprias equações que estão a ser escritas enquanto vives. E não te preocupes com elas, também. Não precisas de as decifrar. Segue apenas a tua quimera, o teu fogo eterno, e as fórmulas surgirão por si mesmas.

VINTE E DOIS

Patty Malone

... [Omitida a secção intermédia já traduzida anteriormente para manter o foco no novo texto] ...

TRINTA E DOIS

Desfile de Almas

Logo na manhã seguinte, enquanto os pássaros canoros chilreavam e o ar da primavera se enchia de doçura...

Shvara Lohana volta-se e um edifício rodeado de névoa aparece para onde ela está a olhar. Terá ela o criado com o seu olhar? Acho que não estava lá antes. Estou entusiasmado porque não vejo nenhuns edifícios desde que morri. À medida que a névoa se dissipa, consigo ver que o edifício é de um branco perolado e tem colunas enormes no estilo da arquitetura grega ou romana. É tão enorme que parece não ter princípio nem fim, e não é sólido. Ondula. Uma ponte está a formar-se de onde estamos até ao Edifício Branco, por isso suponho que seja para lá que nos dirigimos.

Tudo isto é maravilhoso, tão maravilhoso, e é-o ainda mais porque estou completa e perdidamente apaixonado. Não posso ter a certeza, porque as minhas memórias desapareceram, mas acho que amei muitas mulheres no meu tempo. Tenho a certeza, porém, de que o que sinto pela Shvara é algo completamente diferente. Acho que se chama amor Divino. Se estivesse aqui com Jesus ou Buda ou qualquer outro Ser Supremo, provavelmente estaria a sentir muito amor por eles também, mas quem quer que tenha escolhido a Shvara Lohana certamente facilitou as coisas.

Fazendo movimentos de dança exótica com as mãos, a minha Deusa flutua pela ponte acima. Sigo-a com total devoção. Enquanto ela desliza à frente, os seus pés de uma graça inimaginável cativam-me. Poderia passar uma eternidade apenas a olhar para eles. Não são apenas bonitos; são benevolentes e inteligentes, tal como o resto dela.

Shvara olha para trás para mim, a sorrir. Estou tão contente por estar aqui, por descansar do trabalho feito na Terra e seguir a minha Deusa em direção ao Edifício Branco. À medida que nos aproximamos, vejo que há um número infinito de pontes que levam até ele. E pela primeira vez desde que

estou deste lado das coisas, vejo pessoas, como eu. Cada uma está a subir a sua própria ponte em direção ao Edifício Branco. Já não somos propriamente pessoas, somos almas. Cada alma assemelha-se ao Líder flutuante da sua Tribo.

À medida que as almas cruzam as suas pontes, fazemos um aceno uns aos outros ao passar, mas se estiverem a sentir o mesmo que eu, toda a atenção deles está no seu Líder. Estou a tentar notar o que posso para ti. É muito invulgar que eu seja capaz de relatar estes eventos, por isso trata esta informação como sagrada. Se podemos ou não colocar isto no nosso livro, eu far-te-ei saber.

Os Líderes das Tribos são Seres que não existem na Terra, e cada um deles é extraordinário. Todos têm a mesma luz dourada à volta das cabeças. Alguns são grandes guerreiros com escudos e espadas e corpos superpoderosos. Alguns Líderes parecem simples e humildes, exceto pelas suas enormes auras cor de joia que são mais de dez vezes maiores do que eles. Alguns parecem eruditos e carregam pergaminhos que se desenrolam e pairam atrás deles. Um Líder de Tribo tem cabelo laranja fluorescente e cavalga um leão vermelho gigantesco, ou talvez seja parte leão. Não consigo distinguir. Outro Líder parece ser uma mistura de homem, golfinho e sol.

Existem Líderes de Tribo que eu descreveria como deusas deslumbrantes, como a Shvara. Tenho tanta sorte por a minha Líder ser quem é. Mas suponho que todos se sintam sortudos, como se tivessem o líder certo.

Há um ritmo e uma sensação de celebração selvagem neste espetáculo. É como se estivéssemos todos destinados a estar aqui nesta altura e tivéssemos estado a ensaiar os nossos papéis por toda a eternidade.

Shvara Lohana tem estado a trautear suavemente enquanto subimos a minha ponte. Estou apaixonado por ela como nunca estive apaixonado. Quem me dera que pudesses ouvir a minha Deusa a cantar:

Nós somos o sonho do Universo
Nós somos o capricho do Infinito
O sopro e o soprador
O inimigo e o amigo
Se isto é ilusão
Curvar-me-ei a ela

Ava lo ke tash shvara
Ava lo Tara
Ava lo ke tash shvara
Ava lo Tara

A canção de Shvara preenche-me com o que chamarei, tão inadequadamente, de compaixão. Sinto uma tal ternura pelo desfile de almas que caminha em direção ao Edifício Branco. Cada uma tinha a sua própria história, as suas próprias lutas, o seu próprio caminho que as trouxe aqui.

Quão nobre é a jornada de cada ser humano, do Divino ao pó e de volta novamente. Quão bravo é entrar num corpo e dançar a dança da existência apenas para perder tudo o que imaginou ser verdade no momento da morte.

À medida que nos aproximamos do topo da ponte, a minha consciência está cristalina. Estou pronto, mas não sei para quê.

Quando o Billy começou a entoar suavemente as palavras da canção de Shvara Lohana, fiquei enfeitiçada. Pensei que ele estivesse a falar algum tipo de língua celestial e que me diria o significado mais tarde. Mas quando a canção acabou, ele pediu-me para fazer outra pesquisa na Internet.

As letras que eu não tinha entendido eram, novamente, palavras reais em sânscrito. Desta vez eram os nomes de Bodhisattvas, Seres Iluminados cuja missão é assistir a humanidade. Avalokiteshvara é o Bodhisattva da compaixão e Tara é a sua consorte. Tara brotou de uma lágrima que caiu do olho de Avalokiteshvara enquanto ele chorava pelo sofrimento da humanidade. Depois de o Billy ouvir a canção de Shvara, ele também parecia estar a partilhar da compaixão de Avalokiteshvara.

Quando falei ao Guru Guy sobre estes nomes, ele contou-me mais sobre o pergaminho pintado à mão que me tinha trazido do Tibete. Estivera pendurado na parede ao lado da minha cama nos últimos três anos. A figura de tom perolado, quatro braços, postura de lótus e coroa dourada, entronizada num arco-íris de flores de lótus cor-de-rosa era, de facto, Avalokiteshvara.

"Mas tu disseste-me que era Chenrezig", disse eu. "Chenrezig é o nome tibetano para Avalokiteshvara."

TRINTA E TRÊS

O Portal

Junho explodia em cor quando a janela para o mundo do meu irmão se abriu mais uma vez.

Quando a Shvara e eu chegamos ao topo da ponte, já não vejo os outros; eles seguiram por um caminho diferente. Estamos parados em frente a um portal construído na parede de pedra do Edifício Branco. As pedras ondulantes emitem um brilho iridescente, como se estivessem revestidas de madrepérola. Estão tão gastas pelo tempo que parecem estar ali desde o início dos tempos. Talvez estejam. A parede em si é tão enorme que não consigo ver o topo. Mas o portal é estreito e apenas um pouco mais alto que a Shvara Lohana. Não são as cores das pedras ou o portal que retêm a minha atenção, porém. São as fórmulas de sabedoria Lohana esculpidas nas pedras.

A minha Deusa conduz-me à parede cintilante. Ela segura as suas mãos delicadas a alguns centímetros da pedra e convida-me a fazer o mesmo. Isto é o mais perto que estive dela e, para minha surpresa, sou preenchido por conhecimento em vez de desejo.

Poeira cai em cascata no portal à medida que as minhas próprias fórmulas de sabedoria se gravam na parede. Quatro equações e o meu nome inscrevem-se na pedra. Que momento este! E embora não me lembre de como escrevi as minhas fórmulas, compreendo a sabedoria delas.

A minha Deusa deu-me conselho para as fórmulas de sabedoria que escrevi durante a minha vida. Ela permitiu-me ir à Terra e depois regressar aqui. Como crianças, saímos para ter aventuras no mundo. É um privilégio e vale a pena a dificuldade. Mas fica a saber que o reino benevolente para o qual regressei jaz além do sonho do mundo.

À medida que a poeira de pedra se dissipa do portal, Shvara confere-me uma bênção. Hotep! Hotep! Na área do meu terceiro olho, sinto uma satisfação tão mística que não há palavras para a descrever. Não consigo evitar chamá-la de volta, Hotep!

Agora oiço — as vozes da minha tribo, milhares de vozes beatíficas familiares, vindas de dentro do portal. Estão a cantar louvores para mim. Este louvor não é algo vão. É louvor pela minha alma que fez a jornada humana e louvor pelo meu regresso a casa. Memórias, memórias esquecidas da minha

família espiritual, estão a acordar, acenando-me para dentro do portal. A canção deles puxa-me para a passagem e, ao entrar, a luz no portal oblitera a minha visão. A única coisa que existe para mim é o coro de vozes místicas. Não os vejo; apenas oiço o cantar alegre da minha tribo acolhendo-me de volta, como a Oitava de Mahler.

O quê? A Oitava de Mahler? Que tipo de pista me estava o Billy a dar agora? Teria Gustav Mahler escrito uma oitava sinfonia? E, se sim, o que tinha ela a ver com o cantar da tribo do Billy?

O meu pulso acelerava enquanto pesquisava na Internet por respostas. Quando encontrei um vídeo no YouTube do final da Oitava Sinfonia de Mahler, o *Chorus Mysticus*, cliquei no botão de reprodução.

Um coro de centenas de vozes celestiais cantava uma música requintada cheia de luz. Olhei de novo para as notas do Billy. "A única coisa que existe para mim é o coro de vozes místicas... acolhendo-me de volta, como na Oitava de Mahler."

Fui para o meu terraço e ouvi o *Chorus Mysticus* vezes sem conta. Enquanto ouvia a música, também estava, de alguma forma, a ouvir a beleza das vozes do reino do Billy através do meu chakra da coroa. À medida que os dois coros se fundiam dentro de mim, fui projetada para um reino místico algures entre o mundo do Billy e o meu.

O Billy levar-me à Oitava Sinfonia de Mahler foi o crescendo cósmico da nossa comunicação, a manifestação suprema do mundo do Billy no meu.

Após meia hora deste esplendor, comecei a ler a letra do *Chorus Mysticus* que passava no vídeo:

Tudo o que é temporário é apenas um reflexo Aquilo que é inalcançável Aqui torna-se possível O indescritível Aqui acontece O eterno-feminino Atrai-nos para o alto Eterno eterno

Como era isto possível? As palavras ajustavam-se à história do Billy tanto quanto a música! Aprendi que o *Chorus Mysticus*, o final da Oitava de Mahler, é tocado quando Fausto é acolhido no céu. E embora Fausto tenha perdido a sua luta com o diabo, e embora a sua jornada o tivesse levado para longe do que a maioria das pessoas considera uma vida espiritual, no fim foi por causa da sua luta que os anjos foram capazes de levar a sua alma para o céu.

Conseguia sentir o Billy a sorrir. O meu irmão tinha-me trazido a esta história para resolver a questão mais desconcertante que eu tinha sobre o que lhe estava a acontecer. Como podia o Billy ir para um lugar tão elevado no pós-vida quando o fim da sua vida estava cheio de escuridão e desespero? Tal como Fausto, ele perdeu a sua luta com um demónio poderoso — as suas dependências. Agora o Billy estava a fazer-me saber que não fazia mal ele ter lutado; foi uma luta Divina.

TRINTA E QUATRO

Gruta do Lótus Dourado

Alguns dias depois, ainda a pairar pela Oitava Sinfonia de Mahler, reli o último conjunto de notas do Billy. Hotep? O que era aquilo?

Mais uma vez, o Billy tinha transmitido uma palavra de que eu nunca ouvira falar, mas que tinha um significado histórico antigo. Hotep, acontece, é a primeira palavra da *Fórmula de Oferenda do Antigo Egito*, uma bênção concedida aos falecidos no pós-vida. Hotep prepara a alma para participar do néctar divino dos deuses.

Incapaz de dormir enquanto a lua cheia iluminava o mundo escuro, saí para o ar da noite e encontrei o Billy à espera.

À medida que as vozes da minha tribo se desvaneciam e a minha visão regressava, fiquei surpreendido ao descobrir que, em vez de ser levado para dentro do Edifício Branco, estava parado num campo de rosas vermelhas e roxas. Mas Annie, nunca viste rosas como estas. As flores em tons de néon são dez vezes maiores do que as que tens na Terra, e são tão vivas que podes realmente vê-las a crescer.

Pela primeira vez desde que a conheci, Shvara Lohana não está comigo. Estou bem com isso, no entanto, porque a oiço cantar do outro lado do campo de rosas. Há uma espécie de orvalho a cair sobre as flores e também sobre mim. Estamos a ser banhados no perfume místico da minha Deusa. As rosas parecem estar a dançar enquanto as suas pétalas se abrem mais para absorver a sua fragrância. Eu provavelmente também pareço estar a dançar enquanto sigo a voz de Shvara através do campo cintilante.

Mais à frente, noto uma cúpula dourada de luz. À medida que me aproximo, vejo que é uma gruta. Imagens de flores estão esculpidas em redor

da entrada dourada, através da qual consigo ver a minha Deusa à minha espera lá dentro.

Shvara está a flutuar acima de um círculo de botões de lótus dourados que repousam num lago tranquilo. Fiel à sua natureza feminina, o amor da minha vida eterna mudou de roupa. Veste um vestido dourado, suficientemente diáfano para eu ver um vislumbre do seu corpo por baixo. Nunca me habituarei à sua presença ou à sua beleza. Os seus olhos semicerrados dão-lhe um ar sonhador e sedutor. Se eu não soubesse melhor, diria que ela está a flertar comigo.

Uma vez dentro da gruta, estou tão inebriado pelo perfume sagrado de Shvara que tenho de me deitar. De perto, consigo ver que, em vez de água, o lago de lótus está cheio de néctar leitoso.

Os olhos de Shvara Lohana abrem-se de par em par e ela começa uma dança sagrada. Gira lentamente e, quando volta ao ponto inicial, segura uma chama violeta. As suas ancas balançam para a frente e para trás e faíscas voam enquanto o fogo flui de uma mão para a outra. Cada movimento do corpo de Shvara satisfaz um anseio que faz tanto parte de mim que eu nem sabia que existia. Enquanto a minha Deusa dança, não há prazer no Universo que permaneça desconhecido para mim, ou por realizar.

Shvara desce e entoa algo sobre cada botão de lótus. Oito flores douradas abrem-se uma a uma. No coração de cada flor está uma chama de algum tom de roxo ou vermelho. Estas são as chamas das minhas vidas passadas.

As pessoas na Terra têm curiosidade sobre as suas vidas passadas. Querem saber quem foram, o que fizeram e com quem o fizeram. Eu contento-me apenas em ver as chamas das minhas vidas iluminarem as pétalas douradas das suas flores de lótus.

Shvara voa para o centro do círculo de flores e, com a sua boca de rubi pressionada contra a água leitosa, entoa:

Quanto maior o lótus Mais profundo o lodo Quanto maior o lótus Mais profundo o lodo

Um botão solitário, maior do que os outros, ergue-se do fundo do lago. Estou surpreendido. Este botão está coberto de lodo. Não vi sujidade de espécie alguma deste lado das coisas. A flor lamacenta estremece e floresce

na luz dourada da gruta. À medida que Shvara verte a chama violeta da minha última vida no seu coração, a crosta de lodo evapora-se. As pétalas de todos os lótus começam a mover-se como as asas aceleradas de um beija-flor. Elas giram e colidem e tornam-se puros clarões de energia enquanto as flores douradas das minhas vidas explodem. Estou a testemunhar a cerimónia que encerrará o meu ciclo de nascimentos.

Shvara ergue-se da explosão fumegante, deslumbrante como sempre. Oferece-me uma taça cheia do néctar leitoso do lago. Sabe a algo tão desconhecido que é difícil de beber. É doce, mas surpreendentemente pungente. Nunca poderias beber este elixir se não estivesses pronto. Eu estou apenas minimamente pronto, mas bebo.

À medida que a nuvem de fumo atinge o topo da gruta, forma um dragão dourado com olhos de fogo. Ele é feroz, mas não tenho medo nenhum. A devoção do dragão por mim é óbvia. Ele é o meu dragão, da mesma forma que Shvara é a minha Deusa.

O meu dragão serviu-me ao longo das minhas muitas vidas. O meu protetor veio ter comigo de diferentes formas: um animal de estimação amado, um golpe de sorte inesperado, o ato gentil de um estranho, um encontro casual que trouxe boa fortuna, o amigo que apareceu quando precisei de um — estas foram expressões da sua devoção.

Sinto uma gratidão tão profunda que quero honrá-lo de alguma forma. Verto o néctar da taça na minha mão e ofereço-lho. Enquanto o meu dragão bebe, sou dominado por um anseio. Este momento é um que eu gostaria de guardar.

O meu fiel dragão baixa a cabeça, toca com a sua testa na minha e, num ato selvagem e altruísta de coragem, rompe a gruta e destrói-a com o seu poder. Depois, o meu dragão desaparece como fumo que sobe.

Estou agora diante do grande vazio do Absoluto. Estou pronto para entrar no Vazio.

Mas, antes de continuar, quero dizer-te isto:

A vida é um impulso Divino e misterioso para ser provado e depois libertado. Embora tudo na tua vida esteja destinado a mudar, desejo que a doçura do elixir celestial que tu e eu partilhámos permaneça para sempre nos teus lábios.

Assumi uma forma para entrar no tempo. Entrei no tempo para participar na criação. Uma vez que o meu destino já não são os reinos terrestres, entrarei agora no grande Vazio e viajarei além do tempo.

Shvara pega na minha mão e ascendemos através de uma escuridão profunda. À medida que a minha Deusa me solta, sou impelido para o Vazio. Vou além da criação — antes do manifesto — fora do tempo. Estou a entrar num mundo de não-existência — sem luz, sem som, sem seriedade. Provei o elixir e não há medo.

Esta passagem escura está a levar-me para longe do mundo terrestre e de todos os níveis do pós-vida que percorri. Vou de algum lugar para outro lugar e nunca mais voltarei.

Estou a tornar-me a Plenitude no Nada.

A gota de chuva está a regressar ao oceano, mas não há oceano, há o nada. Não fiques triste, pois tal como sou o nada, sou também tudo: sou o Universo, sou luz, sou Lohana, sou alma, sou um rei, um toxicodependente, um santo e um mendigo.

Sou a Plenitude no Nada, o Nada na Plenitude. É isso que o Divino é — tudo e nada. Nasci e morri muitas vezes e, embora não vá voltar, eu voltei, porque sou tudo o que sempre foi e o que sempre será. Sou o sofrimento, sou a graça, sou a verdade, sou o jogo, o jogador, o cenário, o realizador e a audiência. E tal como a sombra nunca poderá ser a luz, a história que conto nunca poderá ser a Verdade Suprema, mas talvez através destas páginas possa haver um sabor momentâneo do elixir da eternidade.

Quando o Billy disse "Vou de algum lugar para outro lugar e nunca mais voltarei", ocorreu-me que ele se estava a despedir.

Caminhando junto à baía ao nascer do sol, conseguia sentir o Billy em todo o lado — na brisa suave da primavera, nas árvores em flor, na água azul-cinzenta. O espírito dele estava em meu redor, mas algo era diferente. Sussurrei o seu nome, mas não houve resposta. Eu não tinha acesso a ele.

Fiquei assustada. O Billy tinha-se tornado uma parte tão importante da minha vida. Ele era o meu mestre, a luz no meu caminho. Tornara-se normal ouvi-lo falar comigo, a brincar, a dar-me conselhos de irmão mais velho. Depois, ouvi a sua voz de muito longe... *Nunca te deixarei.*

Entrei no meu carro e conduzi até ao oceano, esperando que a sua vasta extensão me confortasse e me fizesse sentir mais próxima do Billy. Fiquei diante das ondas que quebravam e ouvi o Billy outra vez: *Nunca te deixarei...* e depois ele partiu.

Havia tantas coisas mais sobre as quais eu queria falar com ele, tanto mais que eu queria aprender. Tentei provar a doçura do elixir nos meus lábios como ele me tinha dito para fazer, mas não consegui. Eu queria mais.

TRINTA E CINCO

Irmãos da Luz Branca

O verão pareceu pálido e sem vida. Tentei trabalhar neste livro, mas estava demasiado triste. Queria o Billy de volta. As pessoas que sabiam sobre o Billy estavam maravilhadas com a minha experiência, mas para mim o livro não era tão importante como a nossa relação. E agora ele partira para sempre... fundido no vazio da não-existência.

O outono chegou. O Billy dizia frequentemente que a natureza cura. Suavizei a minha solidão caminhando no bosque, nadando na baía, banhando-me na luz da lua e das estrelas. Comecei a rever as notas do Billy. Como poderia estar triste? O Billy vive neste livro. Ele nunca partirá realmente porque agora faz parte de tudo o que existe, incluindo eu.

No final de Novembro, quando as árvores entregavam as suas folhas bronzeadas, mesmo antes do nascer do sol, vi um raio espesso de luz branca acima de mim.

Bom dia. A voz do Billy estava bastante mudada, o seu tom muito mais baixo. Percebi que ele falava comigo de algum lugar muito mais distante, mas ouvi-o claramente.

Um único remoinho de luz, mais branco do que qualquer branco imaginável, rompeu o Vazio para me puxar de volta à existência. Como um embrião num útero, tornei-me novamente a alma que viveu todas as minhas vidas.

O raio de luz impeliu a minha alma desincorporada para fora do Vazio e para uma região onde a luz é tão espessa que cai como neve. Movi-me através desta luz nevada, a luz que revela a natureza impecável do Absoluto, até chegar ao momento presente.

Ao longe vejo uma paisagem de montanhas cobertas de neve. De pé sobre os penhascos brancos estão figuras sombrias, mas as sombras são brancas em vez de escuras. As figuras parecem como se neve estivesse a cair das suas cabeças aos seus pés. Não consigo ver as figuras claramente. Os seus rostos e as formas dos seus corpos são uma tempestade branca e turva. Apenas as suas mangas volumosas e as suas mãos estão focadas. São longas e graciosas, e raios disparam das pontas dos dedos.

Reconheço estas figuras embora ache que nunca as vi antes. Estas sombras nevadas são Espíritos Supremos Elevados, a quem chamarei os Irmãos da Luz Branca. Chamo-lhes irmãos, mas existem fêmeas entre eles. E embora estes Seres Elevados não precisem de colher as recompensas de uma existência terrestre, alguns deles escolheram ir à Terra para trazer o conhecimento de que algo mais gentil, mais belo e maravilhoso é, de facto, a realidade suprema. Mahatma Gandhi e Martin Luther King eram da Fraternidade. A maioria dos Irmãos da Luz Branca nunca vai à Terra, mas a sua luz absoluta interage com o vosso mundo e protege-o. Se te focares na luz branca, tal como fazes com a minha voz, sei que a sentirás.

Há uma qualidade impessoal nestes Seres Supremos, mas isso não é negativo — é uma grande vantagem. Há uma pureza nisso. Isto é o que eu imaginei que seria estar na presença de Deus. Percebes, os Irmãos não são almas. São puro Espírito. Tal como os nossos corpos são os portadores das nossas almas, as nossas almas são as portadoras do nosso Espírito.

E nesta brancura resplandecente, a brancura do Absoluto, neste céu de todos os céus, estou prestes a despojar-me da minha alma.

Não é assustador de forma alguma. Se estivesses dentro de um fato espacial, como os que os astronautas usam, mesmo que seja o fato espacial mais fantástico, deslumbrante e com todos os extras, e mesmo que consigas ter aventuras selvagens e explorar coisas invulgares que nunca imaginaste, após algum tempo continua a ser um grande alívio tirar o fato.

Raios das mãos de vários dos Irmãos estendem-se e juntam-se às pontas dos meus dedos. Torno-me um com a luz deles, mas oh, quero que saibas, deves compreender, que eles, muito felizmente, não são eu. Eles são muito mais do que eu. Através deles, estou a tornar-me o primeiro impulso da Fonte Divina: Espírito. De pura alma, estou a tornar-me puro Espírito. E, como Espírito, deixarei o sistema da Terra e todos os seus céus e partirei para outro

Universo. Descartei o meu disfarce terrestre, a minha vida, o meu drama, a minha música; tudo está a ser deixado para trás, até a minha alma.

E enquanto parto para outro Universo, cintilando como um feixe de luz para o desconhecido, cintilando como uma chama de puro Espírito dentro e fora da consciência, cintilando de ser para não-ser e vice-versa, enquanto o faço, peço apenas estas coisas. Desempenha este papel por mim. Sê a Xerazade da minha jornada póstuma, continua a escutar a minha voz e sempre, sempre e para todo o sempre, recorda o meu amor.

SOBRE A AUTORA

Annie Kagan começou a escrever canções aos catorze anos. Aos quinze, foi contratada por um produtor da Columbia Records. Aos dezasseis, apresentava-se em cafés e clubes da cidade de Nova Iorque. Após dez anos como compositora e intérprete, Annie regressou à faculdade, licenciando-se com honras, e tornou-se Doutora em Quiropraxia com uma clínica privada de sucesso no Upper East Side de Manhattan. Atraída pelas tradições espirituais orientais, Annie estudou ioga e seguiu uma prática intensa de meditação. Seguindo a sua voz interior, deixou a carreira de médica e abandonou a sua agitada vida citadina em busca de serenidade numa pequena casa junto à baía, na ponta de Long Island.

Annie regressou à composição de canções, colaborando com o produtor Brian Keane, vencedor de prémios Grammy e Emmy. O elevado apreço de Brian pelas suas letras inspirou Annie a juntar-se a um workshop de escritores. Enquanto Annie escrevia o seu primeiro romance, o seu irmão Billy morreu inesperadamente e começou a falar com ela a partir do pós-vida. Ela sente-se entusiasmada por reunir os seus talentos como letrista, intérprete e curadora para tocar a vida de outros com as comunicações de Billy a partir do outro lado. Vive em Long Island.